

Universidade de Araraquara - UNIARA
Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação

WALLANCE MANOEL DA CUNHA

AS POSSÍVEIS CAUSAS DE BAIXA FREQUÊNCIA NOS CURSOS
MODULARES NOTURNOS DE UMA ESCOLA TÉCNICA DA REGIÃO DE
RIBEIRÃO PRETO

ARARAQUARA –SP
2020

Universidade de Araraquara - UNIARA
Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação

WALLANCE MANOEL DA CUNHA

AS POSSÍVEIS CAUSAS DE BAIXA FREQUÊNCIA NOS CURSOS
MODULARES NOTURNOS DE UMA ESCOLA TÉCNICA
DA REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação, da Universidade de Araraquara – UNIARA como parte das exigências para o título de mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação

Linha de Pesquisa: Processos de Ensino

Orientadora: Prof^a Dra. Maria Regina Guarnieri.

ARARAQUARA

2020

FICHA CATALOGRÁFICA

C98p Cunha, Wallance Manoel da

As possíveis causas de baixa frequência nos cursos modulares noturnos de uma escola técnica na região de Ribeirão Preto/Wallance Manoel da Cunha/Araraquara: Universidade de Araraquara, 2020.

115f.

Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação - Universidade de Araraquara-UNIARA

Orientador: Profa. Dra. Maria Regina Guarnieri

1. Baixa frequência escolar. 2. Fatores intraescolares e extraescolares.
3. Curso técnico modular noturno. I. Título.,

CDU 370

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Cunha, Wallance Manoel da. **As possíveis causas de baixa frequência nos cursos modulares noturno de uma escola técnica na região de Ribeirão Preto**. 2020. 115f. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação - Universidade de Araraquara-UNIARA

ATESTADO DE AUTORIA E CESSÃO DE DIREITOS

NOME DO AUTOR: Wallance Manoel da Cunha

TÍTULO DO TRABALHO: As possíveis causas de baixa frequência nos cursos modulares noturno de uma escola técnica na região de Ribeirão Preto

TIPO DO TRABALHO/ANO: Dissertação / 2020

Conforme LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998, o autor declara ser integralmente responsável pelo conteúdo desta dissertação e concede a Universidade de Araraquara permissão para reproduzi-la, bem como emprestá-la ou ainda vender cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta dissertação pode ser reproduzida sem a sua autorização.

Wallance Manoel da Cunha

Endereço completo: Rua José Sudano, 147 – Laranjeiras II – Taquaritinga/SP – CEP 15904-202

E-mail: wallance.cunha@etec.sp.gov.br



UNIVERSIDADE DE ARARAQUARA - UNIARA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROCESSOS DE ENSINO,
GESTÃO E INOVAÇÃO, ÁREA DE EDUCAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação apresentada no Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação da Universidade de Araraquara – UNIARA – para obtenção do título de **Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação**.

Área de Concentração: Educação e Ciências Sociais.

NOME DO AUTOR: WALLANCE MANOEL DA CUNHA

TÍTULO DO TRABALHO: "AS POSSÍVEIS CAUSAS DE BAIXA FREQUÊNCIA NOS CURSOS MODULARES NOTURNOS DE UMA ESCOLA TÉCNICA DA REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO"

Assinaturas das Examinadoras:

Conceito:

Prof.ª Dr.ª Maria Regina Guarnieri (Orientadora)
Universidade de Araraquara – UNIARA

Aprovado () Reprovado

Prof.ª Dr.ª Luciana Maria Giovanni Universidade de
Araraquara – UNIARA

Aprovado () Reprovado

Prof.ª Dr.ª Silvia Regina Ricco Lucato Sigolo
Universidade Estadual Paulista - UNESP

Aprovado () Reprovado

Versão definitiva revisada pela orientadora em: 06/05/20

Prof.ª Dr.ª Maria Regina Guarnieri (Orientadora)

Dedico aos meus pais, Ademar da Cunha (in memoriam) e Florinda Pinheiro da Cunha, que me ampararam nos momentos difíceis e me fortaleceram para que eu pudesse vencer todos os obstáculos desta caminhada e ao meu filho Pedro Lucas por ser meu eterno incentivo para me transformar em uma pessoa melhor.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por conceder-me o cumprimento de mais uma etapa na minha vida.

À minha orientadora Professora Doutora Maria Regina Guarnieri pela paciência, presteza, contribuição e dedicação na elaboração e conclusão desta dissertação;

Aos membros da banca, Professoras Doutoras Luciana Maria Giovanni e Silvia Regina Ricco Lucato Sigolo pelas excelentes contribuições feitas ao meu trabalho;

Às minhas irmãs Rosemary e Silmara, que de forma direta e efetiva contribuíram para a conclusão deste trabalho.

Aos professores e tutores pela orientação, disponibilidade e paciência ao decorrer de todo curso.

Aos colegas do curso por terem proporcionado uma agradável companhia e pela importante troca de conhecimentos.

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa reside em identificar e analisar os motivos que levam os alunos dos cursos técnicos modulares noturnos de uma escola técnica do interior paulista à situação de baixa frequência escolar (abaixo dos 75% de frequência). Esse tema da baixa frequência escolar, ou como a literatura tem tratado “infrequência escolar” é um problema que incide em todos os níveis educacionais, desde o ensino básico (comum e técnico) ao universitário. Dessa forma, essa pesquisa buscou responder às seguintes questões: Quais as principais causas da baixa frequência escolar nos segundos e terceiros módulos dos cursos técnicos noturnos de uma escola técnica do interior paulista? Essas causas se relacionam a fatores intraescolares, extraescolares e/ ou a fatores intrínsecos? Qual a percepção dos alunos que se encontram em situação de baixa frequência escolar?

Como apoio teórico recorreu-se aos estudos de Dubet (1997 e 2008), Charlot (2013), Lahire (1997), Costa (1994), Leão, Dayrell e Reis (2011) e Dayrell e Jesus (2016). A metodologia da pesquisa de base empírica é de natureza qualitativa envolvendo a descrição e análise de dados obtidos por meio de questionário online, respondido por trinta e cinco alunos dos segundos e terceiros módulos dos cursos técnicos noturnos, visando detectar as percepções desses sujeitos que se encontram em situação de baixa frequência escolar. Como resultado, verificou-se problemas relacionados às metodologias de trabalho em sala de aula, componentes curriculares que os alunos menos gostam (língua estrangeira), bem como a proposição de trabalho de conclusão de curso (problemas relacionados a fatores intraescolares) e situações que desmotivam os alunos a irem às aulas como o cansaço advindo das atividades relacionadas ao trabalho, e até mesmo por trabalharem no período de aula (fatores externos e intrínsecos). Os resultados sugeriram a necessidade de reorganizar o trabalho pedagógico em função do que os alunos apontaram, tanto no âmbito interno da sala de aula, quanto na escola. Conclui-se que tais fatores identificados, apesar de alguns terem pesos diferentes em relação aos outros, são indissociáveis, não sendo possível apontar para um motivo isoladamente.

Palavras-chave: Baixa frequência escolar; Fatores intraescolares e extraescolares; Curso técnico modular noturno.

ABSTRACT

The objective of this research is to identify and analyze the reasons that lead students of modular night technical courses at a technical school in the interior of São Paulo to a situation of low school attendance (below 75% attendance). This issue of low school attendance, or how the literature has treated “school infrequency”, is a problem that affects all educational levels from basic education (common and technical) to university. Thus, this research sought to answer the following questions: What are the main causes of low school attendance in the second and third modules of night technical courses at a technical school in the interior of São Paulo? Are these causes related to intra-school, extra-school and / or intrinsic factors? What is the perception of students who are in a situation of low school attendance?

As theoretical support, the studies of Dubet (1997 and 2008), Charlot (2013), Lahire (1997), Costa (1994), Leão, Dayrell and Reis (2011) and Dayrell and Jesus (2016) were used. The empirical research methodology is qualitative in nature, involving the description and analysis of data obtained through an online questionnaire answered by thirty-five students in the second and third modules of the night technical courses, aiming to detect the perceptions of these subjects who are in low school attendance. As a result, there were problems related to the methodologies of work in the classroom, curricular components that students least like (foreign language), as well as the proposal for the completion of the course (problems related to intra-school factors) and situations that demotivate students to go to class as fatigue arising from work-related activities, and even because they work in the classroom (external and intrinsic factors). The results suggested the need to reorganize the pedagogical work according to what the students pointed out, both inside the classroom and at school. It is concluded that such factors identified, although some have different weights in relation to the other, are inseparable, it is not possible to point to a subject in isolation.

Keywords: Low school attendance; Intra-school and extra-school factors; Modular night technical course.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Pesquisas produzidas sobre o tema localizadas na BDTD no período de 2000 a 2018

Tabela 2- Pesquisas produzidas sobre o tema localizadas na biblioteca digital da USP no período de 2000 a 2018

Tabela 3 -Pesquisas produzidas sobre o tema localizadas na biblioteca digital da UNESP no período de 2000 a 2018

Tabela 4- Pesquisas produzidas sobre o tema localizadas na biblioteca digital da PUC-SP(TEDE) no período de 2000 a 2018

Tabela 5- Pesquisas produzidas sobre o tema localizadas no site da Scielo no período de 2000 a 2018

Tabela 6 -Pesquisas produzidas sobre o tema localizadas no site da ANPED no período de 2000 a 2018

Tabela 7- Total das pesquisas produzidas sobre o tema nos bancos de dados consultados no período de 2000 a 2018

Tabela 8- Alunos Evadidos do 1° e 2° semestre de 2015 – Banco de dados do CPS (Tabulado pelo pesquisador)

Tabela 9- Alunos Evadidos do 1° e 2° semestre de 2016 – Banco de dados do CPS (Tabulado pelo pesquisador)

Tabela 10- Alunos Evadidos do 1° e 2° semestre de 2017 – Banco de dados do CPS (Tabulado pelo pesquisador)

Tabela 11- Alunos Evadidos do 1° semestre de 2018 – Banco de dados do CPS (Tabulado pelo pesquisador)

Tabela 12- Alunos Evadidos do 1° semestre de 2015 – Banco de dados do CPS – Etec BCBA (Tabulado pelo pesquisador)

Tabela 13- Alunos Evadidos do 1° semestre de 2016 – Banco de dados do CPS – Etec BCBA (Tabulado pelo pesquisador)

Tabela 14- Alunos Evadidos do 1° semestre de 2017 – Banco de dados do CPS – Etec BCBA (Tabulado pelo pesquisador)

Tabela 15- Alunos Evadidos do 1° semestre de 2018 – Banco de dados do CPS – Etec BCBA (Tabulado pelo autor)

Tabela 16- Dados do conselho final do 1° semestre de 2018 – alunos com baixa frequência

Tabela 17- Dados do conselho final do 1° semestre de 2018 – alunos com baixa frequência

Tabela 18- Diagnóstico sobre o excesso de faltas: idade e sexo dos sujeitos (Out./Nov.2018).

Tabela 19- Estado Civil / Renda familiar (Out./Nov.2018)

Tabela 20- Possui curso técnico / Superior (Out./Nov.2018)

Tabela 21- Relacionamento com Professores / Alunos (Out./Nov.2018)

Tabela 22- Relação Trabalho e Frequência (Out./Nov.2018)

Tabela 23- Relação entre Componente Curricular e Motivação (Out./Nov.2018)

Tabela 24- Tabulação de dados da pesquisa sobre o sexo dos sujeitos

Tabela 25- Tabulação de dados da pesquisa sobre a idade dos sujeitos

Tabela 26- Tabulação de dados da pesquisa sobre a renda familiar dos sujeitos

Tabela 27- Tabulação de dados da pesquisa sobre a remuneração dos sujeitos

Tabela 28- Tabulação de dados da pesquisa sobre cor/raça/etnia dos sujeitos

Tabela 29- Tabulação de dados da pesquisa sobre o estado civil dos sujeitos

Tabela 30- Tabulação de dados da pesquisa sobre se o aluno já fez curso técnico

Tabela 31- Tabulação de dados da pesquisa sobre se o aluno já terminou o ensino médio

Tabela 32- Tabulação de dados da pesquisa sobre se o aluno possui curso superior

Tabela 33- Tabulação de dados da pesquisa sobre se o aluno faz curso superior na modalidade EAD

Tabela 34- Tabulação de dados da pesquisa sobre se o aluno já fez Cursos Livres

Tabela 35- Tabulação de dados da pesquisa sobre o relacionamento com os professores

Tabela 36- Tabulação dos dados sobre o relacionamento entre os alunos

Tabela 37- Tabulação dos dados da pesquisa sobre a interferência do trabalho na frequência escolar

Tabela 38- Tabulação de dados da pesquisa sobre os componentes que mais gosta

Tabela 39- Tabulação de dados da pesquisa sobre os componentes que menos gosta

Tabela 40- Tabulação de dados da pesquisa sobre os componentes que deixa os alunos desmotivados

Tabela 41- Pesquisa sobre os componentes curriculares que os alunos têm mais dificuldades

Tabela 42- Justificativa dos alunos sobre os componentes curriculares que têm mais dificuldades

Tabela 43- Pesquisa sobre a metodologia de aula que mais gosta

Tabela 44- Pesquisa sobre tipos de aulas que você menos gosta

Tabela 45- Pesquisa sobre desentendimento com alunos/desmotivação

Tabela 46- Pesquisa sobre se havia se sentido perseguido por professores

Tabela 47- Pesquisa sobre se já se assediado na escola

Tabela 48- Pesquisa sobre se já se praticaram *bullying* na escola

Tabela 49- Pesquisa sobre excesso de eventos na escola

Tabela 50- Pesquisa sobre se já foi ofendido por algum professor na escola

Tabela 51- Pesquisa sobre se os professores exigem trabalhos extraclasse

Tabela 52- Pesquisa sobre a frequência escolar do aluno

Tabela 53- Pesquisa sobre a frequência com que falta às aulas por motivo de cansaço

Tabela 54- Pesquisa sobre incentivo familiar para o estudo

Tabela 55- Pesquisa sobre se gosta do curso que faz

Tabela 56- Pesquisa sobre o que levou a escolher o curso

Tabela 57- Pesquisa sobre as justificativas dos alunos para as faltas às aulas

Tabela 58- Falta às aulas e necessidades familiares

Tabela 59- Pesquisa sobre problemas relacionados à saúde dos alunos

Tabela 60- Pesquisa sobre desempenho escolar e desmotivação

Tabela 61- Pesquisa sobre a distância da casa até a Etec

Tabela 62- Pesquisa sobre a necessidade de transporte público

Tabela 63- Pesquisa sobre como o aluno se locomove para chegar à Etec

Tabela 64- Comentário dos alunos sobre os motivos da baixa frequência

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

AA - Açúcar e Álcool

ADM - Administração

ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

APOIA - Aviso Por Infrequência de Alunos

BD - Banco de Dados

MG -Belo Horizonte

BDTD - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

CE - Cálculos Estatísticos

CEB - Câmara de Educação Básica

CEET - Centro Estadual de Educação Tecnológica de São Paulo

CEETEPS - Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

CPS - Centro Paula Souza

CPP - Centro Psicopedagógico

CNE - Conselho Nacional de Educação

DS - Desenvolvimento de Sistemas

DHO - Desenvolvimento Humano e Organizacional

DD - Design Digital

EJA - Educação de Jovens e Adolescentes

EAD - Ensino a distância

ETIM - Ensino Técnico Integrado ao técnico

ETEC - Escola Técnica

FATEC - Faculdades de Tecnologia

GPA - Gestão de Procedimentos e Atividades

GPA - Gestão de Produção e Materiais

GFE - Gestão Financeira e Econômica

ITES - Instituto Taquaritinguense de Ensino Superior (ITES)

IP - Internet e Protocolos

LENI - Legislação Empresarial e Negócios Internacionais

LP - Legislação Previdenciária

LDB - Leis de Diretrizes e Bases da Educação

LTT - Linguagem, Trabalho e Tecnologia

MEC - Ministério da Educação

OCP - Operação de Controle de Processos

OPF - Operação de Processos Físicos

PTCC - Planejamento de Trabalho de Conclusão de Curso

PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

LPT - Previdência Tributária

PWI - Programação de Web

PPML - Psicologia e Processo de Motivação e Liderança

RH - Recursos Humanos

SCIELO - Scientific Electronic Library Online

SDECTI - Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação

SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SUE - Sistemas de Utilidades e Energia

TOC - Transtorno obsessivo-compulsivo

CETEC - Unidade e Ensino Médio e Técnico

UNIJALES - Universidade de Jales

USP - Universidade de São Paulo

UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Sumário

Introdução.....	15
1. Pesquisando o tema da baixa frequência escolar: apoios teóricos e mapeamento bibliográfico.....	22
1.1 Apoios teóricos.....	22
1.2 Mapeamento bibliográfico: o que dizem as pesquisas sobre a baixa frequência escolar... 31	
1.2.1. Visão geral das pesquisas.....	33
2. Educação profissional técnica de nível médio e a evasão nas escolas técnicas do Centro Paula Souza.....	42
2.1. Educação profissional , curso profissionalizante e cursos modulares.....	42
2.2. Uma breve história do Centro Paula Souza (CPS) e suas características.....	455
2.3. A situação da evasão escolar do Centro Paula Souza.....	46
3. A Evasão escolar e a baixa frequência na Etec em pesquisa: Um estudo preliminar.....	50
3.1 A evasão escolar na Etec estudada.....	50
3.1.1 Análise da baixa frequência no ano de 2018 nos cursos modulares noturnos.....	52
3.2 A baixa frequência na Etec em análise: estudo preliminar.....	54
4.A pesquisa realizada na escola em estudo e explicação dos dados em relação à perspectiva dos alunos.....	58
4.1 Questionário e tabulação dos dados da pesquisa.....	59
4.1.1 Perfil dos alunos pesquisados em situação de baixa frequência e síntese dos principais dados da pesquisa.....	88
4.2.Discussões dos Resultados.....	89
Considerações finais.....	93
Referências.....	95
Apêndices.....	101

INTRODUÇÃO

No intuito de relatar o porquê da escolha do tema a ser investigado em minha dissertação, vale a pena, contar um pouco da minha trajetória. Sou formado em Letras (Português / Inglês) pela Faculdade São Luís – Jaboticabal, SP (2002 a 2004) e bacharel em Administração pelo Instituto Taquaritinguense de Ensino Superior (ITES) – Taquaritinga, SP (2005 a 2009). Na sequência, concluí em 2011 uma pós-graduação lato sensu em Gestão Estratégica de Pessoas pela Faculdade São Luís – Jaboticabal, SP. Alguns anos depois, de 2015 a 2016, fiz uma Licenciatura em Administração pelo Instituto Federal de São Paulo – Campus Sertãozinho. Nesse mesmo período concluí a licenciatura em Pedagogia pelo Centro Universitário de Jales (UNIJALES).

Recém-formado em Letras comecei a carreira docente em 2005, quando tive uma breve passagem como professor de Língua Portuguesa em escolas municipais de Taquaritinga até 2006. Após trabalhar em outras áreas voltei a ministrar aulas - nesta mesma área - em 2009, lecionando em escolas estaduais até 2010. Em 2011 entrei no colégio educativo Anglo (Taquaritinga, SP), onde ministro aulas até hoje.

Também no ano de 2010 comecei a ministrar aulas no curso de Administração da Faculdade ITES, tanto na disciplina de Gestão e Negócios, quanto na disciplina de Língua Portuguesa. Em 2012, devido a compromissos com outras instituições, reduzi minhas aulas, ficando apenas com matérias específicas dos cursos de Administração e Agronomia, nessa instituição.

Na Escola Técnica Bento Carlos Botelho do Amaral (ETEC) – Guariba, SP comecei a ministrar aulas do componente curricular Gestão e Negócios em abril de 2012. Em 2014 assumi o projeto chamado “Inova Paula Souza”, no qual coordenava ações empreendedoras com grupos de alunos. No ano seguinte, coordenei também um projeto denominado “Biblioteca Ativa”, voltado principalmente a ações de incentivo à leitura, arte e música. Ainda em 2015, tornei-me coordenador dos cursos modulares noturnos do eixo de Gestão e Negócios, ao qual se vinculava as áreas de Administração, Logística e Recursos Humanos. No final desse mesmo ano fui nomeado Orientador Educacional, função essa que lida diretamente com qualquer assunto que envolva os mais de 500 alunos da unidade escolar. Permaneço até o momento nessa função.

Quanto à escolha do mestrado profissional na área da Educação, ela se deve à pretensão de obter dados sistematizados sobre a infrequência dos alunos e aplicar os

resultados da minha dissertação em uma das escolas em que leciono e, por isso, escolhi a linha de pesquisa Processos de Ensino. Dentro dessa área pretendo trabalhar com o tema da baixa frequência escolar com foco nos alunos dos cursos modulares noturnos de uma escola técnica da região de Ribeirão Preto. O motivo pelo qual pretendo abordar esse assunto está ligado ao fato de que as escolas técnicas do estado de São Paulo têm tido muita dificuldade para entender os principais motivos que levam um grande percentual de alunos a faltarem exageradamente dos cursos técnicos noturnos, principalmente, nos segundos e terceiros módulos. E fazendo um estudo aprofundado pode-se obter explicações mais adequadas sobre tal problema e propor alternativas que possibilitem reverter tal situação. Dessa forma, essa pesquisa pretende analisar se o problema da baixa frequência está relacionado a fatores intraescolares, extraescolares ou a fatores intrínsecos. Pode-se também, nessa linha de estudo, investigar se problemas de relacionamento com os docentes podem ser uma das causas dessa falta de motivação dos alunos em relação às aulas, resultando talvez, na situação de infrequência escolar.

Para justificar a escolha do tema, e salientar a importância de debatê-lo é necessário relatar como a legislação trata o tema.

A baixa frequência escolar, ou como a literatura tem tratado “ a infrequência escolar ”, é caracterizada quando o aluno matriculado em um sistema de ensino tem frequência abaixo dos 75% conforme a quantidade de aula de um determinado curso, seja ele semestral ou anual, ou seja, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, na Seção I, art.24, inciso VI “(...) exige a frequência mínima de setenta e cinco por cento do total de horas letivas para aprovação”. (BRASIL, 1996). Dessa forma, cabe refletir se essa frequência é adequada ou não para uma boa aprendizagem, porém, não deixa dúvida que um percentual abaixo disso se torna muito mais prejudicial, dificultando o desenvolvimento do aluno na instituição. Nessa linha, compactuo com o pensamento de Costa, Guimarães e Rocha, (2016), quando apontam que a infrequência é extremamente prejudicial ao processo de ensino-aprendizagem, e é um dos principais fatores que levam os alunos a abandonarem o curso, elevando assim, os índices de evasão escolar. Cabe lembrar nesse momento, que a LDB de 1996 prescreve que o aluno que estiver abaixo do percentual indicado não está apto a ser aprovado, porém, ela mesma ressalta que cabe a cada unidade interpretar como uma falta pode ser compensada, e é nesse momento – e nessa base – que entendemos a relevância desse trabalho para compreender os motivos que levam os alunos dos cursos técnicos modulares de uma escola técnica do Centro Paula Souza (CPS) a ficarem abaixo do percentual

mínimo indicado, investigando se o motivo é intraescolar, extraescolar e/ou intrínseco. E essa descoberta, poderá dar uma base para a criação de metodologias de trabalho que possam combater a infrequência escolar, e que a partir desse estudo, novas estratégias possam surgir para combater a evasão escolar, problema este que transcende os muros do ensino técnico.

Alinhando o tema especificamente à escola onde a pesquisa foi realizada e ao objeto de estudo investigado neste trabalho, no caso, a baixa frequência escolar, vale ressaltar, conforme Pontili e Kassouf (2007) apontam, que este é um problema que vem preocupando vários estados brasileiros, atingindo crianças e adolescentes. Quanto à instituição utilizada como cenário, trata-se de uma escola de ensino médio e técnico que tem passado por um sério problema de baixa frequência dos alunos matriculados nos cursos modulares noturnos, contratempo este que, segundo Pierini e Santos (2010), acaba contribuindo com outro problema sério que é a evasão escolar e, devido a isso, é cada vez mais frequente que os coordenadores de área da unidade façam um trabalho pontual para investigar as causas como, por exemplo, entrar em contato com os alunos que faltam dias seguidos e passando lista semanal das frequências dos alunos, porém, sem utilizar uma plataforma mais sólida de coleta de dados. E, nesse sentido, é pertinente investigar de forma metódica, com base científica, as principais causas desse excesso de faltas dos alunos dos cursos de Administração, Açúcar e Álcool, Desenvolvimento de Sistemas e Recursos Humanos, principalmente, nos segundos e terceiros módulos, por serem estes os períodos aos quais se perdem mais alunos. Vale ressaltar que dentre os citados cursos, todos são compostos por três semestres, cada um representando um módulo, exceto o de Açúcar e Álcool que são de quatro semestres/módulos.

Dessa forma, o desenvolvimento do trabalho deverá nos levar a responder as seguintes questões de pesquisa: Quais as principais causas da baixa frequência escolar nos segundos e terceiros módulos dos cursos técnicos noturnos de uma escola técnica do interior paulista? Essas causas se relacionam a fatores intraescolares, extraescolares e/ ou a fatores intrínsecos? Qual a percepção dos alunos que se encontram em situação de baixa frequência escolar?

O objetivo geral delineado nessa pesquisa reside em identificar e analisar os motivos que levam os alunos dos cursos técnicos modulares noturnos de uma escola técnica à situação de baixa frequência escolar (abaixo dos 75% de frequência), se é por motivo extraescolar e/ou intrínseco (cultural /familiar/ pessoais), intraescolar (pedagógico / de relacionamento entre pares, docentes e demais agentes escolares). Tal objetivo geral se

desdobra nos seguintes objetivos específicos: a) compreender se os motivos da baixa frequência escolar estão relacionados à questões de âmbito familiar, cultural, trabalho, distância da instituição; b) entender se a falta de motivação para ir às aulas advém dos procedimentos de ensino utilizados pelos professores, se há problemas de relacionamento entre os próprios alunos, entre alunos e professores, ou até mesmo entre alunos e funcionários; c) analisar se há motivos intrínsecos, pessoais (doenças, personalidade).

Em relação à metodologia, como a dissertação se volta para uma investigação sobre os problemas que levam os alunos dos cursos técnicos a terem um elevado percentual de infrequência buscou-se em Prodanov e Freitas (2013), uma linha de metodologia para as decisões metodológicas, sendo assim, a pesquisa é de natureza aplicada (porque os resultados serão direcionados/ encaminhados para possível solução do problema, que no caso é de muito interesse da unidade em que o estudo será feito, pelos possíveis benefícios que os resultados podem trazer). Em relação à abordagem, essa pesquisa se enquadra numa perspectiva qualitativa, porque permite a utilização de perguntas que necessitam da subjetividade do sujeito, com um aprofundamento no levantamento de informações sobre um grupo específico de alunos que estão abaixo dos 75% de frequência.

Para compreender melhor a questão da baixa frequência dos alunos considerou-se relevante contextualizar a situação da evasão dos alunos no âmbito das ETECs do estado de São Paulo. Assim sendo, foi feito um estudo de caráter documental e exploratório, envolvendo levantamento de dados do Centro Paula Souza, disponível ao público no banco de dados da Unidade e Ensino Médio e Técnico (CETEC). Os dados foram colhidos e tabulados pelo pesquisador que organizou e classificou percentualmente as perdas de alunos no período de 2015 a 2018.

Para trazer a perspectiva dos alunos sobre a baixa frequência escolar optou-se pela elaboração de um questionário contendo questões fechadas (de múltipla escolha) sobre os principais motivos que levavam os alunos à situação de infrequência escolar. Esse instrumento foi aplicado em alunos em situação de baixa frequência que puderam responder sobre os principais motivos de se encontrarem nessa condição. Tal aplicação foi realizada no segundo semestre de 2018, constituindo um estudo de caráter preliminar, uma vez que a intenção dessa prévia foi trazer contribuições para realizar a pesquisa definitiva que foi realizada no 1º semestre de 2019, tanto para aprimoramento do questionário, em relação à redação, quanto para acrescentar outras perguntas com base nos dados obtidos. Esse estudo preliminar faz parte da terceira seção desta dissertação.

Para o levantamento dos dados dos sujeitos participantes da pesquisa foi elaborado um questionário online (Apêndice A), por meio da ferramenta *google forms*, sem a identificação dos alunos, porém com algumas perguntas que permitissem agrupar os discentes dos cursos de Açúcar e Álcool, Administração, Desenvolvimento de Sistemas e Recursos Humanos. Todos esses quatro cursos pertenciam ao período noturno e compunham um total de cinco turmas e, dessas, 35 sujeitos que apresentavam frequência abaixo de 75% participaram da pesquisa.

Vale ressaltar que a escolha de tais turmas se justifica devido a incidência da baixa frequência ocorrer sempre nos segundos e terceiros módulos, independentemente do eixo em que ele se encontra, não sendo a infrequência escolar, portanto, relacionada diretamente aos citados cursos. Quanto aos objetivos a pesquisa pode ser caracterizada como explicativa, por tentar reconhecer os fatores que contribuem para que ocorram certos fenômenos. (YIN, 2001).

Acrescenta-se ainda, que se pretende com esse trabalho contribuir para o levantamento das principais causas da baixa frequência escolar que, ao serem apresentadas para a instituição estudada, esta poderá utilizar tais informações para melhorar a qualidade dos cursos técnicos noturnos, assim como o bem-estar dos alunos. Entende-se que a escola poderá melhorar a relação entre aluno-professor, aluno-aluno, as metodologias de aula, entre outros possíveis benefícios trazidos pelo levantamento realizado. Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da UNIARA.

Na sequência, serão apresentadas informações referentes a unidade escolar alvo da investigação.

A presente pesquisa foi desenvolvida na Escola Técnica de Nível Médio (Etec Bento Carlos Botelho do Amaral - Guariba-SP), cujo sistema de ensino é voltado para o mercado trabalho. A esse respeito Freitas (2010) entende que o propósito da educação profissional é desenvolver cursos voltados para o mercado de trabalho, oferecendo acesso a estudantes e a profissionais que queiram ampliar seus conhecimentos numa determinada área. Sendo assim, essa modalidade de ensino pode ser dividida em três níveis: o Básico – que é voltado para qualquer nível de instrução, podendo ser oferecido por qualquer instituição como qualificação profissional; o nível Técnico - que pode ser oferecido tanto para alunos de ensino médio, quanto para pessoas que já concluíram essa fase, de forma integrada, concomitante ou sequencial (observando-se que esse sistema de ensino pode ser ofertado apenas por instituições de ensino autorizadas pelas secretarias de educação, e tem organização curricular própria, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação –

Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996), já incluído pela Lei nº 11.741, de 2008); e o terceiro nível, o Tecnológico – que é oferecido apenas para discentes que tenham concluído o ensino médio, pois são cursos de formação superior, voltados para diversos setores da economia e conferindo ao concluinte o diploma de tecnólogo (ARAÚJO E SANTOS, 2012).

Vale ainda ressaltar, que a escola estudada é relativamente jovem, pois iniciou suas atividades em 2010, de forma descentralizada, sendo mantida pela Etec Dr. Adail Nunes da Silva – de Taquaritinga-SP e apenas em 2012 conquistou sua emancipação. Oferece Ensino Técnico Integrado ao Médio (ETIM) em Administração e em Informática, e os cursos técnicos modulares noturnos em Administração, Açúcar e Alcool, Desenvolvimento de Sistemas, Recursos Humanos e Segurança do Trabalho (os cursos modulares noturnos não são oferecidos todos ao mesmo tempo, por falta de espaço físico na unidade, dessa forma opta por se oferecer, geralmente, dois a cada semestre).

Com os resultados obtidos nesta pesquisa, pretende-se sugerir ações preventivas para diminuir o número de alunos que se enquadram nesse percentual de baixa frequência escolar.

O trabalho está organizado em quatro seções além da Introdução e das Considerações Finais. A primeira seção, intitulada “Pesquisando o tema da baixa frequência escolar: apoios teóricos e mapeamento bibliográfico” trata sobre o tema em foco relacionado ao fracasso escolar base esta que sustenta essa dissertação sobre os motivos relacionados à baixa frequência, trazendo dessa forma, estudos de autores que constituem os apoios teóricos para o desenvolvimento do tema. Nesta mesma seção, apresenta-se o mapeamento de pesquisas realizado trazendo o que os pesquisadores abordam sob diferentes óticas sobre a baixa frequência escolar. A segunda seção denominada “Educação profissional técnica de nível médio e a evasão nas escolas técnicas do Centro Paula Souza” traz alguns apontamentos considerados pertinentes sobre a história da educação profissional no Brasil, as várias denominações sobre cursos profissionalizantes e o que são cursos modulares das Etecs. Também aborda sobre a história do Centro Paula Souza e suas contribuições nos cursos técnicos e superiores do estado de São Paulo. Na terceira seção intitulada A evasão escolar e a baixa frequência na ETEC pesquisada trata do levantamento realizado sobre a evasão nas Escolas Técnicas do CPS do E”stado de São Paulo e da Etec em estudo. Nesta mesma seção apresentam-se dados do estudo preliminar sobre a baixa frequência da unidade investigada feito em 2018 com os alunos que se encontravam nessa situação, naquele momento. Já a quarta seção intitulada “A

pesquisa realizada”: dados e resultados, trata dos dados resultantes da aplicação do questionário online aos alunos, ressaltando os principais resultados e conclusões obtidos pelas análises pautadas nos apoios teóricos da pesquisa.

1 PESQUISANDO O TEMA DA BAIXA FREQUÊNCIA ESCOLAR: APOIOS TEÓRICOS E MAPEAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Essa seção intenciona apresentar estudos sobre a baixa frequência escolar visando ampliar o conhecimento em relação ao tema. Para tal, foram lidos autores que tratam da questão do fracasso escolar, da evasão escolar e seus determinantes e, que podem colaborar para o entendimento da situação da baixa frequência escolar dos alunos e constituem os apoios teóricos dessa pesquisa. Na sequência, realizou-se um mapeamento bibliográfico localizando trabalhos que contribuíssem para a inserção desse estudo no conjunto das pesquisas sobre o tema para melhor contextualizar o assunto, bem como, delimitar as questões, objetivo e procedimentos metodológicos.

1.1. Apoios teóricos

Um dos principais assuntos tratados nessa seção é o fracasso escolar, sendo o estudo de Charlot (2013), relevante por analisar as contradições que acontecem no ambiente escolar, econômico ou social que fornecem algumas explicações sobre o fracasso escolar apontando, como já mencionado nesse trabalho, fatores externos e principalmente internos que levam a tal situação. Em relação a este último fator, o autor aponta que a personalidade e a falta de identidade dos professores e o novo perfil de alunos que surgiu a partir dos anos de 1970, além da evolução dos meios de informação, fizeram com que todos os envolvidos na Educação – principalmente gestores escolares e professores - se sentissem desprovidos de conhecimento, e de ações efetivas, para resolverem os problemas que foram aparecendo em sala de aula.

Em seu livro intitulado “Da relação com o saber às práticas educativas”, Charlot (2013), aponta como era o ambiente escolar na década de 1950, quando então, muitos alunos que iniciavam o então ensino primário abandonavam a escola para trabalharem na roça ou em lojas do comércio, pois os jovens de classe social menos privilegiada não viam futuro na educação, ao contrário dos discentes de famílias com renda mais avantajada que propiciavam aos filhos sequência aos estudos e atingiam posições sociais mais elevadas. Já o professor, de acordo com Charlot, não era tão cobrado, mesmo se o problema fosse pedagógico, porque a maior preocupação era com a inserção dos alunos, não se discutia muito o meio interno como, por exemplo, a violência, no máximo se falava em atos de indisciplina. Vale ressaltar que o professor mesmo com o salário não satisfatório, este tinha seu devido respeito na sociedade.

Nos anos de 1960 e 1970, a visão sobre a educação começa a mudar, alinhando-a ainda mais ao desenvolvimento econômico, e com isso também, se torna um local de disputa para ascensão social, as notas e diplomas medem o valor das pessoas, pois assim conseguem as melhores vagas em universidade. É nesse período também, concordando com Dubet (2008), que a escola começa a se tornar um local de múltiplas diversidades, tanto cultural, quanto social, e as discrepâncias entre classes dominante e os desprovidos - financeiramente falando- começam a distanciar ainda mais o aluno pertencente às camadas populares (que começam a se tornar na grande massa com o tempo), e apesar de ser uma grande conquista a educação ser oferecida à toda população – principalmente chegando às classes mais populares – em contrapartida, muitos jovens começam a ir aos colégios apenas pela obrigatoriedade, e não por enxergar a importância dos estudos em suas vidas, e às vezes, os pais lançavam mão dos mesmos pensamentos, e essa falta de perspectiva / motivação, faziam com que esse novo perfil de discentes apresentem dificuldades de aprendizagem enquanto os alunos de classes sociais mais elevadas se destacam-se e atingem as melhores colocações sociais. Nesse contexto, o professor começa a sofrer pressões sociais e é responsável pelo fracasso escolar.

Segundo Charlot (2013), a relação professor-aluno e o ambiente escolar começam a ter alterações a partir dos anos de 1970. Os alunos passam a ter acesso a novas formas de conhecimento como, por exemplo, a televisão. A globalização faz uma ponte entre os países, chegam as novas tecnologias, a população brasileira cresce desenfreadamente e ao professor recai não só a culpa do fracasso escolar, mas também a responsabilidade de mudar seus métodos de ensino, a participar da criação do Plano Político Pedagógico da escola (PPP), inclusive alinhando suas estratégias ao perfil do contexto ao qual está inserido.

Essa encruzilhada de informações cria um ambiente escolar conturbado ao qual gestores sofrem pressões do governo e da sociedade e professores não sabem mais seu verdadeiro papel no ambiente escolar, ainda mais com cobranças por meio de provas quantitativas para avaliar o nível de aprendizagem do aluno, sem contar que recai também no docente a responsabilidade de se preparar os alunos para os vestibulares, numa visão extremamente neoliberal da educação, enquanto a visão de se preparar o aluno para se tornar uma pessoa crítica, e como diria Adorno (1995) “ para sua emancipação intelectual” cada vez mais fica em segundo plano.

Nessa linha de pensamento de Charlot (2013), nota-se de forma clara que se foi retirando a responsabilidade da sociedade – representada por família, governo,

empresários, etc – afunilando cada vez mais à figura do professor e da escola o fracasso escolar. Mas ousou refletir, que há também a tentativa de dividir a responsabilidade com os alunos que muitas vezes chegam à escola com condições mínimas de aprendizagem por falta de apoio familiar ou por ter uma estrutura familiar conturbada, vivendo em um ambiente de prostituição, drogas, sem carinho, afeto, ou muitas vezes sem ao menos ter a presença dos pais/responsáveis, ou em outros casos, até mesmo tendo que trabalhar para ajudar no sustento familiar. Nesse caso, é claro que toda responsabilidade governamental como acompanhamento a essas famílias em situações de pobreza ou em situações degradantes ficam esquecidas, como se este não tivesse nenhuma culpa, quando poderia ser feito uma parceria com as escolas e prefeituras, psicólogos, para detectar tais casos e assim agir de forma pontual, melhorando assim as condições para que as crianças tenham um mínimo de estrutura e motivação para aprender.

Já Costa (1994), em seu livro “Fracasso Escolar: Diferença ou Deficiência”, trata sobre o assunto fracasso escolar sob várias vertentes a partir dos discursos tradicionais e históricos explorando os vários motivos que podem levar a esse problema, porém, mais relacionados aos estudantes. Entre os anos em que sua pesquisa foi realizada (década de 1980), tido nesse momento como uma análise mais “atualizada”, a primeira linha que a autora traz é sobre “patologização no ensino” termo este que tenta associar esse problema a algum tipo de desvio ou anormalidade nos alunos em relação às dificuldades no ensino. Outra forma apontada pela autora de tratar do assunto é o direcionamento do fracasso às classes sociais menos privilegiadas modo esse que, historicamente, sempre se alinhou à educação. Já alguns profissionais tidos como “mais avançados”, de acordo com as palavras de Costa (1994) e numa nova perspectiva de se apontar o fracasso escolar, põe a culpa na estrutura e no ambiente familiar. Outro fato citado é o preconceito que uma parcela de professores e gestores têm em relação aos alunos negros quando os caracterizam como menos capacitados em relação aos demais, não analisando se de fato estes possuem algum problema de aprendizagem.

Após relatar alguns fatores citados por Costa (1994) que podem estar relacionados ao fracasso escolar, as informações que seguem se referem ao detalhamento de alguns pontos considerados mais relevantes destacados pela autora que necessitam ser relatados tanto historicamente quanto na atualidade em relação ao fenômeno estudado, analisando assim os diferentes modos de se tratar os motivos que levam ao fracasso escolar. Vale ressaltar que dentre os autores trazidos para enriquecer a base teórica, Costa (1994) faz um fechamento importante quando salienta que as escolas e governos não tendo

competência/estrutura para ensinar, criam “patologias psicopedagógicas” para dizer que os alunos não têm habilidades para aprender.

Sendo assim, a autora destaca num momento mais distante, fim do século XIX, que médicos e psicólogos “(...) atribuíam o fracasso escolar “à fraqueza”, “debilidade” das capacidades intelectuais das crianças em questão”, Costa (1994, p.25). Depois como “instáveis” – crianças difíceis e com perturbações de comportamento e conduta. Outros rótulos também eram utilizados como “dislexia” para àqueles que tinham dificuldades em ler, “disortografia” se enquadravam os alunos com dificuldade na ortografia, “disgrafia” aos que tinham como dificuldade na escrita e “discalculia” era atrelado aos que tinham dificuldade em fazer cálculos. E problemas com a entrada maciça da classe popular não foi algo que aconteceu apenas no Brasil, na França esse processo começa em 1982, e à medida que foi se tornando obrigatório o ensino, foram aparecendo também as dificuldades e transtornos desses alunos chamados de “novos anormais”, já que aparentavam um certo distanciamento em relação aos alunos filhos de nobres e burgueses, também conhecidos como “discente modelo”.

Segundo a autora, o que se demonstra com o passar dos anos é que tenta-se criar uma patologia para justificar esse fracasso escolar, a essa anormalidade, associa-se a origem social da criança no sentido mais pejorativo, como “senso moral” do ambiente familiar ou em um meio do “mal” (cólera, mentiras, indisciplinas), que de forma geral, é como se a criança fosse “mal criada”, comparada aos modelos burgueses da época. Toda essa diferença de aprendizagem entre as classes dominantes e as populares faz-se diferenciar o sucesso e o fracasso escolar entre alunos “normais” e “patológicos”. E devido a isso, criam-se classes de “aperfeiçoamento” (“especiais”), ao qual se estendem – posteriormente - também ao Brasil, que crescem juntamente com o aumento de oferta do ensino público. Com a democratização do ensino, crescem o número de alunos matriculados no 1º grau advindos de famílias operárias e marginalizadas. Com isso, crescem os altos índices de reprovações no ensino primário, e em contrapartida, com o crescimento econômico, ampliam-se o número de classes especiais junto às escolas públicas. A essas classes especiais eram destinados “débeis orgânicos e retardados pedagógicos, conforme o decreto lei nº7970ª de outubro de 1927. Esse tipo de ensino se expande surgindo outras subdivisões ao decorrer dos anos, inclusive instituições que cuidam apenas de crianças com características diferentes, sejam físicas, mentais ou pedagógicas.

Nesse estudo, Costa (1994) faz uma pesquisa com crianças da 1ª série do 1º grau que se enquadravam em fracasso escolar. Essas crianças eram encaminhadas ao Centro Psicopedagógico (CPP) de Belo Horizonte – MG. Ali, eram destinados todos os discentes que se enquadravam como sendo portador de alguma “deficiência”, “anormalidade” ou portador de “distúrbios específicos de aprendizagem”. Segundo a autora, essa experiência mostrou que essas crianças – quando assistidas pela clínica - eram alfabetizadas em média de um ano sem maiores dificuldades, indo ao centro apenas duas vezes por semana. Tais métodos de ensino ou pedagógicos utilizados para tais efeitos foram considerados “normais”, ou seja, não clínicos, possíveis de serem executados na escola, levando assim a questionar se essas crianças eram realmente “deficientes ou anormais” ou se eram mal instruídas na unidade escolar. Esse estudo fez Costa (1994) refletir que o que fez a diferença nessa aprendizagem foi a estrutura dos centros, a quantidade menor de alunos que eram atendidos pelos professores e esse contato mais direto, levando-a a entender que as escolas “normais” precisam de maiores estruturas e investimentos.

Com o autor Bernard Lahire trabalha-se com a linha de pensamento sobre o sucesso e fracasso escolar. No livro “ Sucesso Escolar nos Meios Populares”, publicado em 1997, o autor faz um levantamento de várias informações relacionadas ao título, dentre elas, as características das crianças estudadas em sua pesquisa (principalmente de classe social menos privilegiada), apontando estrutura familiar (problemas externos), ações da escola em relação aos alunos (fatores internos) como, por exemplo, reprovações que acabam levando o aluno ao insucesso. Destacam-se, também, as características das famílias populares do bairro periférico estudado, dentre essas, aponta que 77% dos pais são operários e a média de filhos por família é de 3,3. Quanto ao acesso escolar, quando comparou as famílias populares com outras classes sociais mais privilegiadas, notou-se que os filhos de executivos e de professores tinham muito mais acesso à escola (88% e 83%) em relação aos filhos de operários, que apenas 25,7% tinham acesso às instituições.

Focando o principal objetivo de sua obra, Lahire (1997), aponta que o insucesso escolar não está apenas relacionado às variáveis ambientais e familiares, pois em sua pesquisa se deparou com inúmeras situações, dentre elas, famílias que faziam “ um pesado” investimento no aluno, e que mesmo assim este situava-se em condições de “ fracasso escolar”. Porém, havia também um grupo de alunos com dificuldade escolar em que as famílias possuíam difícil adaptação ao universo cultural, este sim, relacionado à influência familiar, porém, como será visto posteriormente, não se criava um modelo a partir dessa informação. Já em famílias heterogêneas, (que de acordo com as pistas

deixadas pelo autor seriam famílias com nível intelectual mais elevado, e até com condições de investir nos estudos das crianças) diferente da citada anteriormente em que todos possuíam um “baixo nível intelectual” considerada homogênea, havia alunos em situações de fracasso e sucesso escolar. No grupo de alunos considerados em situação de “sucesso escolar”, o autor comprovou que nem sempre crianças que possuem pais com um bom capital intelectual teriam um bom desempenho escolar, e que, em muitos casos, o bom desempenho dos alunos se fazia por sua própria vontade e esforços, independentemente dos ambientes intra ou extraescolares. Vale ainda ressaltar numa outra visão apontada por Lahire (1997) em seu livro que o insucesso pode variar com o tempo, com a necessidade social de determinada época, e depende também do ponto de vista de cada classe social, pois os objetivos atingidos e aceitos pelas classes operárias podem ser muito poucos, se vistos pela classe burguesa, que pode ter um nível de aspiração muito mais alta.

O que Lahire (1997) deixa bem claro é que não há um único modelo / estilo de família alinhada ao fracasso ou sucesso escolar, há muitas variáveis em questão, como nível intelectual, investimentos, vontade do próprio aluno, que dificulta qualquer tentativa de estabelecer padrões, e que quebra qualquer tentativa de alinhar ‘pobreza ou baixa intelectualidade da família’ intrinsecamente ligada ao fracasso escolar.

Para melhor entendimento do problema da baixa frequência escolar considerou-se relevante também como base teórica os estudos de Dubet (1997 e 2008), apresentados nos textos “O que é uma escola justa?” e “Democratização escolar e justiça escolar”. De forma geral, o autor aborda a possibilidade de evasão a partir das injustiças causadas por fatores sociais e por fatores internos (o próprio ambiente escolar). Sendo assim, aponta as várias situações que distanciam os alunos da escola, como as diferenças culturais, estrutura familiar e social, a falta do acompanhamento familiar na vida acadêmica do aluno, a interiorização da filosofia do fracasso adquirida de forma cultural etc. Na sequência, tais textos serão sintetizados como forma de se construir uma base argumentativa dessa dissertação, que investiga os motivos pelos quais os alunos dos cursos técnicos noturnos apresentam um alto índice de infrequência escolar.

No texto “O que é uma escola Justa?” Dubet (1997), relata que há uma certa dificuldade em se construir um conceito de escola justa porque o contexto extraescolar pode facilitar ou não a aprendizagem e desenvolvimento do aluno em sala de aula. Mas as questões são muito mais profundas do que apenas tentar achar um equilíbrio entre escola e contexto familiar para se construir uma escola justa.

A princípio, a escola justa deveria levar em conta que cada aluno vem de um contexto diferente, e no contexto escolar, até acabam sendo tratados de forma diferente, porém, não pelas suas singularidades, mas muitas vezes por não demonstrarem condições intelectuais iguais às desejadas, ou por terem condutas diferentes em relação aos alunos “exemplos”, termo este definido como aluno adequado ao desenvolvimento perfeito de uma escola; enfim, são tratados de forma partidária em relação a um modelo definido de aluno “perfeito”, ou tratados como alunos “bem comportados ou não”, ou “que associam mais o conteúdo dos que não entendem” entre outras situações.

Dessa forma, cabe aqui fazer algumas reflexões parafraseando Dubet (1997), sobre o que realmente seria justo em relação às famílias e alunos quanto à vida estudantil: Estudar em uma escola mais próxima da residência do aluno seria justo mesmo que não fosse o colégio de sua preferência? A escola não seria mais justa se focasse nos discentes mais “fracos” e traçasse estratégias para nivelá-los, mas sem diminuir a qualidade e o potencial dos alunos que demonstram um desempenho mais satisfatório? Tais ações citadas seriam uma parcela de demonstração de equidade, já que mesmo assim, as situações familiares de quem tem melhores condições econômicas e com uma família com uma estrutura mais organizada, pode possibilitar ao aluno condições melhores para que se desenvolva de forma mais plena.

No entanto, quando se fala em alunos fracassados ou como o próprio texto se refere “os vencidos”, tanto a sociedade quanto a escola os tratam de forma marginalizada, com o olhar de que não há perspectivas para eles na vida, e em casos mais extremos os coagem ao ponto de tentar proteger as escolas e a sociedade desse “monstro” que eles mesmos criaram. Logo, toda essa ideia apresentada é o contrário do que deveria ser, pois o papel da escola deveria ser o de encorajá-los, incentivá-los, com a preocupação de diminuir o abismo existente entre os considerados bem e malsucedidos, pois tendo essa perspectiva, a escola se tornaria um lugar mais justo.

Já no texto “Democratização escolar e justiça escolar”, Dubet (2008) aponta que a democratização escolar é algo que foi vagarosamente sendo construída e conquistada com o tempo, ainda mais se pensarmos que nem todos tinham acesso à escola, que era apenas voltada às classes sociais mais privilegiadas. Essa “massificação” da educação foi realmente acontecendo nos anos de 1970 em diante, no século XX.

Com a democracia estendida à educação, a cada ano se ampliando às classes menos privilegiadas, tem-se a noção de que todas as crianças têm o mesmo acesso e as mesmas condições de aprendizagem, porém sabe-se que na prática é bem diferente, quando não

se nivelam os estudos das escolas públicas e privadas, principalmente se compararmos a quantidade de alunos por sala, que segundo a pesquisa de Silva e Monteiro (2015), a superlotação afeta diretamente o ensino e a aprendizagem, assim como outros problemas de estrutura como, por exemplo, má iluminação, falta de ventilação adequada, falta de manutenção em pinturas, entre outras situações. Mesmo se analisássemos as crianças na mesma situação (série e sala de aula) de escola pública, ainda assim a estrutura familiar e a classe social a qual ela pertence faz muita diferença, de acordo com Sampaio e Guimarães, 2009. E a meu ver, essa diferença se estende ainda mais quando o discente de escola pública disputa de forma “meritocrática” uma vaga em universidade pública ou no mercado de trabalho. Mas as diferenças não estão apenas fora da escola, parafraseando com as ideias de Dubet (2008), a própria instituição tem suas formas de exclusão e de criação de desigualdade quando, por exemplo, um professor coloca alunos em carteiras e fileiras mais privilegiadas quando “tidos como pessoas exemplares” e de bom comportamento, ou apenas por pertencerem a classes sociais mais elevadas, enquanto os excluídos ficam no fundo das classes “amontoados” entre aqueles que não conseguirão acompanhar os demais alunos, além de pertencerem às classes sociais mais desprovidas financeiramente falando.

Logo, ainda que a intenção seja a de uma escola que gere oportunidades iguais aos discentes, as diferenças culturais e a estrutura familiar e social interferem no acompanhamento dos alunos, o que por falta de uma estrutura escolar e de capacitação (SAMPAIO E GUIMARÃES, 2009), faz com que os alunos se evadam ou sejam encaminhados a cursos técnicos, dessa forma, o sistema aparenta acolher os alunos de forma igualitária, mas na realidade está evidenciando cada vez mais que não existe condições iguais de tratamento em uma sociedade extremamente desnivelada em todos os sentidos, principalmente, no âmbito econômico e educacional. E quando esse aluno, desprovido de conhecimentos suficientemente emancipadores e provido de estruturas sociais e econômicas muito básicas, acaba tendo acesso a diplomas universitários, que na maioria das vezes acabam sendo “fracos” seja pela valorização que a sociedade lhes dá, ou até mesmo pela máfia da “indústria do diploma”, que lança ao mercado alunos formados com diplomas com pouca qualificação, e de setores muitas vezes saturados Dubet (2008).

Fato é que a escola acaba contribuindo para com a inferiorização e o fracasso escolar do aluno, que se sente humilhado, desprezado, excluído, e mesmo que de forma simbólica, ele acaba entendendo e interiorizando que é digno daquilo, que merece aquela

situação de tratamento diferente em relação aos mais privilegiados à sorte, e que não nasceu para o sucesso.

Em artigo de Leão, Dayrell e Reis (2011), buscou-se apoio teórico para traçar um perfil do jovem matriculado no ensino médio, e a partir disso, entender seus projetos de vida. Em contrapartida, analisou-se os processos educativos das escolas, os quais muitas vezes vão em desencontro com as expectativas dos adolescentes estudados. Outra situação problema apontada pelos autores em relação a esse novo perfil de jovens advindos dessa tentativa de universalização do ensino reside na não vontade de estar matriculado, de não querer estudar, apenas frequenta o ensino médio porque as leis os obrigam. E esse cenário apresentado até agora acaba contribuindo de forma negativa para a construção do ambiente escolar harmônico. Fato também que deve ser salientado é que a escola – por se tratar de uma “escola de massa” - passa a ser um local de múltiplas variedades culturais e econômica, de interesses diversos, o que acaba contribuindo com a criação de um local cheio de conflitos, que cabe aos professores e gestores lançarem mão de técnicas e metodologias de ensino para que diminua esse distanciamento intelectual, além de proporcionar um ambiente motivador e de interação.

No texto de Leão, Dayrell e Reis (2011) há um importante levantamento sobre as causas de insucesso escolar obtido por meio dos dados de uma pesquisa feita com 245 alunos no estado do Pará. Nesse levantamento, a reprovação entra como uma das causas, pois mais de 43% dos alunos se encontravam nessa condição. Desses alunos, 27% já interromperam os estudos em alguma fase da vida. Devido a esses índices de reprovação, um grande percentual deles estão acima da faixa etária esperada (15 a 17 anos).

De acordo com o que foi apontado pelos autores alguns dados se tornam muito importantes porque podem ser alinhados a fatores intraescolar (em sua maioria, até porque o objetivo do texto é estudar a visão do jovem sobre a escola) e extraescolar que contribuem para o fracasso escolar. Sendo assim, os autores apontam que se depararam com vários problemas de Estrutura: conservação, higiene e falta de uso de laboratórios; da Gestão (a não presença de coordenadores e do diretor no períodos noturnos); dos Professores (apesar de tecerem comentários positivos também) argumentaram que muitos não dialogavam com os alunos (afinidade, chances de participação na aula), falta de motivação para ministrarem as aulas, não respeitavam horários, utilizavam metodologias tradicionais e faltavam muito. Mas também, dentre esse cenário interno, os alunos reconhecem suas próprias falhas, revelando, por exemplo, a falta de interesse e motivação; mas demonstraram também, suas percepções quanto a aprendizagem, e seus

gostos por projetos como feiras e oficinas, ou seja, atividades mais ativas, além da sala de aula (apesar de demonstrarem discernimento sobre a falta de profissionalismo dos eventos feitos pela escola no que diz respeito a estrutura, postura dos professores quanto a trabalharem de forma despreparadas, etc). Os alunos também mostraram suas indignações sobre a falta de continuidade desses projetos ativos, alegando que eram oferecidos de forma muito espaçada. Outras reclamações por parte dos alunos era de sentirem falta de projetos de socialização, culturais e da formação de grêmio estudantil.

Em outro texto de Dayrell e Jesus (2016) trabalhou-se as características dos estudantes no ensino médio, de 15 a 17 anos, nas regiões de Belo Horizonte, São Paulo, Brasília, Fortaleza e Belém. E nesse levantamento apontou que 67% desses jovens possuem uma renda familiar de até dois salários mínimos, e que 18% dos jovens de baixa renda não frequentam a escola, enquanto 8% que se enquadram em alta renda, estão fora da instituição. Quanto aos pais, 71,4% das mães não possuem ensino médio, enquanto 62,8% dos pais se encontravam na mesma situação. Mesmo com esses dados apresentados, o número de alunos inseridos no ensino médio aumenta ao se constatar que em 1991 o total era de 3,3 milhões e atingiu 8,3 milhões de alunos em 2012, mesmo assim não se pode dizer que esse nível de ensino universalizou porque ainda existem jovens fora da escola.

Para dar mais embasamento às afirmações de Dayrell e Jesus (2016) em relação a quantidade expressiva de pessoas que finalizam seus estudos no ensino fundamental, mas que não se matriculam no ensino médio, apresenta-se a seguir algumas informações do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP) referentes ao período de 2014 a 2018. De acordo com os números apresentados pelo INEP em relação aos alunos matriculados no ensino fundamental e médio, nota-se que em 2014, havia 28,6 milhões de alunos matriculados no ensino fundamental, enquanto que em 2018, o número baixou para 27,2 milhões. Já no ensino médio, o número de alunos matriculados em 2014 era de 8,3 milhões, enquanto que em 2018, o número de matriculados baixou para 7,7 milhões. De acordo com tais dados em relação ao número de alunos do ensino fundamental e do ensino médio, nota-se que tanto em 2014 quanto em 2018, o número de alunos matriculados que saem do ensino fundamental é bem maior do que a quantidade de alunos que se matriculam no ensino médio, pois cerca de 20 milhões de alunos que estavam matriculados tanto em 2014 quanto em 2018 concluem os estudos apenas no ensino fundamental, e nem se matriculam no ensino médio. Sendo assim, é possível confirmar os dados apresentados por Dayrell e Jesus (2016) de que no Brasil ainda há um número

relevante de alunos que não se matriculam no ensino médio mesmo tendo concluído o ensino fundamental.

Após apresentar algumas informações do INEP (2014 – 2018) que corroboram as análises de Dayrell e Jesus (2016) os autores ainda apontam que dos discentes que se encontram matriculados no ensino médio e que acabam se evadindo da escola, 40% deles se evadem por motivo de falta de interesse pela escola, enquanto 27% saem das instituições por motivo de trabalho. Além desse dado, o fator socioeconômico tem grande peso nesse último percentual citado. Dessa forma, os autores também apontam no texto alguns outros levantamentos para a ocorrência da exclusão escolar ao mencionarem que:

Os problemas de infraestrutura dos prédios escolares, os currículos que pouco ou nada dialogam com as experiências de vida e com os projetos de futuro dos jovens, os professores despreparados e/ou desmotivados para lidar com esses jovens estudantes e a violência observada no interior de algumas escolas podem ser citados como alguns dos problemas que, certamente, desempenham papel importante nesse contexto de exclusão escolar (DAYRELL, JESUS, 2016, p.420).

Com base nos autores aqui destacados como apoio teórico começa-se a entender que a baixa frequência escolar – não apenas nos cursos técnicos que é o objetivo desse trabalho, mas também no ensino regular se deve a fatores sociais, econômicos (busca por emprego), culturais, psicológicos (desmotivação), problemas familiares e, adentrando ao ambiente escolar, se deve à sua estrutura, às várias formas de relacionamento (entre aluno-aluno e professor-aluno), às metodologias de ensino, à falta de sensibilidade de se entender as particularidades de cada um quanto à forma de aprendizagem, até mesmo a falta de identificação e gosto pelos estudos.

Sendo assim, de acordo com a base teórica levantada até o momento, começa-se a criar uma linha de pensamento sobre os motivos que podem estar levando os alunos dos cursos técnicos noturnos da Etec estudada a terem um alto índice de baixa frequência, e que tais motivos podem, supostamente, estar relacionados a fatores mais profundos, conforme alguns já explicitados nas pesquisas entre outros a serem detectados, do que apenas os deparados no dia a dia em sala de aula. Porém, tais hipóteses só poderão ser comprovadas (ou não) após a realização da pesquisa com os alunos dos segundos e terceiros módulos, conforme já mencionado no decorrer deste trabalho.

1.2 Mapeamento bibliográfico: o que dizem as pesquisas sobre a baixa frequência escolar

Com o propósito de saber o que apontam as pesquisas já produzidas sobre o tema realizou-se um mapeamento bibliográfico compreendendo teses, dissertações e artigos científicos no período de 2000 a 2018, nas seguintes bases de dados: Biblioteca Brasileira Digital de Teses e Dissertações (BDTD); Bibliotecas digitais da Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Pontifícia Universidade Católica-SP (PUC-SP), em periódicos científicos da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). Além dessas bases de dados foi consultado também o *google acadêmico*, que direcionou a vários sites de universidades conceituadas que contribuíram também para a construção deste mapeamento. Sendo assim, foram selecionadas as seguintes palavras chave relacionadas ao tema proposto: Infrequência escolar, Baixa frequência escolar, Absenteísmo escolar, Evasão Escolar, Frequência Escolar, Assiduidade Escolar, Excesso de Faltas, Abandono escolar e Insucesso escolar.

As tabelas que seguem foram organizados de modo a indicar os sites de busca mostrando para cada um deles o número de documentos localizados em cada palavra chave, o número de trabalhos selecionados para a leitura e o de trabalhos que de fato foram aproveitados.

Tabela 1- Pesquisas produzidas sobre o tema localizadas na BDTD no período de 2000 a 2018

BDTD	Localizadas	Selecionadas	Aproveitadas
Infrequência escolar	1	1	1
Baixa frequência escolar	0	0	0
Absenteísmo escolar	13	3	0
Evasão Escolar	40	4	0
Assiduidade escolar	20	3	0
Excesso de faltas	4	1	1
Frequência escolar	14	5	2
Abandono escolar	14	2	0
Insucesso escolar	13	2	2
Total	119	21	06

Tabela 2- Pesquisas produzidas sobre o tema localizadas na biblioteca digital da USP no período de 2000 a 2018

Biblioteca Digital USP	Localizadas	Selecionadas	Aproveitadas
Infrequência escolar	0	0	0
Baixa frequência escolar	0	0	0
Absenteísmo	39	1	0
Evasão Escolar	1	1	0
Assiduidade escolar	0	0	0
Excesso de Faltas	0	0	0
Frequência escolar	5	2	0
Abandono escolar	3	2	0
Insucesso escolar	6	2	1
Total	54	08	01

Tabela 3- Pesquisas produzidas sobre o tema localizadas na biblioteca digital da UNESP no período de 2000 a 2018

Repositório UNESP	Localizadas	Selecionadas	Aproveitadas
Infrequência escolar	15	3	0
Baixa frequência escolar	10	1	0
Absenteísmo	0	0	0
Evasão Escolar	40	3	0
Assiduidade escolar	0	0	0
Excesso de Faltas	0	0	0
Frequência escolar	0	0	0
Abandono escolar	6	1	0
Insucesso escolar	6	2	0
Total	77	10	0

Tabela 4- Pesquisas produzidas sobre o tema localizadas na biblioteca digital da PUC-SP(TEDE) no período de 2000 a 2018

TEDE PUC	Localizadas	Selecionadas	Aproveitadas
Infrequência escolar	6	1	0
Baixa frequência escolar	0	0	0
Absenteísmo	3	1	1
Evasão Escolar	2	2	2
Frequência escolar	1	1	1
Assiduidade escolar	0	0	0
Excesso de faltas	0	0	0
Abandono Escolar	1	1	0
Insucesso escolar	5	2	2
Total	18	08	06

Tabela 5- Pesquisas produzidas sobre o tema localizadas no site da Scielo no período de 2000 a 2018

Scielo	Localizadas	Selecionadas	Aproveitadas
Infrequência escolar	7	5	2
Baixa frequência escolar	15	2	0
Absenteísmo	20	3	0
Evasão Escolar	84	3	3
Assiduidade escolar	2	2	2
Excesso de faltas	0	0	0
Frequência escolar	0	0	0
Abandono escolar	6	2	2
Insucesso escolar	6	2	0
Total	140	19	09

Tabela 6- Pesquisas produzidas sobre o tema localizadas no site da ANPED no período de 2000 a 2018

ANPED	Localizadas	Selecionadas	Aproveitadas
Infrequência escolar	0	0	0
Baixa frequência escolar	0	0	0
Absenteísmo escolar	0	0	0
Evasão Escolar	3	3	0
Frequência escolar	0	0	0
Assiduidade escolar	0	0	0
Excesso de Faltas	0	0	0
Abandono escolar	1	1	0
Insucesso escolar	0	0	0
Total	4	4	0

Para melhor visualização das informações a Tabela 1 apresenta o conjunto de trabalhos localizados nas diferentes bases de dados para cada palavra-chave selecionada

Tabela 7- Total das pesquisas produzidas sobre o tema nos bancos de dados consultados no período de 2000 a 2018

Palavras chave	BDTD	USP	UNESP	PUC-SP	SCIELO	ANPED	Total: 6
Infrequência escolar	1	0	0	0	2	0	3
Baixa frequência escolar	0	0	0	0	0	0	0
Absenteísmo escolar	0	0	0	1	0	0	1
Evasão Escolar	0	0	0	2	3	0	5
Assiduidade escolar	0	0	0	0	2	0	2
Excesso de Faltas	1	0	0	0	0	0	1
Frequência escolar	2	0	0	1	0	0	3
Abandono escolar	0	0	0	0	2	0	2
Insucesso escolar	2	1	0	2	0	0	4
Total	6	1	0	6	9	0	22

1.2.1. Visão geral das pesquisas

Esse item apresenta uma síntese de 22 trabalhos relacionados ao objeto de estudo dessa dissertação, ou seja, a baixa frequência de alunos de curso técnico de nível médio. Embora o mapeamento bibliográfico tenha sido feito com base nas palavras-chave, a leitura das pesquisas selecionadas possibilitou organizar os estudos por nível de ensino compreendendo desde a escola básica (ensino fundamental I e II e o ensino médio) até o ensino superior de modo a destacar os níveis mais distantes e os mais próximos ao referido objeto de estudo, bem como, os assuntos tratados sobre o tema em questão.

Em outra perspectiva, Silva (2009), tenta compreender se o fracasso escolar está relacionado à indisciplina e à evasão escolar, tendo como público-alvo da pesquisa, alunos do Ensino Fundamental, com dificuldades financeiras.

Neste mesmo nível de ensino, Santos (2010) investigou os significados que crianças de 10 anos podem atribuir aos fracassos escolares vividos por elas. Da mesma ótica da influência familiar, Chechia (2009), tentou interpretar a influência que os pais podem ter no desenvolvimento dos filhos na escola.

Em Gesqui (2008), buscou-se identificar se o absenteísmo discente do ensino fundamental II e docente tinha alguma relação entre si quanto ao rendimento escolar. Porém, no resultado desta pesquisa, o que mais levantou-se como surpreendente foi o percentual que um professor titular realmente ministrava de aula em um ano letivo,

constatando-se que esse número chegava apenas a 64%, e mesmo este percentual de frequência sendo muito baixa, tais faltas docentes eram embasadas de forma legal, de acordo com o cargo. Mesmo que tentasse fazer uma relação do absenteísmo docente com o rendimento escolar, por falta de documentação adequada, não foi possível fazer uma análise mais aprofundada quanto a isso, pois o acesso que o pesquisador tinha era de apenas relatórios com pouca significância ao estudo, mesmo assim, constatou que no bimestre em que o docente titular mais esteve presente em sala de aula, o rendimento dos alunos não ficou acima em relação ao período em que os alunos tiveram aulas com professores substitutos, mesma coisa não chega-se a constatar melhoria significativa quanto ao rendimento discente no período em que os alunos tinham aulas com os docentes substitutos.

Com público-alvo entre crianças e adolescentes (entre 10 e 17 anos), Souza (2006) levantou dados sobre o tema Frequência Escolar, quando se analisou as causas da baixa frequência relacionadas ao trabalho infantil nos anos de 1990, no Brasil e obteve como resultado que, quanto maior a escolaridade dos pais, maior era a frequência dos alunos e a redução do trabalho infantil, que também contribuía com a boa frequência.

Com uma variedade de idade um pouco mais avançada, em relação as apresentadas até o momento, Comiran (2009) investigou os desafios dos mecanismos protetivos de direitos das crianças e dos adolescentes (crianças até 12 anos e de crianças e adolescentes de 12 a 18) quanto ao diagnóstico e combate à infrequência escolar. A conclusão da pesquisa apontou que as principais causas estão relacionadas às desigualdades sociais e à estrutura familiar, tendo esse aluno necessidades básicas de alimentação e saúde precárias. Dentre a mesma faixa etária, Pierini e Santos (2016) estudaram a participação da Rede de Proteção Social no Programa “Aviso Por Infrequência de Alunos” – APOIA, programa este que visa diminuir a evasão escolar e o combate à evasão escolar por meio do trabalho integrado entre família, escola, conselho tutelar, ministério Público e Judiciário. Tal programa, apesar de não trazer dados quantitativos sobre sua eficácia, ele se mostra muito importante como ferramenta de apoio de acordo com o estudo (crianças e adolescentes) ECA até 12 e de 12 a 18 anos

Com Pontili e Kassouf (2007), apontou os fatores que afetam a frequência escolar nos meios urbanos e rurais, de alunos Ensino fundamental de 7 a 14 e até 24 anos, analisando as características pessoais e familiares e a infraestrutura das escolas, notando-se que as crianças de pele branca têm menor possibilidade de atraso escolar e de infrequência e que essa diferença também ocorre entre os sexos, tendo maior vantagem o sexo feminino.

Em relação ao Ensino Básico, forma esta como os autores trataram o público de sua pesquisa, com o título “Evasão e Abandono Escolar na Educação Básica no Brasil”, Silva Filho e Araujo (2017) chegam ao resultado que os principais fatores dessa evasão e abandono escolar estão relacionados ao uso de drogas, reprovações e falta de incentivo da família. Ensino básico.

Quanto aos textos voltados aos alunos de Ensino Médio, no que se refere à Infrequência escolar, Holanda (2015) buscou compreender as causas e consequências da infrequência discente na rede estadual do Ceará, e constatou que tais fatores de acordo com os dados levantados em pesquisa, estão relacionados a questões internas como aulas desestimulantes e notas baixas e em questão dos fatores externos alunos inseridos no ambiente de trabalho remunerado, além de fatores relacionados à falta de interesse, necessidade de cuidar de irmãos menores, problema de saúde e questões culturais, como por exemplo, dormir tarde. Vale ressaltar que a infrequência se relaciona também, à falta de socialização no ambiente escolar e os baixos índices de aprendizagem.

Na mesma modalidade de ensino, Costa, Guimaraes e Rocha (2015) buscaram diagnosticar a principais causas da infrequência em uma escola de ensino médio da rede pública do Maranhão, e essa pesquisa constatou problemas de: motivação dos discentes, aprendizagem, trabalho, ausência de pais e condições financeiras. Dentro ainda da modalidade Ensino Médio, Souza (2014), investiga as aulas de matemática e suas práticas, e relacionada a isso, os motivos que levam os alunos do 1º e 3º anos a faltarem de forma exagerada às aulas da referida disciplina, e chega à conclusão de que os procedimentos didáticos dos professores de matemática, assim como a falta dos esforços deles em manterem os alunos a permanecerem em sala de aula, são os principais fatores desse excesso de faltas.

Finalizando essa modalidade de ensino, o estudo de Soares, et al (2015), no que tange ao abandono escolar, apontou os principais fatores que influenciam o abandono escolar no ensino médio, tendo como uma das respostas, as dificuldades que os discentes têm em algumas disciplinas, e a curiosidade de estudar em outro colégio.

Sobre o ensino médio técnico vale ressaltar, neste momento, que só foram encontrados textos que se referiam ao assunto “evasão escolar”, nenhum documento referente à baixa frequência foi encontrado. Sendo assim, na pesquisa “Juventude, escola e trabalho: permanência e abandono na educação profissional técnica de nível médio” de Silva, Pelissari, Steimbach (2013), foram investigados os fatores relacionados ao

abandono e à permanência dos discentes do ensino médio regular e na educação profissional técnica de nível médio. Os autores que chegam à conclusão nesse texto que, por se tratar de ensino integrado, muitos preferem frequentar o ensino médio apenas com a base comum, por ter carga horária mais reduzida e, muitas vezes, por não gostarem das disciplinas da base técnica. Outras reclamações são as dificuldades em algumas disciplinas e, em casos de desistência, os motivos são reprovações.

Em Zenerato (2017), cujo tema ainda está relacionado à Evasão Escolar, trouxe o assunto evasão Discente no curso técnico em informática de uma Etec no estado de São Paulo. A conclusão dessa pesquisa mostrou que a falta de identificação, a falta de aulas mais didáticas e a própria falta de interesse, são as maiores responsáveis pela evasão dos alunos. Já Narciso (2015), retrata os problemas de Evasão nos cursos do Instituto Federal do norte de Minas, concluindo que vários fatores contribuíram para a causa, tais como Disciplinas de Exatas, Atividade Extra Classe, Conciliar Trabalho e Escola, Notas Baixas, e Problemas com a Própria Instituição. Para finalizar a modalidade Ensino Técnico, o texto de Araujo e Santos (2012) fez um levantamento sobre fatores internos e externos relacionados como os principais motivos que levam à evasão, chegando à conclusão à não Incompatibilidade com o Trabalho, Não Identificação com o Curso, Dificuldade de Acompanhamento e motivos de Saúde.

Já Martins, Pardal e Dias (2005) fizeram uma comparação entre os alunos dos cursos Técnicos, Tecnológicos e de Nível Superior, concluintes em 1989, em relação aos concluintes em 2005, analisando origem social, demandas pelo curso e as características de quem os frequentava. Dessa forma extraiu as seguintes informações do trabalho: quem frequenta os cursos técnicos são famílias de origem sociocultural baixa e, nesse espaço temporal de estudo, esse dado se agravou.

Para ampliar ainda mais o estudo, buscou-se na pesquisa de Nogueira (2012), compreender o insucesso e o sucesso na Educação de Jovens e Adultos (EJA), baseando-se nos índices de aprovação, reprovação e evasão das escolas do Município de Natal/RN.

Como último nível de ensino, na pesquisa de Albanez (2017), procurou-se identificar o perfil do aluno que se evade nos cursos de Ciências Contábeis, com o intuito de entender os motivos que o levam ao desinteresse e à falta de motivação pelo curso. Dessa forma, constatou causas variadas que levavam o discente a desistir do curso, como: fator econômico-financeiro, desmotivação dos alunos, o curso não atingiu às expectativas esperadas e motivos pessoais como casamento, gravidez e mudança de cidade. Já Fernandes e Martins (2007) buscaram identificar os motivos do excesso de faltas dos

alunos em cursos politécnicos verificando que os principais fatores se relacionaram a: maturidade, reponsabilidade dos discentes, metodologias pouco cativantes e falta de aulas práticas. Na mesma modalidade de ensino, Menezes Silva (2010), procurou entender as relações sociais como motivo de sucesso ou insucesso escolar. Nessa perspectiva, o pesquisador procurou identificar os fatores que dificultam e facilitam a aprendizagem dos alunos da Universidade Federal de Pernambuco. Como fatores internos notou relacionamentos ruins entre docentes e discentes, críticas às qualidades das aulas (sem especificar quais), insatisfação quanto às estruturas físicas e pedagógicas. Já como fatores relacionados aos alunos, o que dificulta muito a continuidade nos cursos, assim como a boa frequência e a aprendizagem desejada é a dificuldade de conciliar trabalho e estudo, fator esse que até leva os alunos à desistência. A falta de recursos financeiros também contribui para o abandono do curso. Em contrapartida, alguns fatores facilitam o sucesso escolar, como a formação de grupos de estudo, professores que têm bom relacionamento com os alunos e se mostram sempre disponíveis para ajudá-los quando necessitam, e o comprometimento dos estudantes, tanto nas aulas (como bom comportamento, prestar a atenção) quanto fora delas, se prontificando a estudar em suas casas.

Das causas relacionadas à baixa frequência escolar levantadas neste mapeamento de pesquisa é possível detectar uma divisão entre dois grupos de causas que provocam a evasão, o abandono e a baixa frequência, sendo eles: os fatores internos ou intraescolares e os fatores externos ou extraescolares. Aliado ao segundo grupo de causas há estudos que trazem pistas sobre fatores intrínsecos ao próprio indivíduo.

Além disso, mesmo com todas as contribuições levantadas até aqui, as pesquisas sobre o ensino médio de nível técnico que relacionam os motivos para a baixa frequência dos alunos ainda são pouco expressivas o que justifica prosseguir com esse tema, principalmente, quando tal problema é preocupante nos cursos modulares noturnos de escola técnica do Centro Paula Souza. Pode-se apontar que os fatores internos tratados como as possíveis causas já citadas são: aulas pouco didáticas, dificuldades em algumas disciplinas – principalmente nas matérias de exatas, práticas de reprovação, infraestrutura da escola – tanto física quanto pedagógica, metodologias de aula pouco atrativas, distanciamento do professor – e ausência quando requisitado, falta de domínio do docente para manter em ordem a sala de aula, pouca influência ou falta de acompanhamento da família, relacionamento ruim com professores. Já nos fatores externos e/ou intrínsecos, identificaram-se: a incompatibilidade / não identificação com o curso, excesso de trabalhos extraclasse, envolvimento com drogas, casamento, gravidez, falta de incentivo

familiar, desmotivação (sem motivo claro), dificuldade financeira, problemas familiares, problemas de saúde, falta de maturidade para entender a importância do curso, curiosidade por outro curso/ área, preferência - em caso de Ensino Médio Integrado – por curso somente com disciplinas da base comum.

2 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO E A EVASÃO NAS ESCOLAS TÉCNICAS DO CENTRO PAULA SOUZA

Nesta seção, pretendo abordar, de forma sintetizada, sobre o que é a educação profissional, como era vista, como funcionava e as principais transformações ao decorrer desses 109 anos de atuação oficial no Brasil, pós colonização. A intenção é de contextualizar o leitor para que facilite sua compreensão dos termos aqui abordados, até porque, serão descritos na sequência dos tópicos as diferenças e semelhanças entre as nomenclaturas que sempre envolvem esse tipo de ensino como, os termos, ensino profissionalizante, ensino técnico e tecnológico e cursos profissionalizantes. Além disso, há outros termos que também são confundidos como cursos modulares, concomitantes, sequenciais e integrados. Para fechar essa segunda parte, será abordado também, um pouco da história do ensino profissionalizante no Brasil e dos cursos técnicos de nível médio das Escolas Técnicas (Etecs) do Centro Paula Souza (CPS).

2.1. Educação profissional, curso profissionalizante e cursos modulares

Antes mesmo do Brasil se tornar uma república independente, já se existia o ensino Profissionalizante no país. Pode-se dizer que a escola de educação profissional surge em “1809, com a criação do Colégio das Fábricas, pelo Príncipe Regente, futuro D. João VI” (BRASIL, 1999 -Parecer nº 16/99-CEB/CNE). Nesse mesmo tipo de ensino, no decorrer do século XIX, foram surgindo outras instituições voltadas ao ensino das primeiras letras e a iniciação em ofícios. Vale ressaltar que esses cursos eram voltados aos órfãos e abandonados e crianças pobres. Dessa forma, pode-se entender sem nenhuma forma de preconceito, que esse modo de ensino tinha em suas veias o assistencialismo, voltados aos “desvalidos da sorte”, conforme aponta o documento Educação Profissional Técnica de Nível Médio (MEC, 2017). No início do século XX, há uma tentativa de desvincular o ensino profissionalizante dos órfãos e abandonados pela família, ou seja, do âmbito assistencialista vinculando-o às classes operárias. Para isso, em 1909 o Presidente Nilo Peçanha cria as Escolas de Aprendizes Artífices, destinadas “aos pobres e humildes”, mesmos assim, tais escolas ainda eram voltadas às classes sociais menos privilegiadas.

Após as crises do café em 1920 e da Bolsa de Valores em 1929, nas décadas de 1930 e 1940, com a evolução industrial e o fortalecimento da burguesia, surgem também outras necessidades de mão obra, para isso, o governo criou diversos decretos-lei para

normatizar a educação no país, que ficaram conhecidas como as Leis Orgânicas da Educação Nacional – a Reforma Capanema (MEC, 2007). Desses decretos, surgiram várias leis, dentre elas a Lei Orgânica do Ensino Industrial; Decreto nº. 6.141/43 – Lei Orgânica do Ensino Comercial; Decreto nº. 8.529/46 Lei Orgânica do Ensino Agrícola. E ainda, o Decreto-Lei nº.124.048/1942 – cria o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), que deu origem ao que hoje se conhece como Sistema “S” (MEC 2017).

Após a reforma Capanema, a dualidade no ensino – forma essa como era chamada a divisão entre ensino propedêutico e profissionalizante - fica mais em evidência, pois a educação brasileira passa a ser dividida em níveis básico – primário e secundário (este último dividido em ginásio e colegial) e superior. No final do colegial o aluno seria encaminhado para cursos normal, industrial técnico, comercial técnico e agrotécnico, nenhum deles tinha como objetivo o preparo para o ensino superior. Porém, ainda por volta de 1942, há a tentativa de equiparar-se o ensino profissional ao propedêutico, dessa forma, os alunos que tivessem interesse em entrar no ensino superior na área de sua formação técnica, estaria autorizado (MEC 2007).

Um fato muito importante na educação profissional aconteceu no governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961). Além dos grandes investimentos na educação, em 1959 as “ escolas Industriais e Técnicas são transformadas em autarquias com o nome de Escolas Técnicas Federais. As instituições ganham autonomia didática e de gestão” (MEC 2009, p.4). Já em 1971, sob o regime ditador militar, cria-se a Lei no 5.692/71, que basicamente implanta de modo obrigatório o ensino profissionalizante a todo estudante do 2º grau. Nessa mesma lei, há uma mudança na nomenclatura do ensino, passando a ser de 1º grau – agrupando o primário e ginásio - e o de 2º grau o colegial. Na contramão dessas reformas, as escolas particulares seguem focando fortemente no ensino propedêutico. Essa obrigatoriedade vai deixando de acontecer após a constituição de 1988, e com a elaboração da nova LDB, a Lei nº 9.394/1996.

A Lei de Diretrizes e Bases de 1996, também conhecida como “a nova LDB”, tira o caráter assistencialista do ensino profissionalizante (ou de inclusão dos desprovidos da sorte), e o torna uma ferramenta social importante, ao qual dá a qualquer membro da sociedade o acesso a tal ensino independente de sua classe social. O novo documento norteador da educação divide o ensino em básico e superior, o ensino profissionalizante se torna separado, como um complemento, a educação básica tem como objetivo o ensino de caráter propedêutico. O ensino profissionalizante de nível médio, através do Decreto

no 2.208/97 (1997), passa a ser oferecido de forma concomitante – junto ao ensino da base comum (na própria escola ou não), ou sequencial (após o término do ensino básico). Mas de acordo com as necessidades do mercado (cenário comercial da época) por mão de obra qualificada os decretos de nºs.5.154/2004 e 5.840/2006 passam a oficializar novamente, a oportunidade de se oferecer cursos profissionalizantes integrados ao ensino médio, podendo ser oferecido aos alunos que concluíssem o ensino fundamental II e à Educação de Jovens e Adolescentes (EJA). E no projeto de Lei nº 919/2007, tais medidas passam a incorporar a nova LDB. (MEC 2007).

É importante neste momento explicar o que é um curso técnico de nível médio e complementar com as informações de como e para quem ele pode ser oferecido. Mas antes disso, é necessário salientar que um curso técnico é diferente dos cursos – culturalmente chamados de profissionalizantes no Brasil - oferecidos geralmente em instituições privadas. A diferença neste caso, é que os cursos técnicos são regidos por regras do Ministério da Educação e Cultura (MEC) e suas normas estão inseridas na LDB, e de acordo com a RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 6, DE 20 DE SETEMBRO DE 2012, que em seu artigo 27, consta que o curso técnico de nível médio tem que possuir uma carga horária de 800, 1000 e 1200 horas conforme sua habilitação, e como já mencionado, pode ser oferecido apenas a quem já tenha concluído o Ensino Fundamental II, podendo o indivíduo estar cursando o ensino médio ou já ter terminado, conforme prescrito na LDB lei nº9394/1996. Já um curso de qualificação profissional ou profissionalizante como popularmente é chamado tem uma carga inferior a essas, geralmente podendo durar meses, dias ou horas, tais cursos são legalmente conhecidos como Cursos Livres, e são respaldados pela Decreto Presidencial Nº5.154, de 23 de julho de 2004, Art. 1º e 3º e PORTARIA Nº 008, de 25/06/2002 publicado no DIÁRIO OFICIAL – SC – Nº 16.935 – 27.06.2002, e não há exigência mínima de nível de instrução escolar.

No Centro Paula Souza (CPS), instituição mantenedora dos cursos das Etecs, em seus cursos técnicos modulares noturnos (alvo de investigação desse trabalho), os alunos que concluem apenas o 1º módulo dependendo da habilitação que ele faz, pode sair com o certificado de Auxiliar Técnico, por exemplo, nos cursos de Administração ou Recursos Humanos (cursos estes, oferecidos na unidade estudada), e se finalizar o 1º e 2º módulos, os mesmos conquistam o certificado de Assistente Técnico, em ambos os cursos – conforme consta nos planos de cursos do CPS. Já o curso de Açúcar e Alcool – também oferecido na referida Etec , o aluno só atinge o direito a certificação se completar no mínimo os 1º, 2º 3º módulos, sendo apenas dessa forma que conquista o título de Auxiliar

Técnico, por este curso ser de quatro módulos, diferente dos demais oferecidos na instituição.

Para finalizar, cabe ainda esclarecer, que há diferenças entre os termos “ técnico e tecnológico”. Como já dito anteriormente, os cursos técnicos de nível médio, como o próprio nome diz, é uma certificação destinada a quem cumpre as mínimas horas exigidas pelas já citadas deliberações, e que tem como obrigação apenas o término do ensino fundamental. Já o termo tecnológico, conforme o próprio site do MEC informa, se relaciona ao nível de formação superior, ou seja, o cidadão para iniciar seus estudos nesse nível, tem que ter concluído e apresentar o certificado de conclusão do ensino médio, estendendo-se também aos concluintes do Ensino de jovens e Adultos (EJA).

2.2. Uma breve história do Centro Paula Souza (CPS) e suas características

Para entender um pouco mais sobre a origem das Escolas Técnicas (Etecs) é preciso relatar – mesmo que de forma breve – um pouco da história do Centro Paula Souza. A instituição é uma autarquia do Governo do Estado de São Paulo, e pertence à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação (SDECTI). Foi criada em 6 de outubro de 1969, com a intenção de se estudar a viabilidade de se implantar gradativamente cursos superiores de tecnologia com duração de 2 e 3 anos. Um ano depois (1970), começou a operar com o nome de Centro Estadual de Educação Tecnológica de São Paulo (CEET), oferecendo três cursos Construção Civil (Movimento de Terra e Pavimentação, Construção de Obras Hidráulicas e Construção de Edifícios) e dois na área de Mecânica (Desenhista Projetista e Oficinas). As primeiras faculdades foram instalaram-se uma no município de Sorocaba e outra em São Paulo. Mesmo que a intenção inicial da instituição fosse promover cursos superiores, ao decorrer de sua existência, englobou a educação profissional de nível médio, que com o decorrer do tempo foi absorvendo unidades que já existiam e construindo novas Etecs e Fatecs, o que fez com que se tornasse de forma oficial a instituição do Estado a oferecer qualificação profissional dos citados níveis (técnico e tecnológico), expandindo essas formas de ensino para todas as regiões do Estado. O nome da instituição foi rebatizado para Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza em homenagem ao engenheiro e professor Antônio Francisco de Paula Souza (1843 – 1917) (CEETEPS, 2019).

Vale ressaltar que as primeiras escolas profissionais de nível médio começaram a ser transferidas para a instituição Paula Souza através de convênios com os governos municipal, estadual e federal à partir de 1980. Em 1994, de acordo com livro CPS 45

anos, foram incorporadas às Etecs 96 escolas técnicas, o que formalmente fez com que o Centro Paula Souza passasse a administrar oficialmente o Ensino Técnico público no Estado de São Paulo. Dessas novas escolas, 36 eram agrícolas, o que fez com que as Etecs “oferecessem novas habilitações, desde cursos com perfis gerenciais, como Agronegócio e Meio Ambiente, até outros voltados para tecnologias mais específicas, como Açúcar e Álcool, Produção de Cana-de-Açúcar, Curtimento e Cafeicultura” (CEETEPS 45 anos, 2014, p.22). Tais acontecimentos foram contribuindo para que o Centro se tornasse a maior rede estadual de ensino profissional (gratuito) da América Latina.

Atualmente, com 221 escolas técnicas (Etecs) e 68 faculdades de Tecnologia (FATEC) as escolas do CPS estão presentes em mais de 300 cidades e oferece cursos gratuitos a mais de 290 mil alunos em cursos técnicos de nível médio e superior.

As Etecs oferecem 140 cursos, para mais de 207 mil alunos, divididos entre ensino técnico integrado ao médio, ensino técnico modular e ensino médio, para os setores agropecuário, serviços e industrial, nas modalidades presencial e semipresencial, educação de jovens e adultos (EJA), especialização técnica e online. E por meio de parcerias entre Secretaria da Educação, prefeituras, e com o intuito em ampliar o acesso à educação à bairros distantes ou a cidades que não comportariam uma estrutura de Etec, foram criadas as classes descentralizadas, o que permitiu ao Centro Paula Souza ampliar o número de vagas aproveitando-se de estruturas prontas, espaços internos e salas ociosos de escolas estaduais e de Centros Estaduais Unificados (CEUS). Já as FTECS oferecem 73 cursos de graduação em diversas áreas, além de pós-graduação a mais de 82 mil estudantes.

2.3 Situação da evasão escolar do Centro Paula Souza

Os dados da movimentação de alunos das escolas técnicas do estado de São Paulo (CPS – BD Cetec) podem ser acompanhados através do site do banco de dados da Unidade do Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza (CETEC), informações estas disponíveis a qualquer internauta da Web. Após algumas informações sobre o local de acesso de informações das Etecs, neste momento serão apresentadas algumas tabelas que demonstram o número de alunos evadidos dos anos de 2015, 2016, 2017 e 2018. Em todos os anos, serão apresentados o primeiro e segundo semestres, apenas o ano de 2018 que apresentar-se-á apenas o primeiro porque os dados ainda não estão disponíveis para acesso público. Vale ressaltar que os dados das tabelas são referentes apenas aos cursos

modulares, ou seja, aqueles que são oferecidos semestralmente, com possíveis certificações em cada módulo, sendo eles de três a quatro semestres, e em sua maioria, oferecidos nos períodos noturnos ou vespertino, dentro das unidades das Etecs ou em classes descentralizadas, conforme já explicado anteriormente nesta seção.

É importante também explicar que evasão para o CPS é entendida como qualquer forma de saída do aluno, não necessariamente, a interrupção sem dar a devida satisfação ou tendo dado baixa de modo formal em sua matrícula. Dessa forma, se o aluno for retido por frequência ou rendimento, trancamento de matrícula, desistência e até transferência, para o sistema são “formas de evasão”. Assim sendo, os dados apresentados nos quadros que seguem se referem apenas como alunos matriculados e alunos aprovados.

Tabela 8- Alunos Evadidos do 1º e 2º semestres de 2015 – Banco de dados do CPS (Tabulado pelo pesquisador)

1º Semestre 2015 - Cursos Técnicos modulares		
Alunos Matriculados	Alunos Aprovados	% de perda
132.982	103.908	21,86%
2º Semestre 2015 - Cursos Técnicos modulares		
Alunos Matriculados	Alunos Aprovados	% de perda
128.919	103.468	19,75%
Média Anual – 2015		20,81%

Como pode ser visto, em 2015 houve perda maior de alunos no primeiro semestre, quando este ficou 2,1% acima em relação ao 1º semestre. A média anual ficou um pouco acima dos 20%.

Tabela 9- Alunos Evadidos do 1º e 2º semestres de 2016 – Banco de dados do CPS (Tabulado pelo pesquisador)

1º Semestre 2016 - Cursos Técnicos modulares		
Alunos Matriculados	Alunos Aprovados	% de perda
129.938	104.532	19,50%
2º Semestre 2016 - Cursos Técnicos modulares		
Alunos Matriculados	Alunos Aprovados	% de perda
125.204	102.802	17,90%
Média Anual – 2016		18,70%

No ano de 2016, houve uma melhora no índice de perda em relação ao ano de 2015. Porém, seguiu a mesma tendência de perdas quando comparado o 1º semestre em relação ao 2º segundo do ano estudado, ou seja, uma perda de 1,6% a mais nos primeiros seis meses. Na média anual, 2016 teve uma queda 2,11% em relação ao ano anterior.

Tabela 10- Alunos Evadidos do 1º e 2º semestres de 2017 – Banco de dados do CPS (Tabulado pelo pesquisador)

1º Semestre 2017 - Cursos Técnicos modulares		
Alunos Matriculados	Alunos Aprovados	% de perda
125.561	102.683	18,22%
2º Semestre 2017 - Cursos Técnicos modulares		
Alunos Matriculados	Alunos Aprovados	% de perda
122.526	101.440	17,20%
Média Anual – 2017		17,71%

Em 2017, a tendência de perdas maiores no 1º semestre continuou maior em relação ao 2º semestre, e a média anual continuou caindo, ficando menos 3,11% em relação a 2015 e 1% menor em relação a 2016.

Tabela 11- Alunos Evadidos do 1º semestres de 2018 – Banco de dados do CPS (Tabulado pelo pesquisador)

1º Semestre 2018 - Cursos Técnicos modulares		
Alunos Matriculados	Alunos Aprovados	% de perda
123.268	101.399	17,70%

Já em 2018, como podemos ver, só está sendo apresentado o 1º semestre porque as informações do 2º semestre ainda não estão disponíveis para acesso público, mesmo assim, nota-se que é o ano que apresentou a menor evasão se comparado aos primeiros semestres dos anos anteriores, ficando 4,16% abaixo de 2015, 1,8% menor que 2016 e 0,52% inferior aos números de 2017.

De modo geral, ao analisar os quadros de 2015 a 2018, houve sempre uma melhora em relação às perdas de alunos, tanto na média semestral quanto a anual, ou até mesmo se comparado os semestres de cada ano. Fica também bem claro, que os índices maiores de perdas se concentram sempre no 1º semestre de cada ano, e que esse percentual só

ficou acima 2% em 2015, sendo que nos anos posteriores, esse número foi reduzindo gradativamente, sendo 1,6% em 2016 e 1,02% em 2017.

3 A EVASÃO ESCOLAR E A BAIXA FREQUÊNCIA NA ETEC PESQUISADA: UM ESTUDO PRELIMINAR

Essa seção analisa os dados que tratam especificamente da unidade escolar objeto de estudo desta dissertação. Inicialmente serão apresentados dados referentes ao que tange à evasão escolar e à baixa frequência, nos anos de 2015 a 2018, de modo a caracterizar a situação dos cursos modulares noturnos, pois a Etec em estudo oferece esta modalidade apenas nesse período. Na sequência, será apresentado o estudo preliminar que foi realizado no sentido de buscar mais informações sobre a questão da baixa frequência e aplicar o instrumento elaborado visando seu aprimoramento.

3.1. A evasão escolar na ETEC em estudo

Para conhecer a situação da evasão escolar na Etec pesquisada foram consultados documentos disponibilizados pelo CPS. Vale ressaltar que os dados apresentados estão disponíveis a qualquer pessoa via *web*, no banco de dados da Unidade do Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza (CETEC). Além desse local, utilizou-se também do banco de dados interno da escola, dados estes, apresentados nos Conselhos intermediário e final¹. Dessa forma, a partir de agora serão expostos os dados tabulados pelo pesquisador e referentes à movimentação de entrada e saída de alunos, lembrando que assim como os dados estaduais da seção anterior, o CPS entende como evadido o aluno retido por frequência ou rendimento, trancamento, desistências e até transferência, sendo assim, os alunos serão apresentados apenas como matriculados e aprovados.

Tabela 12- Alunos Evadidos do 1º e 2º semestres de 2015 – Banco de dados do CPS – Etec BCBA (Tabulado pelo pesquisador)

1º Semestre 2015 - Cursos Técnicos modulares		
Alunos Matriculados	Alunos Aprovados	% de perda
292	233	20,20%
2º Semestre 2015 - Cursos Técnicos modulares		
Alunos Matriculados	Alunos Aprovados	% de perda
210	170	19,05%
Média Anual – 2015		19,62%

¹ Conselho Intermediário e Final acontecem sempre no final de cada semestre, quando todos os professores do curso entregam as menções do semestre e tomam decisões referentes às situações relacionadas à vida escolar dos alunos.

O número de alunos evadidos apresentado em 2015 – especificamente da unidade em estudo dos cursos modulares noturnos foi bem expressivo e também semelhante aos números do estado de São Paulo, apresentando as mesmas tendências de maior incidência no 1º semestre. Dessa forma, podemos apontar que mesmo com pouca diferença, o 1º semestre ficou 1,15% com mais evasão que o segundo semestre, e a média, anual ficou 19,62%, menos de um por cento (abaixo) em relação à média estadual.

Tabela 13- Alunos Evadidos do 1º e 2º semestres de 2016 – Banco de dados do CPS – Etec BCBA (Tabulado pelo pesquisador)

1º Semestre 2016 - Cursos Técnicos modulares		
Alunos Matriculados	Alunos Aprovados	% de perda
238	195	18,06%
2º Semestre 2016 - Cursos Técnicos modulares		
Alunos Matriculados	Alunos Aprovados	% de perda
219	191	12,78%
Média Anual – 2016		15,42%

Em 2016, o que chama muito a atenção é o número expressivo entre a quantidade de alunos evadidos no 1º semestre em relação ao segundo semestre. Até então, as diferenças nunca chegavam a 3% - tanto dos índices estaduais quanto o da própria Etec em estudo – porém, nesse ano a diferença chegou a 5,28%. Muito provável que a equipe gestora da unidade deva ter traçado estratégias de combate à evasão. Mesmo assim, a média anual não ficou muito baixa porque no 1º semestre a evasão foi relativamente alta, mas não discrepante aos números apresentados até aqui.

Tabela 14- Alunos Evadidos do 1º e 2º semestres de 2017– Banco de dados do CPS – Etec BCBA (Tabulado pelo pesquisador)

1º Semestre 2017 - Cursos Técnicos modulares		
Alunos Matriculados	Alunos Aprovados	% de perda
290	241	16,89%
2º Semestre 2017 - Cursos Técnicos modulares		
Alunos Matriculados	Alunos Aprovados	% de perda
289	253	12,45%
Média Anual – 2017		14,67%

Na mesma tendência de 2016, o ano de 2017 continuou a diminuir o número de evadidos tanto no 1º quanto no 2º semestre. A diferença entre os semestres analisados também de certa forma foi expressiva, semelhante ao ano anterior. A média de 2017 ficou em 14,67%, e a diferença entre os semestres ficou em 4,45% a menos de julho a dezembro.

Tabela 15- Alunos Evadidos do 1º e 2º semestres de 2018– Banco de dados do CPS – Etec BCBA (Tabulado pelo autor)

1º Semestre 2018 - Cursos Técnicos modulares		
Alunos Matriculados	Alunos Aprovados	% de perda
285	250	12,28%
2º Semestre 2018 - Cursos Técnicos modulares		
Alunos Matriculados	Alunos Aprovados	% de perda
306	272	11,11%
Média Anual – 2018		11,70%

É interessante analisar o ano de 2018 comparando-o ao ano de 2015. As diferenças são relativamente grandes, tanto no 1º semestre (7,92%) quanto no 2º semestre (7,94%). A média anual também é bem expressiva 7,92%. Vale também ressaltar que 2018 foi o ano que teve os menores número de alunos evadidos tanto no 1º quanto no 2º semestre.

Para finalizar, pode-se afirmar que a unidade em estudo acompanhou o declínio de alunos evadidos em relação aos dados do estado, porém, em todos os anos e semestres ficou abaixo dos dados gerais. O que pode ser destacado ainda é que 2016 e 2017 foram os anos em que a Etec em estudo teve uma maior diferença entre os números de alunos evadidos de um semestre para o outro em relação ao estado de São Paulo.

3.1.1. Análise da baixa frequência no ano de 2018 nos cursos modulares noturnos

Os dados que serão apresentados a partir de agora, foram retirados especificamente dos Conselhos Finais referentes ao final do 1º semestre de 2018 e do 2º semestre do mesmo ano da Etec em estudo. Os cursos em análise no 1º semestre de 2018 foram 1º, 2º e 3º módulos do curso técnico em Açúcar e Álcool, 1º e 3º módulos do curso técnico em Administração, 3º módulo do curso técnico em informática para internet, 3º módulo do curso técnico em Recursos Humanos e 2º módulo do curso técnico em Segurança do Trabalho.

Tabela 16- Dados do conselho final do 1º semestre de 2018 – alunos com baixa frequência

1º semestre de 2018		
Alunos matriculados	Alunos com frequência abaixo de 75%	Percentual
255	97	38%

De acordo com os números extraídos do conselho final do 1º semestre de 2018, na ocasião 255 alunos estavam matriculados nos citados cursos técnicos, e destes, um número muito expressivo está com frequência inferior a 75%, ou seja, 97 discentes que representam quase 40%. Desses 38% demonstrados no gráfico, quase que 12% se evadiram de alguma forma/modo, conforme já comentado anteriormente. Todos os alunos que se evadiram estavam com baixa frequência, conforme dados do próprio conselho.

Os dados do Conselho Final do segundo semestre de 2018, que será demonstrado no gráfico abaixo, estão representando os 1º, 2º e 4º módulos do curso técnico em Açúcar e Alcool, o 2º módulo do curso técnico em Administração, 1º módulo do curso técnico em Desenvolvimento de Sistemas, os 2º e 3º módulo do curso técnico em Recursos Humanos e 3º módulo do curso técnico em Segurança do Trabalho.

Tabela 17- Dados do conselho final do 1º semestre de 2018 – alunos com baixa frequência

2º semestre de 2018		
Alunos matriculados	Alunos com frequência abaixo de 75%	Percentual
286	51	18%

Já os dados extraídos do Conselho Final do segundo semestre de 2018 esboçam uma redução no número de alunos com baixa frequência, isso nos leva a pensar que acompanha os desempenhos do estado e também da própria unidade de estudo de que no 2º semestre as Etecs se mostram mais eficientes no controle tanto da evasão quanto da baixa frequência. Dessa forma, nota-se que há uma redução de 20% em relação ao semestre anterior, porém, os quase 12% de alunos evadidos saem também desse número de alunos com baixa frequência, ou seja, esses discentes começam a não frequentar a escola quando estão tomando a decisão de abandoná-la de alguma forma.

3.2. A baixa frequência na Etec em análise: estudo preliminar

Uma das razões que me levou a estudar os motivos que levam à baixa frequência dos alunos dos cursos técnicos modulares – especificamente os segundos módulos da Etec em estudo- é porque entendo que um dos caminhos que levam à evasão é esse afastamento da escola, e tal ato se dá por vários motivos, que aqui neste trabalho será entendido como fatores internos e externos, e dentro destes, vários subitens foram criados para melhor ilustrar. Mesmo antes de se abordar especificamente os dados da pesquisa, alguns dados do Conselho de Classe foram levantados para que fossem demonstrados aqui nesse item. Todos esses dados que serão apresentados na sequência só foram possíveis de se levantar porque sou atualmente orientador educacional nesta Etec, e é minha função sondar os motivos de excessos de faltas, e diagnosticar as razões para que esse fenômeno aconteça. Além disso, também é minha função criar um ambiente motivador para que esses alunos se sintam bem no espaço escolar, assim como nas relações entre seus colegas, professores e funcionários da escola. Foi possível também, no segundo semestre de 2018 testar o instrumento elaborado para a coleta de dados definitivos que ocorreu no primeiro semestre de 2019. Vale ressaltar que os alunos participantes desse momento não são os mesmos que compuseram a amostra de sujeitos definitivos da pesquisa.

Sendo assim, entre outubro e novembro do ano de 2018, 25 alunos dos cursos técnicos modulares noturnos, sendo eles 1 homem e 6 mulheres do 2º módulo do curso técnico em Administração, 2 homens e 2 mulheres do 3º módulo do curso técnico em Segurança do Trabalho, 1 homem e 10 mulheres do 3º módulo em Recursos Humanos e 2 homens e 1 mulher do 1º módulo do curso de Desenvolvimento de Sistemas, todos com frequência inferior a 75%, foram convidados a responder um questionário sobre os principais motivos que levam à baixa frequência. O intuito desse questionário – completando o que já foi dito anteriormente – faz parte da minha função de Orientador educacional, mas também, já seria uma prévia do futuro questionário que será aplicado nesta pesquisa.

Após a aplicação desse questionário respondido por escrito pelos alunos chegou-se à conclusão de que para a obtenção dos dados definitivos as perguntas do instrumento poderiam ser respondidas pelo formulário *google forms*, o que constituiu a próxima etapa da pesquisa. Nesse estudo preliminar chegou-se às seguintes respostas apresentadas nos quadros-síntese que seguem.

Tabela 18- Diagnóstico sobre o excesso de faltas: idade e sexo dos sujeitos (Out./Nov.2018)

Sexo	
Masculino	06
Feminino	19
Outros	0
Idade	
Entre 15 e 17	04
Entre 18 e 21	09
Entre 22 e 25	04
Entre 26 e 30	04
Entre 31 e 35	01
Acima de 35	03

Mesmo a pesquisa não tendo a intenção de direcionar ao sexo masculino ou feminino, muito menos à idade dos alunos, e sim, apenas aos fatos dos discentes estarem com frequência abaixo de 75%, nota-se que a maioria do público é feminino e a idade predominante está entre 15 e 30 anos, porém, com uma tendência maior entre 18 e 21 anos.

Tabela 19- Estado Civil / Renda familiar (Out./Nov.2018)

Estado Civil	
Casado	05
Solteiro	20
Outros	0
Renda Familiar	
Até R\$954,00	03
Entre R\$955,00 e R\$1908,00	07
Entre R\$1909,00 R\$2862,00	10
Entre R\$2863,00 e R\$3816,00	03
Entre R\$3817,00 e R\$4770,00	01
Entre R\$4771,00 e R\$5724,00	01
Acima de R\$5725,00	00

Quanto ao estado civil, nota-se que o público predominante desta pesquisa é solteiro, cuja renda familiar gira em torno de um salário a 4 salários mínimos.

Tabela 20- Possui curso técnico / Superior (Out./Nov.2018)

Você já fez algum curso técnico antes de estar cursando o atual?	
Sim	9
Não	14
Não responderam	2
Possui algum curso Superior/ Faculdade	
Sim	5
Não	19
Não respondeu	1

Quando foi perguntado se possuíam cursos técnico ou superior, a maioria dos respondentes registrou não possuir nenhum nem outro. Mas pode-se analisar que 9 sujeitos já fizeram curso técnico e, quanto ao curso superior 5 apontaram terem feito. Tais dados ainda não podem ser ligados à baixa frequência, porque os cursos apontados foram feitos anteriormente, elas servem apenas para criação de um perfil dos alunos analisados.

Tabela 21- Relacionamento com Professores / Alunos (Out./Nov.2018)

Seu relacionamento com os colegas / alunos é:	
Muito Bom	09
Bom	15
Ruim	0
Muito Ruim	0
Não respondeu	01

Seu relacionamento com os professores é:	
Muito Bom	07
Bom	17
Ruim	0
Muito Ruim	0
Não respondeu	01

O que se pôde perceber nas respostas é que o bom relacionamento entre os alunos e seus colegas ou entre eles e seus professores ficaram entre bom e muito bom, ou seja, a relação é agradável. No que se refere a terem bom relacionamento com os professores entende-se que tal condição não quer dizer que estejam gostando das aulas, dessa forma, essa pergunta necessita de um aprofundamento maior.

Tabela 22- Relação Trabalho e Frequência (Out./Nov.2018)

Quanto seu trabalho interfere na sua frequência às aulas?	
Interfere muito	11
Interfere pouco	07
Quase não interfere	02
Não interfere	04
Não respondeu	01

Este quadro necessita de uma atenção maior porque dos fatores externos talvez este seja um dos maiores problemas / motivos da baixa frequência e da evasão escolar. Conforme as respostas dos alunos nota-se que o trabalho interfere tanto de forma leve apontada por 2 alunos, quanto muito impactante ao se considerar que para 11 alunos o trabalho interfere muito e para 7 interfere um pouco. Dessa forma, podemos aprofundar nesse tipo de questão para descobrir de que forma realmente o trabalho acaba interferindo, se é por cansaço ou por trabalharem em trocas de turno.

Tabela 23- Relação entre Componente Curricular e Motivação (Out./Nov.2018)

Algum componente / disciplina deixa você desmotivado?	
Sim	13
Não	11
Não respondeu	01

Nota-se neste quadro que ele contradiz de certa forma à informação de que o relacionamento com os professores para todos os respondentes incide nos atributos Bom e Muito Bom. É possível supor que ou os alunos estão sendo polidos em suas respostas, ou que eles se dão bem com os professores, mas isso não significa que estão gostando de suas aulas. Dessa forma, nessa questão, é necessário haver um aprofundamento, e trabalhar com respostas abertas, além das questões de múltipla escolha.

Os dados desse estudo preliminar foram relevantes por possibilitar conhecimento mais aproximado do perfil e da situação dos alunos que cursam o ensino técnico noturno, bem como, aprimorar o roteiro do questionário da pesquisa para disponibilizá-lo na plataforma *google forms* e ser respondido pelos participantes do estudo definitivo, que será descrito e analisado na próxima seção.

4 A PESQUISA REALIZADA NA ESCOLA EM ESTUDO E EXPLICAÇÃO DOS DADOS EM RELAÇÃO À PERSPECTIVA DOS ALUNOS

A dissertação tem por objetivo identificar questões internas e externas ou intraescolares e extraescolares que contribuam para o entendimento dos motivos que conduzem à baixa frequência dos alunos dos cursos técnicos modulares noturnos de uma escola técnica do Centro Paula Souza do interior paulista. Para se chegar a tais fatores que levam os alunos ao desânimo e desmotivação para irem às aulas, tanto os apoios teóricos quanto o mapeamento de estudos realizado nesse trabalho permitiu identificar causas internas e externas que contribuem para a baixa frequência escolar dos alunos, caminho este que pode conduzir ao fracasso escolar, seja pela reprovação dos discentes ou pela evasão dos mesmos. Sendo assim, os trinta e cinco alunos participantes desta pesquisa foram apenas os que estavam matriculados nos segundos e terceiros módulos da escola, dos cursos modulares em Açúcar e Álcool (2º e 3º módulos), Administração (3º módulo), Desenvolvimento de Sistemas (2º módulo) e Recursos Humanos (2º módulo), e que se enquadravam em situação de baixa frequência, ou seja, abaixo de 75% de frequência.

As perguntas do questionário foram feitas de modo fechado – quando se faz a pergunta e coloca-se múltiplas repostas para os alunos assinalarem, e também de forma aberta, quando os alunos podem responder do modo que acharem melhor, com suas palavras. (CHAER, DINIZ, RIBEIRO, 2011)

Dessa forma, foi feito um levantamento de todos os alunos que se enquadravam em tais situações, independentemente da idade, podendo ter acima de dezoito anos, ou a partir de dezesseis anos, pois para estar matriculado em qualquer curso noturno, o discente tem que estar no mínimo cursando o 2º ano do ensino médio da própria Etec em estudo ou em outra escola. De modo geral, os alunos que participaram da pesquisa poderiam estar cursando o ensino médio, ou já terminado.

Sendo assim, foi feita uma impressão do sistema acadêmico da escola, contendo todos os alunos que se encaixavam em situação de baixa frequência, chegando ao número total de sessenta e cinco pessoas. Destes, dezessete alunos pertenciam ao 2º módulo de Açúcar e Álcool, nove pertenciam ao 3º módulo de Açúcar e Álcool, treze pertenciam ao 3º módulo da Administração, dez pertenciam ao curso de desenvolvimento de Sistemas e dezesseis pertenciam ao curso de Recursos Humanos. Porém, o número total de alunos pesquisados não é de sessenta e cinco, mas sim de trinta e cinco, pelos seguintes motivos:

Dentre os 17 alunos do 2º módulo em Açúcar e Álcool, 2 se evadiram do curso, e onze não estavam presentes na escola ou se recusaram a responder. Dessa forma, apenas 5 responderam à pesquisa.

Dos 9 alunos do 3º módulo em Açúcar e Álcool, 5 não estavam presentes na escola ou se recusaram a responder, sendo apenas 4 que aceitaram responder à pesquisa. Já os 13 alunos do 3º módulo em Administração, 3 se evadiram, e 10 responderam à pesquisa.

Dentre os 10 alunos do 2º módulo em Desenvolvimento de Sistemas, 5 se evadiram, e um não estava presente na escola ou se recusou a responder. Dessa forma, 4 responderam à pesquisa.

Dos 16 alunos do 2º módulo em Recursos Humanos, um se evadiu, e 3 não estavam presentes na escola ou se recusaram a responder. Dessa forma, 12 responderam à pesquisa.

Conforme analisado, a possibilidade era de que 65 alunos respondessem ao questionário, porém, conseguiu-se 35 alunos porque 10 se evadiram e 20 não responderam por não estarem presentes na escola ou porque não quiseram responder à pesquisa. Não houve intenção da minha parte de enviar a pesquisa por e-mail ou por alguma rede social porque a possibilidade de o aluno responder sem assinar os termos de consentimento seria grande e poderia prejudicar a publicação desses dados.

Todos os alunos referenciados na pesquisa foram levados ao laboratório de informática, módulo a módulo, e a eles foi passado um endereço eletrônico (via *google forms*) ao qual estavam todas as questões que serão apresentadas abaixo. Vale ressaltar, que antes da aplicação do questionário foi feito um pré-teste com dois alunos que ao responder às questões contribuíram com sugestões sobre a redação de algumas delas, bem como, foi possível com essa pequena amostra ter noção do tempo de duração que os alunos levariam para responder ao questionário.

4.1 Questionário e tabulação dos dados da pesquisa

O questionário foi dividido em três partes: da questão 1 a 9, teve-se a intenção de fazer um levantamento das características pessoais dos entrevistados. Da questão 10 a 26, foi feito um levantamento dos motivos internos relacionados à baixa frequência, relacionados aos problemas internos da escola. Já das questões 27 até 39, foi feito um levantamento dos motivos externos que levavam o discente se colocar em situação de baixa frequência. Dessa forma, as tabelas que seguem apresentam as respostas obtidas com

o preenchimento do questionário pelos 35 sujeitos participantes da pesquisa com o uso da ferramenta *google forms*.

Tabela 24- Tabulação de dados da pesquisa sobre o sexo dos sujeitos

Sexo	
Masculino	16
Feminino	19
Outros	0
Total	35

Na primeira questão, foi feito um levantamento sobre o perfil dos alunos estudados, que conforme aponta a tabela a maioria (19 sujeitos) era do sexo feminino.

Tabela 25- Tabulação de dados da pesquisa sobre a idade dos sujeitos

Idade	
Entre 15 e 17	4
Entre 18 e 21	14
Entre 22 e 25	7
Entre 26 e 30	4
Entre 31 e 35	4
Acima de 35	2
Total	35

Quanto à idade, nota-se que a grande maioria (21 alunos) que se encontravam em situação de baixa frequência estava entre 18 e 25 anos. Dessa forma, entendo que podemos começar a pensar que essas idades podem ser o principal público-alvo do nosso objeto de pesquisa, pois se somarmos o número de sujeitos das outras idades, de 15 a 17, de 26 a 30, de 31 a 35 e acima de 35 anos, localizam-se 14 alunos no total. Essas outras faixas etárias também são importantes, porém a incidência maior de alunos em situação de baixa frequência reside nas outras duas faixas etárias apontadas, o que permite identificar melhor o público desta pesquisa.

Tabela 26- Tabulação de dados da pesquisa sobre a renda familiar dos sujeitos

Renda Familiar	
Até R\$998,00	4
Entre R\$999,00 e R\$1996,00	13
Entre R\$1997,00 R\$2994,00	3
Entre R\$2995,00 e R\$3992,00	10
Entre R\$3993,00 e R\$4990,00	4
Entre R\$4991,00 e R\$5998,00	1
Acima de R\$5999,00	0
Total	35

Quanto à renda dos alunos pesquisados, a maioria deles se enquadra entre um e dois salários mínimos e entre três e quatro salários mínimos, representados por 23 alunos. Porém, por termos alunos que ainda cursam o ensino médio, 4 alunos ganham até um salário mínimo. Assim como 3 alunos ganham entre dois e três salários e outros 4 discentes ganham entre quatro e cinco salários. Já uma fatia bem pequena dos pesquisados (apenas 1) ganha entre quatro e cinco salários. Pode-se notar que a renda tem uma boa variação, e por conhecer o público-alvo, supõe-se que os alunos com renda familiar acima de seis salários sejam os alunos que trabalham nas usinas da região e fazem o curso técnico em Açúcar e Álcool para possibilitar ascender no mercado de trabalho.

Tabela 27- Tabulação de dados da pesquisa sobre a remuneração dos sujeitos

Você exerce alguma atividade remunerada?	
Sim	20
Não	12
Não responderam	03
Total	35

Nesta questão sobre atividade remunerada, observa-se que dos 32 respondentes, 20 alunos exercem funções remuneradas, destes apenas um sujeito é microempreendedor e os demais trabalham em alguma empresa. Foram 12 alunos que responderam não exercer nenhuma atividade remunerada.

Tabela 28- Tabulação de dados da pesquisa sobre cor/raça/etnia dos sujeitos

Como você identifica sua Cor/Raça/Etnia	
Branco(a)	14
Moreno(a) Claro (a)	1
Pardo (a)	16
Indígena	1
Negro (a)	2
Não responderam	1
Total	35

Como essa questão foi feita de forma aberta, cada aluno que se enquadrava em situação de baixa frequência definiu-se quanto à sua cor. Sendo assim, de acordo com as respostas o público predominante (16 sujeitos) se definiu de cor parda. Já 14 sujeitos, segunda maior resposta, definiram-se como sendo de cor branca. Como negro, apenas 2 sujeitos se definiram como tal. Já o indígena e “morena clara” foi descrito dessa forma com apenas 1 registro para cada tipo. Sendo assim, pode-se dizer que a incidência maior referente à cor/raça/etnia dessa pesquisa se enquadra entre as cores parda e branca perfazendo um total de 30 alunos. Um aluno não respondeu à pesquisa.

Tabela 29- Tabulação de dados da pesquisa sobre o estado civil dos sujeitos

Estado Civil	
Casado	6
Solteiro	25
Outros	4
Total	35

Especifique	
Namorando	3
União estável	1

Na sexta questão perguntou-se, de forma fechada, quanto ao estado civil dos sujeitos em situação de baixa frequência, e caso respondessem “outros”, perguntou-se de forma aberta como os respondentes descrevem suas relações afetivas. Como pode ser visto, 25 alunos descreveram-se como solteiros, ou seja, grande parte dos sujeitos não se encontra em relacionamentos formalizados e estáveis. Já 6 alunos descreveram-se como casados e

4 estão em outra forma de relacionamento. Destes últimos, 3 registraram estar namorando e apenas 1 em união estável (não descrevendo o que seria esta união).

Tabela 30- Tabulação de dados da pesquisa sobre se o aluno já fez curso técnico

Você já fez algum curso técnico antes de estar cursando o atual?	
Sim	7
Não	28
Total	35

Para conhecer um pouco mais sobre o perfil dos alunos perguntou-se aos mesmos se já haviam feito algum curso técnico anterior ao que estavam fazendo, e se a resposta fosse “sim”, em seguida precisariam descrever de forma aberta, qual seria o curso e o ano de conclusão. Dessa forma, verificou-se que 28 alunos disseram que nunca haviam feito curso de nível técnico anteriormente, já 7 responderam “sim”, e a esses deu-se sequência à questão para que os mesmos pudessem descrever de forma mais detalhada sobre o assunto. Dessa forma, 3 alunos disseram ter feito curso técnico em Informática. Apesar de não terem descrito o local, das três respostas, um aluno registrou que fez o curso entre 2007-2010 e o segundo fez em 2018, o terceiro não descreveu. Os demais respondentes registraram ter cursado o nível técnico, porém, nenhum dos 4 alunos citou o ano de conclusão. Dessa forma, o resultado ficou da seguinte maneira, todos os cursos a seguir, foram citados apenas por um sujeito, sendo eles: o curso de Administração; de Nutrição/ Diabética; curso de Refrigeração e o curso de Sondagem.

Tabela 31- Tabulação de dados da pesquisa sobre se o aluno já terminou o ensino médio

Você já concluiu o ensino médio? Se sim, descreva o ano.	
Concluía em 1981	1
Concluía em 1988	1
Concluía em 2003	2
Concluía em 2005	1
Concluía em 2007	1
Concluía em 2008	1
Concluía em 2009	2
Concluía em 2012	1
Concluía em 2013	2
Concluía em 2014	1
Concluía em 2015	3
Concluía em 2016	2
Concluía em 2017	3
Concluía em 2018	5
Responderam apenas ter concluído	2
Não concluíram	3
Não responderam	4
Total	35

A oitava questão foi feita de forma aberta para que os alunos respondessem se já haviam concluído ou não o ensino médio (se respondessem sim, teriam que complementar o ano de conclusão). O resultado ficou da seguinte maneira: Dentre os 31 sujeitos que responderam, 28 registraram ter concluído o ensino médio, apenas 3 ainda estavam em fase de término, ou no mínimo no segundo ano do ensino médio, exigência mínima para fazer um curso técnico noturno. Dessa forma, 5 alunos concluíram o ensino médio em 2018, enquanto 3 alunos responderam ter concluído em 2015. Três alunos concluíram em 2017, assim como também tivemos 2 concluintes em 2009, em 2003, em 2013, em 2016 e dois responderam apenas ter concluído, porém, acredita-se que no momento da pesquisa, não se lembraram do ano de conclusão. Os demais discentes, que também responderam ter concluído o ensino médio, um concluiu em 1998, assim como nos demais anos, 2007, 2012, 2014, 1981. Como podemos notar, as respostas foram bem variadas ao se considerar o tempo de formação desses alunos, sendo que há alunos recém formados em 2018 (apenas um ano antes de começarem o ensino técnico na Etec) como aquele (a) que se formou há 38 anos.

As respostas dos alunos matriculados nos cursos noturnos da Etec demonstraram ser bem heterogêneas, porém, podemos afirmar que os sujeitos participantes dessa pesquisa que se encontram em situação de baixa frequência encontram-se, em sua maioria, formados no ensino médio em anos mais recentes, ou seja, entre 2015 e 2018. Quatro alunos não responderam à questão.

Tabela 32- Tabulação de dados da pesquisa sobre se o aluno possui curso superior

Possui algum curso Superior/ Faculdade?	
Sim	4
Não	31
Total	35
Se sim, qual foi o curso que fez, quando ingressou e quando concluiu.	
Direito	1
Engenharia Bioenergética	1
Recursos Humanos	1
Psicologia	1

Nas questões da Tabela 32, pretendia-se saber se os alunos já possuíam cursos de nível superior; e se a resposta fosse “sim”, deveriam informar em questão aberta qual era esse curso e a data de conclusão. Dessa forma, nas respostas nota-se que apenas 4 dos discentes registraram possuir curso de nível superior, destes, um aluno se formou em

Direito, um em Engenharia de Bioenergética (dessas duas respostas, nenhum citou data de conclusão do curso), um em Recursos Humanos (de 2013 a 2014) e um em Psicologia (de 2010 a 2014).

Tabela 33- Tabulação de dados da pesquisa sobre se o aluno faz curso superior na modalidade EAD

Faz faculdade a distância ao mesmo tempo em que estuda na Etec?	
Sim	1
Não	34
Total	35

Essa questão foi feita pela ascensão da oferta de cursos *online*, que pode ser um concorrente de forma direta ou não, dos cursos técnicos da Etec em estudo. De acordo com os dados apresentados, nota-se que apenas um aluno, dos 35 que responderam à pesquisa, faz curso a distância, sendo possível supor que os cursos nessa modalidade de Ensino a Distância (EAD) ainda não sejam um concorrente para escola em estudo.

Tabela 34- Tabulação de dados da pesquisa sobre se o aluno já fez Cursos Livres

Outros cursos que já tenha feito Exemplos:	
Música, dança, teatro, informática, Treinamentos, inglês, etc. Dê exemplos.	
Desenho Mecânico	1
Informática	15
Inglês	3
Espanhol	1
Capacitação - Uso de Nocivos	1
Música	1
Atendimento	1
Técnicas de Açúcar e Alcool	1
Montagem e Manutenção	1
Não responderam	10
Total	35

A intenção desta pergunta era saber se os alunos participantes da pesquisa possuíam outros tipos de cursos que não fossem de nível técnico nem superior, e sim, do tipo “livre”, como são classificados de acordo com o Decreto Presidencial N°5.154, de 23 de julho de 2004, Art. 1° e 3° e PORTARIA N° 008, de 25/06/2002 publicado no DIÁRIO OFICIAL – SC – N° 16.935 – 27.06.2002. Como pode ser visto, o curso de Informática foi o mais indicado pelos alunos, com 15 citações. Vale ressaltar que dentre os 35 sujeitos apenas

18 alunos responderam essa questão informando quantos cursos livres fizeram. Assim sendo, o total de respostas ultrapassa o número dos sujeitos respondentes. Os alunos que responderam à questão, além dos que disseram ter feito apenas o curso de Informática como (único curso), apenas mais um aluno teve resposta única, dizendo ter feito apenas um curso, no caso, Desenho Mecânico. Dessa forma, os demais alunos, exceto os que deram respostas únicas, seis disseram ter feito mais de um curso, além do de Informática. Sendo assim, três responderam ter feito Inglês, um disse ter feito curso de Espanhol, outro aluno fez o curso de Uso de Nocivos, um respondeu ter feito o curso de Música, uma respondeu ter feito o curso de Atendimento, um disse ter feito o curso de Técnicas de Açúcar e Álcool e outra discente respondeu ter feito o curso de Montagem e Manutenção. Dez pessoas não responderam à questão.

Até a questão de número onze, eram perguntas relacionadas à caracterização do público alvo pesquisado para que pudéssemos entender um pouco mais o perfil deles para uma posterior análise, na busca de tentar criar aproximações de padrões ou de algo em comum entre eles.

Neste momento, começam as perguntas mais específicas relacionadas ao foco da pesquisa em relação aos fatores internos responsáveis pela baixa frequência.

Tabela 35- Tabulação de dados da pesquisa sobre o relacionamento com os professores

Seu relacionamento com os professores é	
Muito Bom	8
Bom	25
Ruim	2
Muito Ruim	0
Total	35

A partir desta questão, buscou-se identificar fatores internos/intraescolares relacionados à baixa frequência dos alunos pesquisados. Nesta primeira questão, notou-se que 33 alunos registraram possuir entre muito bom a bom relacionamento com os professores, apenas dois alunos responderam ter um relacionamento ruim. Mesmo que esta questão seja muito relevante, isoladamente, ainda é pouco para termos uma noção de que problemas de relacionamento com os docentes seja um dos motivos para a baixa frequência. Outras questões mais aprofundadas poderão auxiliar para a manutenção ou não dessa percepção dos alunos.

Tabela 36- Tabulação dos dados sobre o relacionamento entre os alunos

Seu relacionamento com os colegas / alunos é	
Muito Bom	13
Bom	22
Ruim	0
Muito Ruim	0
Total	35

No que diz respeito a essa questão sobre o relacionamento entre os alunos tentou-se aqui, entender se havia uma relação entre baixa frequência e relacionamento entre os discentes, analisando assim, se a falta de bom relacionamento desmotivaria o aluno a frequentar a escola. Nota-se que os 35 alunos responderam que o relacionamento entre eles é bom (22 alunos) e muito bom (13), ou seja, não há problemas na relação com os próprios pares.

Tabela 37- Tabulação dos dados da pesquisa sobre a interferência do trabalho na frequência escolar

Quanto seu trabalho interfere na sua frequência às aulas?	
Interfere muito	9
Interfere pouco	11
Quase não interfere	3
Não interfere	2
Não trabalho	10
Total	35

Esta questão mostra como alguns dos fatores externos começam a influenciar para que a situação de baixa frequência dos alunos ocorra. Dos pesquisados, 9 alunos apontaram que o trabalho interfere muito quanto à frequência. Já 11 dos alunos registraram que interfere um pouco, enquanto 3 discentes apontaram que o trabalho quase não interfere em relação à sua frequência. Dessa forma, se juntarmos as três respostas já citadas, nota-se que 12 pessoas são influenciadas, de alguma forma, a diminuir sua frequência às aulas, devido ao trabalho. Em contrapartida, apenas dois alunos registraram que o trabalho nada interfere nos estudos. Ainda dentre os sujeitos 10 apontaram que não trabalham, porém, mesmo assim, se encontram em situação de baixa frequência.

Tabela 38- Tabulação de dados da pesquisa sobre os componentes que mais gosta

Cite duas disciplinas / componentes curriculares que você mais gosta:	
Legislação e Previdência Tributária (LPT)	5
Psicologia	4
Gestão de Pessoas	4
Controle da Qualidade	4
Práticas de Departamento Pessoal	3
Gestão de Procedimentos e Atividades (GPA)	3
Legislação Empresarial	3
Negócios Internacionais (LENI)	3
Gestão de Produção e Materiais (GPM)	3
Desenvolvimento Humano e Organizacional	2
Banco de Dados (BD)	2
Desenvolvimento de Sistemas	2
Professor X	2
Planejamento, Recrutamento e Seleção	1
Psicologia	1
Processo de Motivação e Liderança (PPML citada como PPM)	1
Processos Motivacionais	1
Física	1
Análise de Processos	1
Matemática	1
Biologia	1
Operação de Processos Físicos (OPF)	1
Operação de Controle de Processos (OCP)	1
Inglês	1
Gestão de Materiais	1
Gestão Financeira e Econômica	1
Logística de Produção	1
HTML	1
Professor Y	1
Total	65

Obs.: O total não se refere ao número de sujeitos, mas de respostas assinaladas

Nesta questão, tentou-se reconhecer os componentes / disciplinas que os alunos mais se identificam, mesmo recomendando que colocassem duas, alguns apontaram apenas uma ou mais de duas. Muitos alunos colocaram os componentes em formas de siglas, ou quando não lembravam do nome da mesma, colocaram o nome do professor (a este foi mantido o sigilo e só foi colocado a letra inicial do nome) e não se pôde, também, relacionar a disciplina ao docente. Quando os alunos colocaram as siglas, busquei nos Planos de Curso identificá-las e agrupá-las, conseguindo assim realizar uma classificação. Vale lembrar que são alunos de quatro cursos diferentes, e a quantidade de alunos de cada

área também não foi dividida de modo igual, mas sim se estivesse em situação de baixa frequência. Dessa forma, identificou-se 29 disciplinas como sendo as preferidas, sendo assim, será descrita de forma decrescente, começando pela preferida.

O componente Legislação e Previdência Tributária (LPT) do curso de Recursos Humanos teve 5 indicações. Em segundo lugar ficaram os componentes de Psicologia e Gestão de Pessoas (ambos também de RH), Marketing do curso de Administração (ADM) e Controle da Qualidade do curso de Açúcar e Álcool, todos com 4 indicações. As disciplinas de Práticas de Departamento Pessoal do curso de RH, Gestão de Procedimentos e Atividades (GPA) do curso de Açúcar e Álcool (AA), Legislação Empresarial e Negócios Internacionais (LENI) e Gestão de Produção e Materiais (GPM) ambas do curso de ADM, tiveram cada uma, 3 indicações. Os componentes de Desenvolvimento Humano e Organizacional (do curso de RH), Banco de Dados (BD) do curso de Desenvolvimento de Sistemas, a própria disciplina Desenvolvimento de Sistemas, e o professor X, tiveram 2 registros.

Já os componentes Planejamento, Recrutamento e Seleção do curso de RH, Psicologia e Processo de Motivação e Liderança (PPML citada como PPM) e Processos Motivacionais (todas do curso de RH), Física, Análise de Processos, Matemática e Biologia, Operação de Processos Físicos (OPF), Operação de Controle de Processos (OCP), Inglês (disciplinas de AA), Gestão de Materiais, Gestão Financeira e Econômica, Logística de Produção (disciplinas de ADM), HTML (sigla esta, que apesar de não ser uma disciplina específica, está alinhada ao curso de Desenvolvimento de Sistemas), foram relacionadas ou escolhidas apenas uma vez, com apenas um indicação cada, assim como o nome da professor Y.

Tabela 39- Tabulação de dados da pesquisa sobre os componentes que menos gosta

Cite duas disciplinas / componentes curriculares que você menos gosta:	
Inglês	11
Planejamento de Trabalho de Conclusão de Curso (PTCC)	9
Desenvolvimento Humano e Organizacional (DHO)	6
Gestão de Pessoas	3
Psicologia (PPM)	2
Gestão Financeira e Econômica (GFE)	2
Cálculos Estatísticos (CE)	2
Legislação Previdenciária (LP)	1
Internet e Protocolos (IP)	1
Automação Industrial	1
Marketing Industrial	1
Mobile	1
Programação de Web (PWI)	1
Design Digital (D.D.)	1
Linguagem, Trabalho e Tecnologia (LTT)	1
Professor Z.	1
TOTAL	44

Obs.: O total não se refere ao número de sujeitos, mas de respostas assinaladas

Essa tabela se refere às disciplinas que mais desanimam os alunos a frequentarem a escola. Duas delas foram as mais citadas nesta questão feita de forma aberta. Dessa forma, a mais apontada pelos alunos que se encontravam em situação de baixa frequência foi a disciplina de Inglês com 11 indicações. O que é mais interessante nessa resposta é que essa é uma disciplina comum a todos os cursos em análise, assim como o componente que ficou em segundo lugar na escolha dos alunos, Planejamento de Trabalho de Conclusão de Curso (PTCC), com 9 votos. Em terceiro lugar ficou a disciplina de Desenvolvimento Humano e Organizacional (DHO) do curso de RH, recebendo 6 votos. O componente de Gestão de Pessoas, pertencente ao curso de RH, recebeu 3 votos. Já as disciplinas de Psicologia (PPM), Gestão Financeira e Econômica (GFE), Cálculos Estatísticos (CE) todas receberam dois votos cada.

Os demais componentes como Legislação Previdenciária (LP) do curso de RH, Ética (comum a todos os cursos), Internet e Protocolos (IP) do curso de DS, Automação Industrial do curso de AA, Marketing Industrial do curso de Administração, Mobile do curso de DS, Programação de Web (PWI) do curso de DS, Design Digital (D.D.) do curso de DS e Linguagem, Trabalho e Tecnologia (LTT) – disciplina que faz parte de todos os cursos) receberam apenas uma indicação cada, assim como o professor A.

Tabela 40- Tabulação de dados da pesquisa sobre os componentes que deixam os alunos desmotivados

Algum componente / disciplina deixa você desmotivado?	
Sim	10
Não	25
Total	35

Nota-se que 25 alunos responderam não ter nenhum componente que os desmotivam, 10 registraram sim. Dessa forma, procurou-se entender o que os alunos registraram sobre o motivo que levava tais componentes a se tornarem tão desmotivadores.

Nota-se nessas respostas que os alunos voltaram a citar os componentes, mas sem explicar claramente o porquê de tais desânimos. Porém, em outras respostas vincularam o componente e o motivo, conforme pode ser visto nas descrições dos alunos: *“desenvolvimento humano organizacional, aulas muitos cansativas, pesadas e maçantes”*, *“Ai porque eu não consigo pegar a matéria por motivo serviço”*, *“PTCC, DHO, ME desmotiva”*. Em uma outra resposta, o aluno citou só o motivo, mas não o componente *“É desanimador ficar naquela disciplina chata, que não me atrai”*. *Todas as demais respostas foram apenas citações de disciplinas”*.

Tabela 41- Pesquisa sobre os componentes curriculares que os alunos têm mais dificuldades

Qual é o componente curricular / disciplina que você mais tem dificuldade?	
Inglês	6
Planejamento de Trabalho de Conclusão de Curso (PTCC)	3
Sistemas de Utilidades e Energia (SUE)	3
Desenvolvimento Humano e Organizacional (DHO)	3
Gestão financeira econômica (GFE)	2
Psicologia	2
“ACP e C#”	1
Legislação Previdenciária e Tributária (LPT)	1
Programação Web	1
Professor XY	1
Não responderam à questão	12
Total	35

Na questão 18 apresentada na Tabela 41, procurou-se entender se as dificuldades encontradas em alguns componentes poderiam desmotivar os alunos a frequentar as aulas, ao ponto de contribuir com a baixa frequência deles. O componente de Inglês tem se destacado mais uma vez, sendo escolhido por 6 vezes. Em seguida vêm os componentes Planejamento de Trabalho de Conclusão de Curso (PTCC) comum a todos os cursos,

Sistemas de Utilidades e Energia (SUE) do curso de AA e Desenvolvimento Humano e Organizacional (DHO) do curso de RH com 3 indicações cada. Na disciplina Sistemas de Utilidades e Energia (SUE) o aluno ainda citou que “*SUE é muito difícil a matéria*”.

Já os componentes Gestão Financeira Econômica (GFE) e Psicologia (ambas do curso de RH) tiveram 2 indicações dos pesquisados. As siglas “ACP e C#” receberam uma indicação, porém, nenhuma delas foi encontrada nos planos de curso da unidade em estudo. A frase “Digamos que nenhuma” apareceu uma vez também. As disciplinas de Legislação Previdenciária e Tributária (LPT) do curso de RH, Programação Web do curso de DS, receberam também uma indicação. Um aluno respondeu que sentia dificuldades em todas as disciplinas e um outro indicou ter muita dificuldade com o professor XY, no entanto, 12 pessoas não responderam à pesquisa.

Tabela 42- Justificativa dos alunos sobre os componentes curriculares que têm mais dificuldades

Por qual o motivo?	
Matérias muito teóricas - “complexo e muito teórico, acho difícil” e “Materiais muito teóricas”	2
Não gosta disciplina / professor	2
Componente com aula em apenas um dia por semana - “um dia de aula por semana e as vezes falto nesse”	1
Dificuldade com conteúdos de exatas - “sou pouco lento pra fazer as contas”, “muitas regras e cálculos”	3
Explicação do professor - “explicação confusa” e “falta de explicação”	3
Língua estrangeira - “inglês é uma língua diferente, estrangeira”	2
Dificuldades com escrita / TCC - “muitas normas a ser decorada”, “desistência de membros”	2
Complexidade dos conteúdos	2
Dificuldade com computação - “tenho muita dificuldade com computação”, “não entra na minha cabeça”	2
Dificuldade por estar muito tempo sem estudar - “faz muito tempo que eu não estudava ai confunde minha cabeça”	1
Não responderam	15
Total	35

A Tabela 42 é uma continuidade da questão dezoito com o intuito de que os alunos explicassem o motivo pelo qual tinham dificuldades nas disciplinas apontadas, aproveitou-se também para colocar, algumas citações dos próprios alunos para que pudesse facilitar ainda mais ao leitor, o entendimento das respostas dos alunos. Sendo assim, “Dificuldades com Conteúdos de Exatas” (matérias relacionadas às áreas da matemática, como Gestão Financeira e Cálculos), recebeu 3 indicações, e os alunos

comentaram que tal dificuldade advém por serem “lentos com cálculos” e criticaram a quantidade de regras e contas dos componentes relacionados.

No registro sobre “Explicação do professor”, segunda expressão mais citada, recebeu 3 indicações também, e os alunos explanaram que o professor “é confuso em sua explicação” ou até mesmo, “o docente não explica o conteúdo. “Língua Estrangeira” (Inglês) recebeu 2 indicações, e os alunos responderam que suas dificuldades com a língua inglesa existem por ela ser uma “língua diferente” da materna. A indicação “Dificuldade com Escrita e TCC” recebeu 2 indicações, e os alunos registraram que há "muitas normas a ser decorada" na realização das atividades do componente de PTTC, disciplina intimamente relacionada a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). “Matérias muito teórica” também recebeu duas indicações, e os alunos argumentaram que elas são complexas e extensas, por isso acham difícil. Também com duas citações, apareceu “Dificuldade com Computação”, ao qual os alunos registraram ter muita dificuldade com computação, e dificuldade de entender as disciplinas relacionadas. As expressões a seguir, tiveram 2 indicações cada, e não houve comentários sobre as mesmas, e os alunos apenas apontaram sobre a “Complexidade dos conteúdos” e não gostar da “Disciplina / professor”. Quinze alunos não responderam à questão.

É oportuno acrescentar que as dificuldades apresentadas pelos alunos são intraescolares e nessa direção a escola precisa atender aos alunos.

As descrições a seguir, tiveram apenas uma indicação cada, porém, com trechos de comentários dos pesquisados. Um aluno registrou que sua dificuldade está relacionada por “estar muito tempo sem estudar”, e por isso ele se confundia um pouco. Como última indicação, o aluno (a) respondeu que a sua dificuldade estava relacionada por motivo do componente ser dado em apenas um dia por semana, o aluno (a) cita que no dia em que a disciplina é ministrada, ele (a) pode faltar na data.

Tabela 43- Pesquisa sobre a metodologia de aula que mais gosta

Que tipo de aula você mais gosta (Assinale uma ou quantas desejar)	
Expositiva: As que o professor escreve na lousa e pede para copiar	10
Expositiva: aulas que o professor utiliza <i>Datashow</i> e explica	17
Aulas dadas apenas com vídeos (filmes / documentários)	12
Aulas feitas em laboratórios de Informática / de Química	19
Estudo de caso: O professor traz uma situação real de mercado e você resolve questões referentes ao texto;	16
Situações Problema: O professor passa um problema e você tem que resolvê-lo;	15
Seminário :grupos de alunos apresentam e discutem um tema/problema	16
Total	105

Obs.: O total não se refere ao número de sujeitos, mas de respostas assinaladas

Esta questão visou apontar as metodologias de aulas (ou os tipos de aulas) que os alunos mais gostam. Para isso, foi colocado como opções as metodologias mais utilizadas pelos professores da unidade (baseado na minha experiência como docente na unidade) e também nos autores Brighenti, Biavatti, Souza (2015) para dar mais embasamento e um complemento aos tipos de opções apresentadas aos alunos que responderam à pesquisa. É importante ressaltar que o aluno poderia optar por mais de uma resposta, por isso, teremos mais de 35 respostas.

A análise será feita de forma decrescente. A maior preferência quanto à metodologia de aulas é referente às feitas em laboratórios de Informática / de química, ou seja, aulas mais práticas, 19 alunos assinalaram esta opção. Na sequência, as Aulas expositivas: que o professor utiliza Datashow e explica, obteve 17 indicações. Já Seminário: grupos de alunos que apresentam e discutem um tema/problema e Estudo de caso: O professor traz uma situação real de mercado e você resolve questões referentes ao texto tiveram 16 indicações em cada resposta. A metodologia Situações Problema: o professor passa um problema e você tem que resolvê-lo recebeu 15 indicações. As duas metodologias menos aceitas pelos alunos são aulas dadas apenas com vídeos (filmes / documentários) que recebeu 12 indicações e aulas Expositivas: as que o professor escreve na lousa e pede para copiar, que recebeu 10 indicações.

Como entendia-se que as opções citadas poderiam não ser o suficiente para a escolha dos alunos, deu-se continuidade para que o aluno expusesse seu ponto de vista sobre outras metodologias que mais agradassem e as que menos lhe agradassem.

Em relação ao tipo de aula que mais agradava 5 alunos apontaram gostar de aulas práticas (as que não ficam só na teoria), porém, não deixaram claro de que forma ou de que disciplina estariam falando.

Sobre os tipos de aulas que menos gostam a tabela apresentada na sequência mostra os registros dos alunos.

Tabela 44- Pesquisa sobre tipos de aulas que você menos gosta

Que tipo de aula você MENOS gosta? (Assinale uma ou quantas desejar)	
Expositiva: As que o professor escreve na lousa e pede para copiar	15
Expositiva: aulas que o professor utiliza <i>Datashow</i> e explica	13
Aulas dadas apenas com vídeos (filmes / documentários)	8
Aulas feitas em laboratórios de Informática / de Química	5
Estudo de caso: O professor traz uma situação real de mercado e você resolve questões referentes ao texto;	2
Situações Problema: O professor passa um problema e você tem que resolvê-lo;	5
Seminário :grupos de alunos apresentam e discutem um tema/problema	12
TOTAL	63

Outros tipos não citados (explicar os tipos de aula):	
Seminário	2
Excesso de lição	1
Aula expositiva, em que só o professor fala	1

Obs.: O total não se refere ao número de sujeitos, mas de respostas assinaladas

Nota-se nas respostas sobre os tipos de aula que os alunos menos gostam que recai na aula “Expositiva: as que o professor escreve na lousa e pede para copiar/ ou só o professor fala” recebeu 16 indicações. A metodologia “Seminário: grupos de alunos apresentam e discutem um tema/problema” recebeu 14 indicações. Na sequência, 13 alunos registraram não gostar de aulas “Expositivas: que o professor utiliza *Datashow* e explica”. Com um espaçamento maior em relação aos apontamentos feitos pelos alunos aparece as “Aulas dadas apenas com vídeos (filmes / documentários)”, com 8 indicações. Já as metodologias que envolvem “Situações Problema: o professor passa um problema e você tem que resolvê-lo” e “Aulas feitas em laboratórios de Informática / de Química” aparecem com apenas 5 indicações cada. Por último, a metodologia “Estudo de caso: quando o professor traz uma situação real de mercado e você resolve questões referentes ao texto” aparece como sendo a metodologia que apresentou 2 indicações, supondo ser mais aceitável, do que as demais.

No que tange aos outros tipos de aulas de que não gostam e não citados na relação apresentada anteriormente, nota-se que um aluno sentiu a necessidade de registrar sobre o excesso de lição.

As questões que seguem buscam trazer a percepção dos alunos sobre o relacionamento no ambiente escolar e sua interferência ou não para a baixa frequência escolar, conforme explicitado nas tabelas que seguem.

Tabela 45- Pesquisa sobre desentendimento com alunos/desmotivação

Você já se desentendeu com algum aluno/ colega a ponto de se sentir desmotivado a ir às aulas?	
Sim mas não a ponto de me desmotivar a ir às aulas	4
Sim, a ponto de desmotivar a frequentar as aulas	2
Não... Nunca	29
Total	35

Essa questão objetivou analisar se os alunos tinham alguma forma de desentendimento entre eles, e se isso poderia desmotivá-los a frequentar a escola, mas como pode ser notado, 29 assinalaram não ter nenhum problema de relacionamento com os colegas da unidade escolar, e mesmo os que já tiveram desentendimento no ambiente escolar, indicado por 6 pessoas, não foi algo que chegou a desmotivá-los a frequentar a Etec. Dos 35 alunos que responderam à pesquisa, apenas dois disseram que o desentendimento que tiveram com alunos da unidade realmente chegou a desmotivá-los a ir à escola.

Tabela 46- Pesquisa sobre se havia se sentido perseguido por professores

Você já se sentiu perseguido por algum professor?	
Não... Nunca	26
Sim	7
Não responderam	2
Total	35
Se sim, de que forma/ situação?	
Prefiro não comentar	1
Uma implicância com minha pessoa	1

A maioria dos alunos (26) responderam que nunca sofreram perseguição de nenhum docente, já 2 alunos não responderam à questão. Porém, 7 alunos disseram que já se sentiram perseguidos por algum professor, e a estes, pediu-se numa questão aberta, que comentasse de que forma/ situação isso ocorria. Nesta pergunta, os alunos deveriam descrever de que forma se sentiram perseguidos pelos professores, porém, novamente, só assinalaram que se sentiram perseguidos, e só dois alunos responderam sendo que um registrou: “Prefiro não comentar” e o outro escreveu: “Uma implicância com minha pessoa”.

Tabela 47- Pesquisa sobre se já se assediado na escola

Você já se sentiu assediado na escola?	
Não, nunca.	33
Sim, uma vez.	1
Sim, Diversas Vezes.	1
Total	35

Se sim, por quem? (Professores, funcionários, alunos, coordenadores)	
Alunos	1
Alunas	1

Nesta questão, procurou-se mais uma vez alinhar problemas internos/intraescolares de relacionamentos à baixa frequência desses alunos pesquisados. Nota-se que a maioria, 33 alunos, nunca se sentiram assediados no ambiente escolar. Porém, duas pessoas registraram sim, e pediu-se para que justificassem suas respostas em questão aberta, conforme registradas a seguir.

Ao perguntar por quem o aluno já foi assediado na instituição, tentou-se, ao dar exemplos dos possíveis atores, facilitar para que os discentes pudessem ficar mais à vontade para responder, evitando que se sentissem constrangidos ou com medo de apontarem possíveis assédios, se estes pudessem estar ligados a membros da unidade escolar, mas também, tomou-se o devido cuidado para que os pesquisados não fossem incentivados a responderem algo não verdadeiro. As duas pessoas que responderam indicaram que já se sentiram assediadas por outros colegas.

Buscou-se ainda, averiguar a ocorrência da prática de *bullying* na escola conforme tabela que segue.

Tabela 48- Pesquisa sobre se já praticaram *bullying* na escola

Já praticaram com você na escola (Etec)?	
Não... Nunca	33
Sim, diversas vezes	1
Sim, uma vez	1
Sim, estou sofrendo atualmente	0
Total	35

Se sim, por quais motivos?
Por ser mineira, sotaque diferente

A intenção dessa pergunta é de continuar a investigar as possíveis causas internas/intraescolares que possam estar levando o aluno a desanimar de ir à aula, dessa forma, perguntou-se aos pesquisados já haviam sofrido *bullying* no ambiente escolar, e como pode ser verificado, 33 disseram que não. Uma pessoa disse que sofreu diversas vezes e outra disse ter sofrido apenas uma única vez. A essas duas pessoas, estendeu-se a questão, indagando-os por qual motivo eles se sentiam perseguidos. Sendo assim, uma pessoa respondeu à questão feita de modo aberto registrando ter sofrido *bullying* devido às características advindas de sua origem regional, por ser mineira, (modo como ela fala), caracterizando assim, uma possível causa oriunda de preconceito.

Outros fatores intraescolares ainda foram explorados nas questões apresentadas na sequência.

Tabela 49- Pesquisa sobre excesso de eventos na escola

Excesso de eventos extraclasse (como palestras/festas) deixa você desmotivado a ir à escola?	
Sim, diversas vezes	6
Sim, uma vez	6
Não... Nunca	23
Total	35

Se sim, por quais motivos?	
Palestras que sempre falam a mesma coisa	1
Obrigações por ter que participar	2
Não gosto de palestras.	1
Palestras fracas em conteúdos	2
Porque atrapalha as aulas	1

Todos os anos a escola promove vários eventos extraclasse, e percebe-se que há muitas reclamações porque muitos alunos não entendem que essas atividades são complementares e de cunho educacional. Sendo assim, teve-se o intuito de investigar se havia realmente um descontentamento em relação a esses eventos, e se isso, podia estar ligado à baixa frequência. Dessa forma, notou-se que a maioria dos alunos (23) não enxergam esses eventos como desnecessários e que isso não os desmotivam a ir às aulas. Porém, é relevante o número de pessoas que demonstraram estar insatisfeitas com essas atividades, totalizando 12, divididos entre insatisfeitos várias vezes ou uma única vez. E a estes, perguntou-se o porquê de tais insatisfações.

Várias foram as reclamações dos alunos que não gostam de atividades extraescolares. A primeira resposta, conforme a tabela 49, está relacionada ao conteúdo das palestras, quando a pessoa que respondeu aponta que os conteúdos muitas vezes são repetidos. A segunda resposta, com duas indicações, está relacionada entre poder escolher assistir / participar ou não, sem ficar com falta, já que as atividades acontecem na escola e o aluno que quiser ir embora e não participar está sujeito à falta. A terceira resposta, com uma indicação, demonstra que o (a) aluno (a) não gosta desse tipo de evento. Já a quarta resposta, com duas indicações, está relacionada à falta de conteúdo das palestras que parece não agradar ou estar em desacordo em relação à grade do curso ao qual se estuda. Na última resposta o aluno diz que tais atividades atrapalham as aulas, ou seja, essa pessoa não vê importância nas atividades extraescolares.

Tabela 50- Pesquisa sobre se já foi ofendido por algum professor na escola

Você já foi ofendido por algum professor?	
Sim, diversas vezes	0
Sim, uma vez	8
Não... Nunca	27
Total	35
Se sim, de que forma?	
Me expor na sala de aula sendo que nunca atrapalhei a aula	1
O professor deu uma resposta bem seca	1
Ofensa verbal	1
Perde a paciência para explicar a matéria	1

Quando foi perguntado se algum professor já o havia ofendido 27 alunos registraram que nunca foram ofendidos pelos professores. Porém, 8 alunos responderam que já vivenciaram tal situação, e a esses foi perguntado de que forma essa ofensa havia acontecido.

Como pode ser visto na tabela 50 os casos citados pelos alunos em relação a ter sido ofendido por algum professor, uma pessoa registrou já ter sido exposta em sala de aula sem entender o motivo (não há detalhes sobre como seria essa exposição); outro caso, um docente respondeu ao aluno de forma um pouco ríspida. No terceiro caso, um aluno (a) registrou ter sido ofendido verbalmente, mas sem detalhamento da situação. Já, do ponto de vista mais pedagógico, há sinais de que o professor não tem paciência para explicar ao aluno que não entende o conteúdo de sua matéria.

Outra questão relacionada aos aspectos internos reside no nível de exigência dos docentes quanto aos trabalhos a serem desenvolvidos pelos alunos.

Tabela 51- Pesquisa sobre se os professores exigem trabalhos extraclasse

Você acha que os professores exigem muitos trabalhos extraclasse (para serem feitos em casa)?	
Sim	13
Não	22
Total	35
Se sim, quais disciplinas	
Todas	4
Desenvolvimento Humano Organizacional	2
Inglês	1
Física	1
Ética	1
Quase todas	1

Aqui, tentou-se identificar se os professores propõem atividades extraclasse de forma exagerada, de tal forma que pudesse influenciar na baixa frequência do aluno. Ainda que 22 alunos assinalaram que os professores não passam trabalhos de forma exagerada, ainda assim, vale ressaltar que 13 alunos registraram que os professores exigem bastante trabalhos fora do ambiente escolar, e a esses, foi perguntado quais eram as disciplinas que apresentavam um certo exagero, conforme pode ser visto na sequência da tabela 51

Para 4 alunos todas as disciplinas fazem isso. Com duas indicações, o componente de Desenvolvimento Humano e Organizacional vem na sequência. Inglês, Física e Ética, tiveram uma indicação cada, como sendo os componentes curriculares que exigem trabalhos extraclasse. Também um respondente registrou “quase todas” se referindo às disciplinas que fazem tal exigência.

Tabela 52- Pesquisa sobre a frequência escolar do aluno

Sua Frequência está (cada aluno será informado quanto à sua frequência)	
Entre 50% e 74%	32
Entre 75% e 85%	3
Acima de 85%	0
Total	35

No que tange à situação da frequência escolar dos 35 sujeitos participantes da pesquisa no momento da aplicação do questionário 32 alunos, ou seja, a maioria, se encontrava entre 50% e 74% de frequência, enquanto 3 alunos estavam entre 75% e 85%. Assim sendo, procurou-se analisar nas questões que seguem fatores externos e/ou intrínsecos que possam contribuir com a baixa frequência.

Tabela 53- Pesquisa sobre a frequência com que falta às aulas por motivo de cansaço

Com que frequência você falta às aulas por estar cansado (a) ?	
Sempre	4
Quase sempre	12
Às vezes	16
Nunca por esse motivo	3
Total	35

Nota-se pelos registros dos alunos que se juntarmos as respostas entre ‘sempre’, ‘quase sempre’ e ‘às vezes’, chega-se a um total de 32 indicações para se sentir cansado pelo fato de trabalharem. Apenas 3 sujeitos registraram não ser o cansaço motivo para faltar às aulas.

A questão seguinte analisa a relação entre o incentivo familiar e sua frequência ou não à escola.

Tabela 54- Pesquisa sobre incentivo familiar para o estudo

Sua família incentiva você a estudar?	
Incentiva bastante	16
Incentiva	14
Incentiva pouco	3
Não incentiva	0
Não opinam, não dão opinião a respeito	2
Total	35

A família pode ser um fator de suma importância para a permanência ou não do aluno na instituição, assim como um fator de estímulos e motivações, quando proporciona ao discente um ambiente favorável para o desenvolvimento dos estudos e o incentiva a frequentar uma instituição, de acordo com Bonfante, Neves (2017), já que, vale a pena ressaltar que, diferentemente do ensino médio em que há a obrigatoriedade de se frequentar e os pais / responsáveis legais podem responder na justiça quando o aluno não frequenta a escola, nos cursos modulares noturnos das Etecs não há essa obrigatoriedade, ou seja, o aluno que o procura, vai de forma espontânea, e tem a liberdade de trancar ou

abandonar o curso quando quiser. Se analisarmos as respostas “Incentiva Bastante” e “Incentiva”, conjuntamente, há 30 indicações de que as famílias incentivam os filhos para estudar. Apenas 5 sujeitos registraram que a família incentiva pouco ou não opinam quanto aos estudos.

Tabela 55- Pesquisa sobre se gosta do curso que faz

Você gosta do curso que faz?	
Gosto Muito	13
Gosto	13
Gosto um Pouco	8
Não gosto	1
Total	35
Caso tenha respondido não gosto, explique o motivo	
Por influência de amigos e Pais	1

Essa questão foi feita para entender se o discente está cursando algo que ele realmente gosta, pois pode-se pensar que a baixa frequência também pode estar relacionada a isso. Se analisarmos as respostas “*gosto muito do curso*” e “*gosto*” somadas, perfaz um total de 26 alunos. Já 8 alunos registraram gostar pouco e apenas 1 aluno não gosta. As últimas respostas, que representam 9 indicações, demonstram que a baixa frequência pode estar relacionada à falta de identificação com o curso. A estes, que disseram não gostar do curso, ou gostar pouco, foi perguntado o motivo pelo qual estão fazendo (tal curso). Nota-se na tabela 31 que apenas uma pessoa respondeu que estuda na Etec por influência de amigos e dos pais.

Quando questionados sobre a escolha do curso a tabela que segue expressa os motivos alegados pelos alunos.

Tabela 56- Pesquisa sobre o que levou a escolher o curso

O que levou você a escolher esse curso? (assinale uma alternativa ou quantas desejar)	
Trabalho	15
Alta empregabilidade na área	10
Outros motivos	9
Amigos	7
Pais	4
Professores	0
Total	45

Obs.: O total não se refere ao número de sujeitos, mas de respostas assinaladas

As perguntas feitas anteriormente associavam-se ao fato de alunos gostarem ou não do curso. Porém, neste momento, a intenção foi descobrir o motivo que impulsionou a escolher tal curso. Nota-se na tabela 56 que os motivos apontados são externos ao se constatar que há 25 indicações dos alunos associando sua escolha ao mercado de trabalho (15 alunos) e sua alta empregabilidade (10 alunos). Outro fator influenciador também externo demonstrado aqui, são os amigos, indicado por 7 pessoas, que disseram ter entrado na Etec devido à influência de amigos. Os pais também influenciam os filhos a estudarem, mas nesse caso, em apenas 4 indicações. Já os professores não são considerados um fator influenciador. Para 9 alunos que responderam a opção “outros motivos”, fez-se outra pergunta, de modo aberto, para saber o que os levou a escolher tal curso, conforme indicado na tabela 56.

Quanto aos motivos que levaram os alunos a escolherem um determinado curso, 7 alunos registraram ter optado por “interesse pela área” (vontade fazer o curso). Todos os demais registros tiveram apenas uma indicação cada e os motivos alegados se relacionam ao querer estudar, conseguir um emprego melhor e crescer profissionalmente, bem como registraram motivos de natureza intrínseca ao mencionarem administrar a vida pessoal e por liberdade e criatividade.

As questões que seguem se referem mais diretamente ao problema da baixa frequência por trazerem a perspectiva dos alunos sobre os motivos que alegam para se encontrarem nessa situação escolar. Nota-se que tanto fatores relacionados aos aspectos intraescolares e extraescolares, nos quais também há a presença de aspectos intrínsecos, podem ser localizados nas respostas dos sujeitos pesquisados.

Tabela 57- Pesquisa sobre as justificativas dos alunos para as faltas às aulas

Suas faltas se justificam por (assinale uma ou mais)	
Cansaço	23
Desânimo	13
Aulas pouco atraentes	12
Problemas de saúde	10
Problemas familiares	5
Falta de transporte	2
Questões financeira	2
Total	67
Apontar outras causas não relacionadas acima	
Trabalho	5

Obs.: O total não se refere ao número de sujeitos, mas de respostas assinaladas

Essa questão é de extrema importância porque está intimamente ligada ao motivo que leva o aluno a elevar sua baixa frequência, e o mais apontado pela pesquisa é o cansaço representado por 23 indicações. Vale ressaltar, que o aluno poderia indicar mais de uma alternativa. A resposta seguinte, está relacionada ao “desânimo” que é representado como escolha de 13 alunos. Essas duas respostas estão mais relacionadas a fatores extraescolares e/ou intrínsecos. A terceira resposta demonstra que a baixa frequência pode estar relacionada a fatores intraescolares, pois 12 alunos registraram que suas faltas estão relacionadas a “aulas pouco atraentes”. A próxima resposta está relacionada a problemas de saúde, ou seja, causas externas / intrínsecas apontada por 10 alunos. “Problemas familiares”, de natureza externa/ intrínseca foi a quinta causa mais apontada por 5 alunos. Ainda relacionada aos fatores extraescolares a Falta de transporte e Problemas financeiros foram assinaladas duas vezes cada uma delas.

Como a gama de respostas poderia não cobrir todas as possibilidades de justificativas para tais faltas, foi feita uma nova questão (aberta) para entender quais outros motivos poderiam justificar a baixa frequência. Assim sendo, nota-se na tabela 57, que 5 alunos responderam essa questão alegando que o trabalho que realizam (serviço, emprego/trabalho/empresário) é o que mais justifica tais ausências às aulas.

Para explorar mais os fatores externos e/ou intrínsecos que poderiam justificar a baixa frequência dos alunos outra questão relacionada a situações familiares (intrínsecas) foi proposta, conforme registros da tabela que segue.

Tabela 58- Falta às aulas e necessidades familiares

Você falta às aulas por ter necessidade de cuidar de familiares (idoso, pai, mãe, irmãos, avós, pessoas com necessidades especiais)?	
Sim, já precisei faltar por esse motivo	4
Sim, falto com frequência por esse motivo	3
Não	28
Total	35

Dessa forma, identificou-se que 28 alunos não se enquadram nesse tipo de situação / problema no seio familiar. Porém, 4 pessoas já precisaram faltar por esse motivo, e apenas 3 pessoas faltam por cuidar de algum membro familiar em situação de fragilidade.

Buscou-se também investigar fatores intrínsecos relacionados aos próprios alunos no que tange a problemas de saúde, conforme explicitado na tabela que segue.

Tabela 59- Pesquisa sobre problemas relacionados à saúde dos alunos

Você sente alguns desses sintomas? (assinale uma ou mais)	
· Autismo	0
· Ansiedade	19
· Depressão.	2
· Transtorno obsessivo-compulsivo (TOC).	2
· Esquizofrenia	0
· Transtornos alimentares	1
· Estresse pós traumático	1
· Transtorno bipolar. ...	2
· Síndrome ou transtorno do pânico	2
. Não sinto nenhum	12
Total	41
Descreva outros sintomas não relacionados acima	
Baixa Autoestima	1

Obs.: O total não se refere ao número de sujeitos, mas de respostas assinaladas

Para a escolha dos transtornos citados buscou-se em BRASIL (2003), referências dos mais comuns encontrados na população. Além de utilizar-se do banco de dados da Etec para verificar os laudos mais encontrados nos alunos da unidade. Dessa forma, foi feita uma questão fechada para o aluno escolher as alternativas com as quais mais se identificava, mesmo não tendo um laudo de um especialista. Sendo assim, notou-se que 19 alunos indicaram ter sintomas de ansiedade. Em segundo lugar, os sintomas apontados foram a depressão, o transtorno obsessivo-compulsivo (TOC), o transtorno bipolar e a síndrome (ou transtorno do pânico), sendo que todas essas alternativas tiveram duas indicações cada. Já as alternativas transtornos alimentares e estresse pós-traumático receberam 1 indicação cada. Os alunos não assinalaram sintomas relacionados ao autismo e esquizofrenia. Vale ressaltar que 12 alunos registraram não apresentar nenhum desses transtornos.

Como algumas pessoas poderiam se enquadrar em transtornos não citados, solicitou-se aos respondentes que registrassem sua real situação, porém, como pode ser visto na tabela, apenas um aluno manifestou sofrer de baixa autoestima.

Ao serem questionados sobre o próprio desempenho escolar como provável fator de desmotivação para não frequentarem as aulas obteve-se os seguintes dados.

Tabela 60- Pesquisa sobre desempenho escolar e desmotivação

Seu desempenho escolar é um fator de desmotivação para não ir à escola?	
Sim	04
Não	31
Total	35
Se sim, explique.	
Dificuldades em acompanhar o conteúdo	1

Conforme registrado na tabela 60, apenas 4 alunos consideram que o baixo desempenho escolar provoca desmotivação para ir à escola. Ao solicitar que justificassem a resposta apenas um aluno registrou possuir dificuldades em acompanhar o conteúdo. Os demais respondentes (31 alunos) não se sentem desmotivados devido ao desempenho escolar.

Outro fator que poderia influenciar a baixa frequência também foi averiguado ao se considerar o deslocamento dos alunos para chegar à escola e se provoca desmotivação, bem como, o meio de transporte utilizado.

Tabela 61- Pesquisa sobre a distância da casa até a Etec

A distância da sua casa até a Etec, atrapalha / desmotiva para ir às aulas?	
Sim, um pouco	9
Sim, muito	4
Não influencia	22
Total	35

A maioria dos sujeitos (22 alunos) registrou que a distância entre a casa e a Etec não influencia à baixa frequência, nem desmotiva para ir à escola. Porém, 13 alunos consideraram que se sentem desmotivados para ir às aulas devido à distância, mesmo que 9 deles tenham respondido que influencia um pouco e 4 muito. Sendo assim, perguntou-se sobre a necessidade de transporte público para ir à escola e a maioria (22 alunos) registrou não necessitar desse tipo de transporte e 8 alunos responderam que necessitam, sendo que 6 dentre eles indicaram que se locomovem utilizando ônibus, conforme registrado na tabela 62 que segue.

Tabela 62- Pesquisa sobre a necessidade de transporte público

Você precisa de transporte público para ir à Etec?	
Sim	8
Não.	25
Não responderam à questão	2
Total	35
Se sim, existe um transporte adequado?	
Ônibus	6
Não deram continuidade à questão	2

Como a maioria não necessitava de transporte público, perguntou-se sobre a forma como se locomoviam para chegar à Etec, porém, esperava-se que apenas os alunos que utilizam meios diferentes respondessem a essa questão, porém, os 35 discentes pesquisados também responderam.

Tabela 63- Pesquisa sobre como o aluno se locomove para chegar à Etec

De que forma você se locomove para chegar à Etec?	
A pé	12
Carro	10
Bicicleta	9
Ônibus	7
Moto	3
Total	41

Obs.: O total não se refere ao número de sujeitos, mas de respostas assinaladas

Nota-se que 12 alunos responderam ir a pé à Etec. O uso do carro, foi a segunda forma de se locomover até à escola, pois 10 pessoas utilizam esse meio. Já a bicicleta obteve 9 indicações, 7 alunos responderam utilizar o ônibus como seu meio de transporte e 3 alunos utilizam moto como meio de locomoção para chegar à escola. Observa-se que houve mais de 35 repostas porque alguns alunos podem se locomover à escola por mais de um meio de transporte.

A última questão foi feita de forma aberta e perguntou-se ao aluno se ele gostaria de fazer algum comentário sobre os motivos que poderiam provocar desânimo para ir à escola.

Tabela 64- Comentário dos alunos sobre os motivos da baixa frequência

Você gostaria de fazer mais algum comentário sobre os motivos que desanimam você para frequentar a escola?	
Não	7
Por que amigos desistiram do curso	1
Correria do dia a dia	4
Aulas cansativas	1
Problemas com alguns professores	1
Excesso de trabalho	3
Palestras longas	1
Falta de computador em casa	1
Problema da grade curricular	1
Falta de incentivo	1
Não responderam à questão	14
Total	35

Dessa forma, vinte e um alunos responderam à questão, desses, 7 registraram nada a declarar quanto a algum motivo para faltar de modo exagerado, 4 discentes relacionaram à correria do dia a dia como fator que os desmotivam a ir à escola. Já o trabalho é citado por 3 vezes como principal fator causador da baixa frequência, os demais registros com uma indicação cada, trazem comentários sobre ‘alguma pessoa importante do seu ciclo de amizade saiu da escola’, ‘desânimo por falta de estrutura em sua residência pelo fato de não ter computador em casa’, ‘problemas na matriz curricular do curso’, ‘problemas com alguns professores’, ‘aulas cansativas’, ‘palestras longas’ (deve estar relacionado às atividades extraclasse) e ‘falta de incentivo’ (não declarando por parte de quem). Nota-se que 14 alunos não responderam à questão.

Nota-se pelo conjunto das respostas que tanto fatores extraescolares quanto os intraescolares estão presentes nos comentários dos alunos. No próximo item apresenta-se uma síntese do perfil dos alunos que se encontram com baixa frequência escolar.

4.1.1 Perfil dos alunos pesquisados em situação de baixa frequência e síntese dos principais dados da pesquisa

Após ter feito toda a tabulação das informações colhidas nessa pesquisa, a intenção, neste momento, é de se caracterizar o perfil desses alunos que se encontram em situação de baixa frequência. Os apontamentos que seguem constituem uma síntese dos dados obtidos sobre as principais características desses alunos.

- ✓ Nota-se que a maior parte dos respondentes se trata de mulher solteira, entre 18 e 25 anos de idade, que trabalha e recebe entre um até quatro salários mínimos (R\$999,00 e R\$3994,00);

- ✓ Apontam o cansaço como um dos motivos que podem justificar sua baixa frequência;
- ✓ Apontam, em sua maioria, que a família incentiva / apoia estudarem na Etec.
- ✓ Concluíram o ensino médio entre os anos de 2015 e 2018. A maioria não cursou ensino superior nem cursos técnicos anteriores ao atual, mas grande parte fez cursos livres em Informática;
- ✓ Quanto à escolha dos cursos, está intimamente relacionada ao mercado de trabalho para sua ascensão, mesmo assim, escolhem tais áreas por gostarem delas e por incentivo / influência da família e dos amigos;
- ✓ Se locomovem à escola, em sua grande parte, a pé ou de carro;
- ✓ No que tange aos fatores intraescolares quanto aos relacionamentos na unidade estudada, os alunos demonstraram possuir bom relacionamento entre si, e também com os professores;
- ✓ No que diz respeito aos aspectos pedagógicos manifestaram gostar de aulas práticas, e são adversos às aulas teóricas, expositivas, seminários.
- ✓ Apresentam muita dificuldade (ou não gostam) dos componentes curriculares de Inglês e de Planejamento de Trabalho de Conclusão de Curso (PTCC), disciplina esta, ligada à elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).
- ✓ Declaram que, na maioria dos componentes curriculares os professores exigem trabalhos extraclasse, e isso é um fator desmotivador.
- ✓ No que se refere à situação de baixa frequência/desempenho escolar em que se encontram esses alunos, esta situação não representa motivo para desânimo, assim como problemas familiares não chegam a ser relevantes para impedir seu comparecimento à escola.
- ✓ Quanto aos fatores de natureza intrínseca os alunos se caracterizam como possuidores de transtornos de ansiedade.

Os dados sobre o perfil desses alunos permitem algumas considerações apontadas no próximo item.

4.2 Discussão dos resultados

O trabalho teve como principal foco identificar fatores intraescolares e extraescolares/intrínsecos relacionados à baixa frequência. Porém, a intensão nunca foi isolar tais fatores aqui citados, mas sim, identificar o peso, a presença de cada um em relação à situação de infrequência escolar dos alunos. Vários autores como Pontili e

Kassouf (2007), Costa (2011), Fernandes e Martins (2007), foram levantados neste trabalho no intuito de trazer uma base sólida para esta pesquisa, porém, nenhuma das pesquisas levantadas estavam alinhadas aos cursos técnicos, principalmente aos oferecidos no período noturno. No entanto, não faltaram trabalhos que tratassem sobre a evasão escolar, tema este mais encontrado por todos os meios pesquisados. Mas a inquietação ainda estava relacionada à baixa frequência, e os motivos que levavam os discentes a se colocarem nesta situação e, baseado neste tema, levantaram-se vários autores que estudavam o fracasso escolar: Lahire (1997) e as injustiças causadas por fatores sociais; em Dubet (1997 e 2008), ao qual também alinhei no levantamento teórico que apesar de ser um grande benefício social a popularização do ensino, essa ascensão de ofertas às classes populares também gerou problemas em relação à estrutura e à qualidade no ensino; nos autores Leão, Dayrell e Reis (2011) buscam fazer um levantamento sobre as características do aluno do ensino médio, já que os cursos técnicos em estudo eram de nível médio. Basear-se nesses apoios teóricos foi necessário porque permitiu entender que, a baixa frequência é o início de todo fracasso escolar, seja relacionado às poucas habilidades adquiridas pelos alunos por não frequentarem as aulas, pela reprovação ou pela desistência dos alunos, o que caracteriza a evasão escolar.

No mapeamento feito neste trabalho, fez-se um levantamento dos problemas intraescolares, extraescolares e intrínsecos relacionados à baixa frequência.

Como fatores intraescolares, encontrou-se nos estudos aulas pouco didáticas, dificuldades em algumas disciplinas – principalmente nas matérias de exatas, práticas de reprovação, infraestrutura da escola – tanto física quanto pedagógica, metodologias de aula pouco atrativas, distanciamento do professor – e ausência quando requisitado, falta de domínio do docente para manter em ordem a sala de aula, pouca influência ou falta de acompanhamento da família, relacionamento ruim com professores (ZENERATO,2017; ALBANEZ,2017; NARCISO,2015) entre outros autores.

Em relação às aulas pouco didáticas e metodologias de aula pouco atrativas, apontadas no mapeamento como fatores intraescolares os dados obtidos com os alunos da Etec em estudo comprovaram tais apontamentos quando nas respostas verificou-se uma insatisfação em relação às metodologias mais tradicionais utilizadas pelos professores, principalmente as aulas expositivas nas quais os alunos se sentem menos participativos ao terem que copiar texto da lousa, ou quando o professor utiliza *Datashow* e explica. Apontaram também, como sendo as metodologias que menos gostam, os seminários, pois não gostam de se exporem em sala de aula. Os alunos preferem e gostam das aulas práticas

como as que são realizadas em laboratórios de Informática e de Química, inclusive nessas aulas apontaram que gostam de seminários e do uso do Datashow, anteriormente rejeitados. Apesar de certa incoerência há que se considerar que as aulas práticas exigem maior participação dos próprios alunos.

Quanto às disciplinas que os alunos menos gostam, divergiu um pouco das pesquisas do mapeamento que apontaram as disciplinas das áreas de exatas. Já os alunos da Etec, em estudo indicaram, Inglês como a disciplina que menos gostam, assim como a disciplina de Planejamento de Trabalho de Conclusão de Curso (PTCC). Além de serem os componentes curriculares que os alunos menos gostam, também foram indicados como causa da desmotivação dos alunos para irem às aulas relatando que *“é uma língua diferente”*, que *“o TCC vamos apresentar em grupos de 5, e 2 acabaram desistindo”*. Entende-se que os alunos da unidade têm problemas com línguas estrangeiras e em fazer trabalho em grupo porque há desistências de colegas o que compromete o desenvolvimento do trabalho.

Já outras questões apontadas no mapeamento como “distanciamento do professor”, “falta de domínio do docente para manter em ordem a sala de aula”, “pouca influência ou falta de acompanhamento da família” e “relacionamento ruim com professores”, não foram confirmados nesta pesquisa, principalmente, no que tange à relação entre professor e aluno, que foi considerada muito boa na Etec. Já em relação ao relacionamento entre os próprios alunos, todos disseram ser bom e muito bom, ou seja, não há portanto problemas de relacionamento entre os alunos e professores e entre os próprios pares como um dos fatores intraescolares que pudesse provocar a ausência às aulas e ficar em situação de baixa frequência.

Em relação aos fatores externos, foram identificados nos estudos analisados os seguintes fatores: a incompatibilidade/ não identificação com o curso, excesso de trabalhos extraclasse, envolvimento com drogas, casamento, gravidez, falta de incentivo familiar, desmotivação (sem motivo claro), dificuldade financeira, problemas familiares, problemas de saúde, falta de maturidade para entender a importância do curso, curiosidade por outro curso/ área, preferência - em caso de Ensino Médio Integrado – por curso somente com disciplinas da base comum.

Das situações acima citadas, os dados da pesquisa realizada na Etec em estudo apontam que os trabalhos extraclasse exigidos pelos professores em praticamente todas as disciplinas desmotivam os alunos.

Os dados da presente pesquisa não constataram também a relação entre os problemas financeiros, gravidez, ligados à baixa frequência, tampouco a falta de incentivo familiar e problemas relacionados à saúde.

Dos fatores extraescolares, o que parece pesar mais como fator influenciador da baixa frequência é o trabalho, *que, apesar de ser um dos fatores que levam os discentes a estudar*, o mesmo também, acaba interferindo de forma direta nos estudos como, por exemplo, os alunos permanecerem no trabalho durante o período de aula, ou por se sentirem cansados acabam faltando às aulas.

Ainda no que se refere aos fatores extraescolares, os de natureza intrínseca, isto é, referente ao próprio indivíduo, apresentaram menor incidência se comparado com os demais aspectos já apontados. Os participantes dessa pesquisa apontaram que possuem transtorno de ansiedade, que pode afetar a saúde dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse momento é importante apresentar o que esta pesquisa se propôs investigar e o que se obteve com a sua realização. O tema sobre a baixa frequência escolar foi o objeto de estudo principal por ser um problema localizado nos diferentes níveis educacionais, conforme os estudos mencionados, sendo aqui tratado no âmbito de um curso de nível técnico com o objetivo de identificar e analisar os motivos que levam os alunos dos cursos técnicos modulares noturnos de uma escola técnica do interior paulista à situação de baixa frequência escolar. As questões norteadoras incidiram em saber quais as causas da baixa frequência e a quais fatores se relacionam, ou seja, aos fatores intraescolares, extraescolares e/ou a fatores intrínsecos. Considerou-se relevante buscar respostas a tais questionamentos trazendo a perspectiva dos próprios alunos que se encontram nesta situação ao responderem a um questionário com diferentes modalidades de questões.

Os dados analisados com base nos apoios teóricos e estudos do mapeamento bibliográfico realizado permitem apontar que os objetivos foram atendidos e as questões respondidas, bem como, possibilitou obter os seguintes resultados e possibilidades de contribuição para melhorar a situação de baixa frequência na instituição investigada, apresentados na sequência.

Os resultados obtidos permitem apontar que os fatores internos e externos, bem como os intrínsecos aparecem com pesos diferentes, sendo que os fatores intraescolares /internos prevalecem como provável causa da situação de baixa frequência dos alunos ao apontarem aspectos de âmbito pedagógico, se comparados com os fatores extraescolares e intrínsecos ao próprio aluno.

É importante destacar que embora se constate o predomínio dos fatores intraescolares, tais fatores são acompanhados pelos fatores extraescolares e intrínsecos aqui analisados, mas a presença desses fatores não é tão forte de modo a provocar a ausência dos alunos às aulas. Os fatores não são excludentes e precisam ser analisados não isoladamente, ainda que se verifique a prevalência de um determinado fator.

Pensando que a contribuição dessa pesquisa reside em aprimorar, com base nos seus resultados, a unidade escolar investigada, trazendo a percepção dos alunos que nela estudam, algumas ações preventivas deverão ser efetivadas para o enfrentamento da baixa frequência escolar. Uma delas diz respeito à necessidade de se reorganizar o trabalho pedagógico em função do que os alunos apontaram, o que implica rever metodologias de trabalho em sala de aula, a proposição de trabalhos de conclusão de curso (TCC), bem

como, a didática pela qual se transfere / proporciona conhecimentos no componente de língua estrangeira que se mostra como um fator de possível desmotivação em algum momento da vida escolar do aluno. Essa disciplina– assim como o componente voltado para a construção do TCC – uma disciplina que envolve todos os cursos e atingem o maior número de alunos da unidade, merecem uma atenção maior em relação às suas metodologias de ensino.

Por mais que se intencione aumentar a frequência dos alunos da unidade estudada, os fatores externos e intrínsecos são, de certo modo, incontornáveis no âmbito da unidade escolar, sendo assim, quase impossível de se propor melhorias, porém, fato é que, além da melhoria das práticas pedagógicas, como a possível utilização também de melhorias ativas, que segundo Silva et al. 2017, aproximam a teoria da prática, pode-se ainda aprimorar o ambiente interno com um conjunto de atividades motivacionais como, por exemplo, projetos culturais, científicos, esportivos, visitas técnicas, feiras tecnológicas / e de empreendedorismo, entre muitos outros, que chamem a atenção do aluno e desenvolvam habilidades pessoais, além das cognitivas, principalmente aos discentes que chegam cansados e não conseguem se concentrar apenas em aulas elaboradas com metodologias tradicionais, centradas apenas no professor como o detentor do conhecimento (SILVA et al. 2017).

Dessa forma, o objetivo deste trabalho foi identificar os fatores intraescolares e os extraescolares que contribuem com a baixa frequência dos discentes de uma escola técnica do interior de São Paulo, trazendo para tal, a perspectiva dos próprios alunos e como pôde ser visto, por meio do levantamento bibliográfico e da pesquisa aplicada junto aos alunos, tais fatores foram identificados apesar de alguns terem pesos diferentes em relação ao outro, nota-se que os fatores estudados são indissociáveis, não sendo possível apontar para um motivo ou causa isoladamente. Além disso, esse levantamento de base científica propiciou algumas sugestões para futuras ações visando combater a baixa frequência escolar. Vale ressaltar que esta dissertação não teve de forma alguma a pretensão de esgotar os estudos sobre os motivos que levam à baixa frequência escolar, mas sim, contribuir para avançar nas discussões e situar melhor as condições em que tal situação ocorre ao trazer o que pensam os alunos que vivenciam essa situação no âmbito da escola estudada.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. *Educação após Auschwitz*. In: Educação e emancipação. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p.119-138.

ALBANEZ, R. Aspectos determinantes que interferem para a evasão de discentes: um estudo com ex-alunos do curso de Ciências Contábeis em uma Instituição de ensino superior confessional. 2017. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis e Atuariais) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Contábeis e Atuariais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

ARAÚJO, C. F.; SANTOS, R. A. A educação profissional de nível médio e os fatores internos/externos às instituições que causam a evasão escolar. In: INTERNATIONAL CONGRESS ON UNIVERSITY - INDUSTRY COOPERATION, 4., Taubaté, 2012. Taubaté: Universidade de Taubaté, 2012. Disponível em: <http://www.unitau.br/unindu/artigos/pdf525.pdf> . Acesso em: 10 fev. de 2018.

BONFANTE, R; NEVES, L.A. Influência familiar na motivação para estudar e os reflexos sociais. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/09/Rosani-Bonfante.pdf>. Acesso em 01 de fevereiro de 2020.

BRASIL. Lei 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: MEC, 1996. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 12 fevereiro de 2018.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem. - 2. ed., 1.a reimpr. - Brasília: Ministério da Saúde; Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Histórico da Educação Profissional. Brasília, 2009. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/conaes-comissao-nacional-de-avaliacao-da-educacao-superior/190-secretarias-112877938/setec-1749372213/13175-centenario-da-rede-federal-de-educacao-profissional-e-tecnologica#navigation>. Acesso em 10 de novembro de 2018,

BRASIL. Ministério da Educação. Parecer CNE/CEB Nº 16/99. Disponível em http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/rede/legisla_rede_parecer1699.pdf. Acesso em 10 de novembro de 2018.

BRASIL. Presidência da República. DECRETO Nº 5.154 DE 23 DE JULHO DE 2004. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm. Acesso em 10 de novembro de 2018.

BRIGHENTI, J.; BIAVATTI, V. T.; SOUZA, T.R. Metodologias de ensino-aprendizagem: uma abordagem sob a percepção dos alunos. Revista GUAL, Florianópolis, v. 8, n. 3, p. 281-304, set. 2015.

CEETEPS. Banco de Dados da Cetec. Disponível em: <http://www.cpscetec.com.br/bdcetec/index.php>. Acesso em 10 de outubro de 2018.

_____. Sobre o Centro Paula Souza. Disponível em: <https://www.cps.sp.gov.br/sobre-o-centro-paula-souza/>. Acesso em 10 de outubro de 2018.

_____. Regimento Comum das Escolas Técnicas Estaduais do Centro Estadual de Educação Tecnológica “Paula Souza”. Disponível em: <http://goo.gl/drTquI>. Acesso em: 18 jul. 2016.

CEETEPS. 45 anos, 45 motivos de sucesso. Disponível em http://www.portal.cps.sp.gov.br/publicacoes/livro-45-anos/livro_45anos_cps.pdf. Acesso em 10 de janeiro de 2019.

CHARLOT, B. Da relação com o saber às práticas educativas. São Paulo: Editora Cortez, 2013.

CHAER, G. ; DINIZ, R. S. P; RIBEIRO, E. A. Técnica do questionário na pesquisa educacional. Evidência, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011.

CHECHIA, V. A. Intervenção com grupo de pais de alunos com insucesso escolar. 2009. ____p. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009.

COSTA, M. R.; GUIMARÃES, E. S. ; ROCHA, S. M. O. Sobre a infrequência de alunos no ensino médio numa escola pública estadual do Maranhão, Revista Ensino & Multidisciplinaridade, São Luís, v. 1, n. 2, , jul./dez. 2015, p. 122-137. Disponível em <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ensmultidisciplinaridade/article/view/4210/2234>. Acesso em: 10 fev. de 2018.

COSTA, J. S. O impacto da frequência pré-escolar dos filhos sobre o trabalho das mães no Brasil. Tese do Programa de Pós-graduação em Economia da Universidade de São Paulo. PIRACICABA-SP. 2011. 128 f.

COSTA, D. A. F. Fracasso Escolar: Diferença Ou Deficiência. 2º edição. São Paulo: Editora Kuarup, 1994.

COMIRAN, G. Crianças e adolescentes infrequentes na escola: desafios e limites dos mecanismos protetivos de direitos. Programa de pós-graduação em serviço social faculdade de serviço social mestrado em serviço social. Porto Alegre. 2009. 30 f.

DAYRELL, T. J.; JESUS, R. E. Juventude, ensino médio e os processos de exclusão escolar. Educ. Soc., Campinas, v. 37, nº. 135, p.407-423, abr.-jun., 2016.

DUBET, F. O que é uma escola justa? Cadernos de Pesquisa. São Paulo: FCCChagas, v.34, n. 123, p. 539-555, set/dez/1997.

_____. Democratização escolar e justiça da escola. Revista Educação. Santa Maria-RS: UFSM, v. 33, n. 3, p. 381-394, set./dez. 2008, p. 381-393.

FERNANDES, G; MARTINS, J. A. Assiduidade, motivação e fatores para o sucesso no processo de Ensino-aprendizagem no ensino politécnico. Situação e procedimento no instituto politécnico da guarda- ippgportugal. VI Clabes VI conferência Latinoamericana sobre el abandono e, la educacion superior. 2016.

FREITAS, A. A formação de professores para a educação profissional técnica de nível médio: a experiência do Centro Paula Souza. 2010. 147 f. il. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo, 2010.

GESQUI, Luiz Carlos. Organização Da Escola, Absentetismo Docente, Discente E Rendimento Escolar. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

HOLANDA, M. E. L. de. Infrequência discente : um estudo de caso na rede estadual do Ceará. 2015.128 f. Dissertação de mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

LAHIRE, B. Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997. Tradução de Ramon Américo Vasques e Sonia Goldefeder.

LEAO, G; DAYRELL, J. T. e REIS, J. B. Jovens olhares sobre a escola do ensino médio. *Cad. CEDES* [online]. 2011, vol.31, n.84, pp.253-273. ISSN 0101-3262. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622011000200006>.

LINHARES, M. E Infrequência discente: um estudo de caso na rede estadual do Ceará. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Gestão Avaliativa da Educação Pública – UFJF. JUIZ DE FORA – CE. 2015. 127 f.

MARTINS, A. M.; PARDAL, L. A. e DIAS, C. Ensino técnico e profissional: natureza da oferta e da procura. *INTERACÇÕES* NO. 1, PP. 77-97 (2005). Disponível em <http://www.eses.pt/interaccoes>.

MENEZES SILVA, N. Sucesso E Insucesso Na Educação Superior: As Representações Sociais Dos Estudantes Do Centro Acadêmico Do Agreste/UFPE. Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

NARCISO, L. G. S. *Análise Da Evasão Nos Cursos Técnicos Do Instituto Federal Do Norte De Minas Gerais - Campus Arinos*. 2015.

NOGUEIRA, A. A. S. Educação De Jovens E Adultos Na Cidade Do Natal: Uma Reflexão Sobre Sucesso E Insucesso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.

PIERINI, A. J.; SANTOS, S. M. C. O combate à infrequência escolar de crianças e adolescentes: a participação da rede de proteção social no programa apoia. Revista brasileira multidisciplinar – ReBraM, v. 19, n.1, 2016.

Plano Plurianual de Gestão da Etec Bento Carlos Botelho do Amaral. Disponível em: <http://www.etecguariba.com.br/downloads/cps.pdf>. Acesso em 10 de outubro de 2018.

PONTILI, R. M.; KASSOUF, A. L. Fatores que afetam a frequência e o atraso escolar, nos meios urbano e rural, de São Paulo e Pernambuco, Revista de Economia e Sociologia Rural, v. 45, n. 1, Brasília, jan/mar 2007.

PRODANOV, C. C. ; FREITAS, E.C. Metodologia do trabalho científico: Métodos e trabalhos da pesquisa e do trabalho acadêmico. Rio grande do Sul. Universidade de Feevale. 2013.

SANTOS, E. C. V. Insucesso Escolar: O Ponto De Vista Das Crianças Que O Vivenciaram. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

SANTOS, F. C. A redução do trabalho infantil e o aumento da frequência escolar na década de 90 no Brasil. 2007. 122f. Dissertação do Programa Pós-Graduação em Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo – USP. 2006. 112f.

SAMPAIO B. ; GUIMARÃES, J. Diferenças de eficiência entre ensino público e privado no Brasil. Econ. Apl. vol.13 no.1 Ribeirão Preto Jan./Mar. 2009. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-80502009000100003>.

SILVA, M. R. ; PELISSARI, L. B. e STEIMBACH, A. A. Juventude, escola e trabalho: permanência e abandono na educação profissional técnica de nível médio. Educ. Pesqui., São Paulo, Ahead of print, nov. 2012.

SILVA, S.P. Metodologias ativas: Relatos de Experiências do Centro Paula Souza. Paulo. Editora Fibra. 2019.

SILVA, A. P. F. Reprovados, Indisciplinados, Fracassados: As Micro-relações De Insucesso Escolar Na Perspectiva Do "aluno Problema". Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

SILVA, D. P. ; MONTEIRO, J. S. A influência da estrutura escolar no processo de ensino-aprendizagem: uma análise baseada nas experiências do estágio supervisionado em Geografia. Geografia Ensino & Pesquisa, v. 19, n.3 , set./dez. 2015.

SILVA FILHO, R. B.; ARAÚJO, R. M. L. Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências. Educação Por Escrito, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 35-48, jan.-jun. 2017.

SOARES, T. M. ; FERNANDES, N. S. ; NÓBREGA, M. C. ; NICOLELLEAI, A. C. Fatores associados ao abandono escolar no ensino médio público de Minas Gerais. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 41, n. 3, p. 757-772, jul./set. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201507138589>.

SOUZA, C. T. de. O excesso de faltas às aulas de matemática — visão de estudantes e professores. Programa de pós-graduação em educação em ciências e matemática- Pontifícia universidade católica do rio grande do Sul Faculdade de física. Porto Alegre – 2014.102 f.

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. 248 p.

ZENERATO, A. M. Evasão escolar no curso técnico em informática nas escolas técnicas do Centro Paula Souza. 2017. 47f. Dissertação do Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação da Universidade de Araraquara – UNIARA, Araraquara-SP.

APÊNDICE A

Questionário (online) aplicado aos alunos dos segundos módulos dos cursos técnicos noturnos da Etec Bento Carlos Botelho do Amaral.

1. Sexo

- Masculino ()
Feminino ()
Outros ()

Se você respondeu outros, como você se identifica/ define?

2. Idade

- Entre 15 e 17 ()
Entre 18 e 21 ()
Entre 22 e 25 ()
Entre 26 e 30 ()
Entre 31 e 35 ()
Acima de 35 ()

3. Renda Familiar

- Até R\$954,00 ()
Entre R\$954,00 e R\$1908,00 ()
Entre R\$1909,00 R\$2862,00 ()
Entre R\$2863,00 e R\$3816,00 ()
Entre R\$3817,00 e R\$4770,00 ()
Entre R\$4771,00 e R\$5724,00 ()
Acima de R\$5725,00 ()

4. Você exerce alguma atividade remunerada?

5. Como você identifica à sua cor/Raça/Etnia**6. Estado Civil**

Casado ()

Solteiro ()

Outros ()

Especifique

7. Você já fez algum curso técnico antes de estar cursando o atual?

Sim ()

Não ()

Se sim, qual foi o curso que fez, quando ingressou e quando concluiu.

8. Você já concluiu o ensino médio? Se sim, descreva o ano.**9. Possui algum curso Superior/ Faculdade?**

Sim ()

Não ()

Se sim, qual foi o curso que fez, quando ingressou e quando concluiu.

10. Faz faculdade a distância ao mesmo tempo em que estuda na etec?

Sim ()

Não ()

11. Outros cursos que já tenha feito Exemplos:

Música, dança, teatro, informática, Treinamentos, inglês, etc. Dê exemplos.

12. Seu relacionamento com os professores é

- Muito Bom ()
Bom ()
Ruim ()
Muito Ruim ()

13. Seu relacionamento com os colegas / alunos é

- Muito Bom ()
Bom ()
Ruim ()
Muito Ruim ()

14. Quanto seu trabalho interfere na sua frequência às aulas?

- Interfere muito ()
Interfere pouco ()
Quase não Interfere ()
Não Interfere ()
Não Trabalho ()

15. Cite duas disciplinas / componentes Curriculares que você mais gosta:

16. Cite duas disciplinas / componentes Curriculares que você menos gosta:

17. Algum componente Curricular / disciplina deixa você desmotivado?

- Sim ()
Não ()

Se sim, por quê?

18. Qual é o componente Curricular / disciplina que você mais tem dificuldade?

Por qual o motivo?

19. Que tipo de aula você mais gosta (Assinale uma ou quantas desejar)

- Expositiva: As que o professor escreve na lousa e pede para copiar ()
- Expositiva: aulas que o professor utiliza Datashow e explica ()
- Aulas dadas apenas com vídeos (filmes / documentários) ()
- Aulas feitas em laboratórios de Informática / de Química ()
- Estudo de caso: O professor traz uma situação real de mercado e você resolve questões referentes ao texto; ()
- Situações Problema: O professor passa um problema e você tem que resolvê-lo; ()
- Seminário :grupos de alunos apresentam e discutem um tema/problema ()

Outros tipos não citados (explicar os tipos de aula):

20. Que tipo de aula você MENOS gosta? (Assinale uma ou quantas desejar)

- Expositiva: As que o professor escreve na lousa e pede para copiar ()
- Expositiva: aulas que o professor utiliza Datashow e explica ()
- Aulas dadas apenas com vídeos (filmes / documentários) ()
- Aulas feitas em laboratórios de Informática / de Química ()
- Estudo de caso: O professor traz uma situação real de mercado e você resolve questões referentes ao texto; ()
- Situações Problema: O professor passa um problema e você tem que resolvê-lo; ()
- Seminário :grupos de alunos apresentam e discutem um tema/problema ()

Outros tipos não citados (explicar os tipos de aula):

21. Você já se desentendeu com algum aluno/ colega a ponto de se sentir desmotivado a ir às aulas?

- Sim mas não a ponto de me desmotivar a ir às aulas ()
- Sim, a ponto de desmotivar a frequentar as aulas ()
- Não... Nunca ()

22. Você já se sentiu perseguido por algum professor?

- Não... Nunca ()
Sim ()

Se sim, de que forma/ situação?

23. Você já se sentiu assediado na escola?

- Sim, Diversas Vezes. ()
Se sim, de que forma/ situação? ()
Sim, uma Vez ()

Se sim, por quem? (Professores, funcionários, alunos, coordenadores)

24. Já praticaram bullying com você na escola (Etec)?

- Não... Nunca ()
Sim, diversas vezes ()
Sim, uma vez ()
Sim, estou sofrendo atualmente ()

Se sim, por quais motivos?

25. Excesso de eventos extraclasse (como palestras/festas) deixa você desmotivado a ir à escola?

- Sim, diversas vezes ()
Sim, uma vez ()
Não... Nunca ()

Se sim, por quais motivos?

26. Você já foi ofendido por algum professor ?

- Sim, diversas vezes ()
Sim, uma vez ()

Não... Nunca ()

27. Você acha que os professores exigem muitos trabalhos extraclasse (para serem feitos em casa)?

Sim ()

Não ()

Se sim, quais disciplinas?

28.Sua Frequência está (cada aluno será informado quanto à sua frequência)

Entre 50% e 74% ()

Entre 75% e 85% ()

Acima de 85% ()

29. Com que frequência você falta às aulas por estar cansado (a) ?

Sempre ()

Quase sempre ()

Às vezes ()

Nunca por esse motivo ()

30. Sua família incentiva você a estudar?

Incentiva bastante ()

Incentiva ()

Incentiva Pouco ()

Não incentiva ()

Não Opinam, não dão opinião a respeito ()

31. Você gosta do curso que faz?

Gosto Muito ()

Gosto ()

Gosto um Pouco ()

Não gosto ()

Caso tenha respondido não gosto, explique o motivo

32. Suas faltas se justificam por (assinale uma ou mais)

Problemas de saúde ()

Problemas familiares ()

Falta de transporte ()

Questões financeira ()

Cansaço ()

Desânimo ()

Aulas pouco atraentes ()

Apontar outras causas não relacionadas acima

33. O que levou você a escolher esse curso?

Trabalho ()

Pais ()

Amigos ()

- Professores ()
Alta Empregabilidade na Área ()
Outros Motivos ()

Se você escolheu Outros Motivos, descreva-os

34. Seu desempenho escolar é um fator de desmotivação para não ir à escola?

- Sim ()
Não ()

Se sim, explique.

35. Você falta às aulas por ter necessidade de cuidar de familiares (idoso, pai, mãe, irmãos, avós, pessoas com necessidades especiais)

- Sim, já precisei faltar por esse motivo ()
Sim, falto com frequência por esse motivo ()
Não ()

36. Você sente alguns desses sintomas?

- Autismo ()
- Ansiedade ()
- Depressão. ()
- Transtorno obsessivo-compulsivo (TOC). ()

- Esquizofrenia ()
- Transtornos alimentares ()

- Estresse pós traumático ()
- Transtorno bipolar. ... ()
- Síndrome ou transtorno do pânico()
- Não sinto nenhum ()

Descreva outros sintomas não relacionados acima

37. A distância da sua casa até a Etec, atrapalha / desmotiva a ir às aulas ?

Sim, um pouco ()

Sim, muito ()

Não influencia ()

38. Você precisa de transporte público para ir à Etec?

Sim ()

Não. ()

Se sim, existe um transporte adequado?

39. De que forma você se locomove para chegar à Etec?

40. Você gostaria de fazer mais algum comentário sobre os motivos que desanimam você a frequentar a escola?

APÊNDICE B



UNIVERSIDADE DE ARARAQUARA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Rua Voluntários da Pátria, 1309 Centro – Araraquara - SP
 CEP 14801-320 – Telefone: (16) 3301.7263

www.uniara.com.br/comite-de-etica

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de identificação

Título do Projeto: UMA ANÁLISE SOBRE AS POSSÍVEIS CAUSAS DE BAIXA FREQUÊNCIA - NOS CURSOS MODULARES NOTURNOS - DE UMA ESCOLA TÉCNICA DA REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO

Pesquisador Responsável: Wallance Manoel da Cunha

Nome _____ do _____ participante:

Data de nascimento: ____/____/____ R.G.: _____

Responsável _____ legal:

R.G.: _____

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, do projeto de pesquisa UMA ANÁLISE SOBRE AS POSSÍVEIS CAUSAS DE BAIXA FREQUÊNCIA - NOS CURSOS MODULARES NOTURNOS - DE UMA ESCOLA TÉCNICA DA REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO”, de responsabilidade do pesquisador Wallance Manoel da Cunha.

Leia cuidadosamente o que segue e me pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que consta em duas vias. Uma via pertence a você e a outra ao pesquisador responsável. Em caso de recusa você não sofrerá nenhuma penalidade.

Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

1. Esse trabalho tem como **objetivo** entender de forma sistêmica, os motivos que levam os alunos dos cursos técnico modulares noturnos – dos segundos módulos

- a ficarem abaixo dos 75% de frequência, se é por motivo extraescolar (cultural / pessoal) ou intraescolar (pedagógico ou de relacionamento).
2. A minha participação nesta pesquisa consistirá em responder, a um questionário, previamente elaborado pelo pesquisador, com questões que abordam o tema da pesquisa, destacando o que os motivos que acarretam a baixa frequência, destacando problemas de relacionamentos com professores e alunos, metodologias de ensino, fatores pessoais como doenças, cansaço advindo do trabalho; e para isso, o questionário será aplicado em um laboratório através da ferramenta *google forms* pelo autor durante o horário das aulas, tendo como estimativa trinta minutos de duração.
 3. Durante a execução da pesquisa poderão ocorrer riscos como a possibilidade dos sujeitos da pesquisa não se sentirem à vontade o suficiente para responder ao questionário solicitado, entretanto, tais riscos serão minimizados, pois, os alunos terão tempo para ler atentamente as questões, tendo a opção de parar ou não responder alguma pergunta, além de não se identificarem na pesquisa.
 4. Ao participar desse trabalho entendo que estarei contribuindo com dados que possam possibilitar meios para melhoria das condições de trabalho, não apenas dos professores, mas de toda equipe escolar, fazendo do ambiente escolar um local de construção dos saberes, respeito e afeto, sendo esses benefícios diretamente ligados à minha pessoa, além contribuir de forma positiva para o aprofundamento de conhecimentos científicos relacionados ao tema da pesquisa.
 5. A minha participação neste projeto deverá ter a duração em média de trinta minutos..
 6. Não terei nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderei deixar de participar ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e não sofrerei qualquer prejuízo.
 7. Fui informado e estou ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação, no entanto, caso eu tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, serei ressarcido.
 8. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente de minha participação no estudo, poderei ser compensado conforme determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde
 9. Meu nome será mantido em sigilo, assegurando assim a minha privacidade, e se eu desejar terei livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais

sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

10. Fui informado que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e que os resultados poderão ser publicados.
11. Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Wallance Manoel da Cunha, pesquisador responsável pela pesquisa, telefone: 16- 99147-6285, e-mail: wallance.cunha@etec.sp.gov.br, e/ou com Comitê de Ética em Pesquisa da Uniara, localizado na Rua Voluntários da Pátria nº 1309 no Centro da cidade de Araraquara-SP, telefone: 3301.7263, e-mail: comitedeetica@uniara.com.br, atendimento de segunda a sexta-feira das 08h00min. – 13h00min. - 14h00min – 17h00min.

Eu, _____, RG nº _____ declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Eu, _____, RG nº _____, responsável legal por _____, nascido(a) em ____/____/____, declaro ter sido informado (a) e concordo com a participação, do (a) meu filho (a) como participante, no Projeto de pesquisa “*Estudo sobre o perfil do aluno ingressante do ensino técnico integrado ao médio e suas vivências escolares*”.

Guariba, __ de _____ de 20_____.

Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento

APÊNDICE C

**UNIVERSIDADE DE ARARAQUARA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

Rua Voluntários da Pátria, 1309 Centro – Araraquara - SP

CEP 14801-320

–

Telefone:

(16)

3301.7263

www.uniara.com.br/comite-de-etica

TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “ UMA ANÁLISE SOBRE AS POSSÍVEIS CAUSAS DE BAIXA FREQUÊNCIA - NOS CURSOS MODULARES NOTURNOS - DE UMA ESCOLA TÉCNICA DA REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO”, que faz parte do Programa de Pós-Graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação – Mestrado; da Universidade de Araraquara.

Queremos entender os motivos que levam os alunos dos cursos técnico modulares noturnos – dos segundos módulos - a ficarem abaixo dos 75% de frequência, se é por motivo extraescolar (cultural / pessoal) ou intraescolar (pedagógico ou de relacionamento).

Os alunos/ sujeitos, que irão participar desta pesquisa têm de 15 a 60 anos de idade.

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir.

A pesquisa será feita na sala de aula, no período regular de aulas que se encontram matriculados, os alunos-sujeitos da pesquisa, deverão responder, ao questionário, previamente elaborado pelo pesquisador. Para isso, o questionário será digital – pela ferramenta *google forms* - e sua aplicação será agendada de acordo com o interesse de todos os envolvidos.

O questionário será sigiloso e considerado seguro, mas é possível ocorrer riscos, entre eles problemas relacionados a possibilidade dos sujeitos da pesquisa não se sentirem à vontade o suficiente para responder ao questionário solicitado. Caso aconteça algo errado, você pode desistir ou não responder alguma questão. O pesquisador Wallance Manoel da Cunha aplicará o questionário, portanto, o mesmo poderá intervir se algum desconforto acontecer, ele tomará as providências necessárias para que seu bem-estar seja restaurado. A pesquisa respeitará as normas estabelecidas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Mas há coisas boas que podem acontecer; como um sentimento de pertencimento social a partir de sua contribuição, e a possibilitar através desta pesquisa em levantar dados que possam trazer melhores condições de trabalho aos professores, fazendo do ambiente escolar um local de respeito e afeto, para todos, além de contribuir de forma

positiva para o aprofundamento de conhecimentos científicos relacionados ao tema da pesquisa.

Não será possível identificá-lo, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der, e seu (nome/imagem/voz) não irá aparecer em nenhum lugar. Ninguém ficará bravo ou desapontado com você se você escolher não responder o questionário. A escolha é sua. Você pode pensar nisto e falar depois se você quiser. Você pode dizer sim agora e mudar de ideia depois e tudo continuará bem.

Quando terminarmos a pesquisa, você e seus pais serão informados, os resultados da pesquisa vão ser divulgados, mas sem identificar os participantes, e poderá também ser publicada em uma revista, ou livro, ou conferência, etc.

Se você tiver alguma dúvida, você pode entrar em contato com as pessoas relacionadas a seguir:

Wallance Manoel da Cunha (pesquisador) - tel. (16) 99147-6285 e/ou Maria Aparecida Beltrame (coordenadora pedagógica da escola) – tel. (16) 981763717. Comitê de Ética em Pesquisa da Uniara, localizado na Rua Voluntários da Pátria nº 1309 - Centro da cidade de Araraquara-SP, telefone: 3301.7263, e-mail: comitedeetica@uniara.com.br, atendimento segunda a sexta-feira das 08h00min. – 13h00min. - 14h00min – 17h00min.

Certificado de Assentimento

Eu _____
entendi que a pesquisa é sobre o estudo sobre o perfil do jovem ingressante do Etim administração e informática e que faz parte do programa de Mestrado da Universidade de Araraquara.

A pesquisa será realizada através de um questionário, no horário regular das aulas.

Entendi ainda que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar bravo ou indiferente à minha pessoa.

O pesquisador tirará minhas dúvidas e conversará com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

Nome e/ou assinatura da criança/adolescente:

Nome e assinatura dos pais/responsáveis:

Nome e assinatura do pesquisador responsável por obter o consentimento:

Guariba, ____ de _____ de 20__ .

Rubrica do pesquisador: _____.

Rubrica do participante/responsável: _____.